

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL UFES-UNIVASF**

JOÃO ALVES DO NASCIMENTO JÚNIOR

**“A CARROCINHA PEGOU...”
UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA
CAPTURA E SACRIFÍCIO DE CÃES DE RUA NO
RECIFE-PE**

VITÓRIA – ES

2012

JOÃO ALVES DO NASCIMENTO JÚNIOR

“ A CARROCINHA PEGOU...”

**UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CAPTURA E
SACRIFÍCIO DE CÃES DE RUA NO RECIFE-PE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora:

Profa. Dra. Zeidi de Araújo Trindade.

Co-orientador:

Prof. Dr. Daniel Henrique P. Espindula

VITÓRIA-ES

2012

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos: **João Pedro, Maria Alice e Luciano**,
razão primeira de todos os meus esforços;

À minha mãe, **Bernadete**, que me deu os bens mais
preciosos: a vida, amor, educação e exemplo;

A **Regina Coeli**, ex-esposa, mas grande companheira
para a vida toda;

Às minhas irmãs, cunhados, sobrinhas e sobrinhos, em
especial a **Lourdinha, Gabi, Germana, Maria,
Bernardo e Joaquim** (a família de Petrolina);

Aos **amigos** e **amigas** queridos que fazem minha vida
mais feliz;

Para vocês !

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelo Dom da Vida, da saúde, da fé e por ter me dado forças para mais esta conquista;

À minha família, pelo carinho, conforto e apoio em todos os momentos;

À minha Orientadora, **Profª Drª Zeidi Araújo Trindade**, pelos ensinamentos, entusiasmo, apoio, paciência e coragem em fazer de um Médico Veterinário Doutor em Psicologia;

Ao **Prof. Dr. Daniel Espíndula**, co-orientador deste trabalho, pelo apoio em meu aprendizado;

À **Profª Drª Célia Nascimento**, pela colaboração inestimável nesse trabalho;

Ao **Prof. Dr. Lauro Boechar** pela ajuda valiosa nas análises estatísticas;

A **Maria Eduarda e Priscilla Saldanha**, pelo apoio na aplicação das entrevistas;

Aos amigos do **Centro de Vigilância Ambiental** e da **Secretaria de Saúde do Recife** que me abriram as portas e os braços em apoio a este trabalho;

Aos Oficiais de Controle Animal – **OCA** do **CVA** do Recife, pela colaboração;

A todos que se prontificaram a responder às entrevistas;

À **FACEPE**, pelo apoio financeiro;

A **PRPPG da UNIVASF** parceira incondicional nesse sonho;

Aos **docentes da Pós-graduação em Psicologia da UFES**, pela generosidade em partilhar conosco seus conhecimentos;

Aos **funcionários da Pós-graduação em Psicologia da UFES**, em especial a **Lúcia**, pela dedicação, paciência e simpatia;

Aos **colegas de trabalho do Colegiado de Medicina Veterinária da UNIVASF**, pela torcida e apoio;

Aos meus **alunos**, pela colaboração e incentivo;

Aos **colegas do MINTER/DINTER**, companheiros nessa caminhada;

Aos **idealizadores e coordenadores do MINTER/DINTER**, nas duas instituições, e de uma forma especial ao Colega **Darlindo**, batalhador incansável, por esta oportunidade impar de capacitação;

À **Administração superior da UNIVASF**;

A todos que, mesmo não citados aqui, foram importantes na concretização desse sonho;

MUITO OBRIGADO

"Ultrapassa-te a ti mesmo a cada dia, a cada instante. Não por vaidade, mas para corresponderes à obrigação sagrada de contribuir sempre mais e sempre melhor, para a construção do Mundo. Mais importante que escutar as palavras é adivinhar as angústias, sondar o mistério, escutar o silêncio. Feliz de quem entende que é preciso mudar muito para ser sempre o mesmo".

Dom Helder Câmara

RESUMO

NASCIMENTO JÚNIOR, João Alves do. “ A CARROCINHA PEGOU...”UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CAPTURA E SACRIFÍCIO DE CÃES DE RUA NO RECIFE-PE. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2012.

Historicamente as políticas de controle de zoonoses e de populações animais nos centros urbanos incluem em suas práticas a captura e sacrifício de animais errantes ou comprovadamente portadores de enfermidades transmissíveis ao homem. O veículo utilizado nestas atividades é conhecido como “carrocinha”, e atrai para si toda a impopularidade que estas medidas sanitárias provocam em grande parte da população. Esta rejeição, manifestada pela militância das Entidades Protetoras de Animais, tem se acirrado ao longo do tempo, tomado espaço na mídia e adquirido proporções significativas ocupando as pautas dos poderes legislativos e judiciário. No lado oposto à militância estão as autoridades sanitárias, e entre eles a população e os trabalhadores da saúde envolvidos na atividade. Este é o cenário de um conflito ético, moral e legal, com repercussões sérias para a saúde pública. Fundamentado na Teoria das Representações Sociais, o presente estudo objetivou conhecer as Representações Sociais (RS) sobre a carrocinha e o “cão de rua” construídas por três sujeitos coletivos desse dilema na Cidade do Recife: a população, a militância protetora dos animais e os Oficiais de Controle Animal (OCA) do Centro de Vigilância Ambiental (CVA), órgão responsável pelo controle de zoonoses no Recife. Pretendeu-se também identificar os elementos que participam do processo de objetivação e ancoragem dessas RS. Três artigos compõem essa tese: o primeiro dedica-se a identificar as RS referidas, construídas pela população do município, estratificada por gênero e grau de escolaridade; o segundo artigo propõe-se a estudar as RS sobre os objetos em questão expressas nas páginas eletrônicas das Entidades Protetoras de Animais com atuação no Recife; e no terceiro estudamos as RS dos OCA sobre o cão de rua e o seu trabalho, a carrocinha. Nos três artigos os dados foram analisados utilizando-se o método da Análise de Conteúdo. Enquanto a população, independente de gênero e escolaridade, representa o cão de rua, apesar da compaixão que eles suscitam, como uma ameaça à saúde coletiva, RS partilhada pelos OCA, os textos das entidades protetoras representam esses animais como seres detentores dos mesmos direitos à vida, mesmo que nas ruas, e como vítimas principalmente das autoridades sanitárias que os perseguem. As RS sobre os cães de rua são elementos que ancoram as diferentes RS sobre a carrocinha: enquanto a população a compreende como uma ferramenta de proteção à saúde, embora rejeite seus métodos e o sacrifício dos animais, os OCA, a representam como uma medida eficaz para, além de proteger a saúde humana, principalmente minimizar o sofrimento dos próprios animais, mas a RS dos associados das entidades protetoras dos animais sobre a carrocinha é a de um instrumento injusto, inaceitável e de tortura contra os animais. Em meio a este conflito, os OCA constroem uma RS de si próprios como uma categoria estigmatizada, hostilizada pela comunidade a que servem. Considerando o caráter indutor de comportamentos e de julgamentos, inerentes às RS, e a sua mutabilidade, o conhecimento dessas representações, e dos elementos que as objetivam e ancoram, constituem um subsídio importante para as autoridades sanitárias, que precisam administrar esses conflitos e interesses.

Palavras-chave: representações sociais; carrocinha, cão de rua; zoonoses.

ABSTRACT

NASCIMENTO JUNIOR, João Alves do. "THE DOG CATCHER CAUGHT ..." A STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS OF CAPTURE AND SACRIFICE OF STREET DOGS IN RECIFE-PE. Thesis (Doctorate in Psychology). Post-Graduate Program in Psychology, Federal University of Espírito Santo, Vitória / ES, 2012.

Historically the political control of zoonoses and animal populations to urban centers include in their practices to capture and sacrifice of animals wandering or proven carriers of diseases transmissible to humans. The vehicle used in these activities is known as "Dog catcher", and attracts to itself all the unpopularity that causes these health measures in a large population. This rejection expressed by the militancy of the Animal Protective Entities, has strained over time, taken in the media and acquired significant proportions occupying the agendas of legislative and judicial powers. Opposite the militancy are the health authorities, and between the public and health workers involved in the activity. This is the scenery of an ethical conflict, moral and legal, with serious implications for public health. Based on the Theory of Social Representations, systematized by Moscovici, this study aimed to identify the Social Representations (RS) about the "Dog Catcher" and "street dog" constructed by three collective subjects of this dilemma in Recife: the population, the protector of militancy Animals and Animal Control Officers (OCA) of the Center for Environmental Monitoring (CVA), the body responsible for the control of zoonoses in Recife. It was intended to also identify the elements involved in the process of objectification and anchoring these RS. Three items make up this thesis: the first is dedicated to identifying those RS, built by the city population, stratified by gender and educational level, the second article proposes to study the RS on the objects in question expressed the websites Animal Protective Entities operating in Recife, and the third studied the OCA on the RS "street dog" and its work, the "Dog Catcher". In the three articles the informations were analyzed using the method of content analysis, described by Bardin. While the population, regardless of gender and education, is the "street dog", despite the compassion they generate, as a threat to public health, RS shared by the OCA, the texts of these entities represent protective animals as beings with the same rights holders life, even in the streets, and primarily as victims of health authorities who persecute them. The RS on the "street dogs" are different elements that anchor the RS "Dog Catcher": the population understands as a tool to protect health, while rejecting its methods and the sacrifice of animals, the OCA, to represent as an effective measure, while protecting human health, especially to minimize the suffering of the animals themselves, but the RS of animal protection organizations about the "Dog catcher" is an instrument of unfair, unacceptable and torture against animals. In the midst of this conflict, the OCA build an RS of themselves as a category stigmatized, ostracized by the community they serve. Considering the character-inducing behaviors and judgments inherent in the RS, and its mutable, knowledge of these representations, and the elements that aim and anchor, are an important subsidy for health authorities, who need to manage these conflicts and interests.

Keywords: social representations; dog catcher, street dog; zoonoses.

RÉSUMÉ

NASCIMENTO JÚNIOR, João Alves do. La « carrocinha » a trappé : Une étude des représentations sociales sur les captures et les sacrifices des chiens errants sur la rue de la Ville de Recife-PE. Thèse (Doctorat en Psychologie). Programme d'études supérieures en psychologie.

Historiquement, la politique de contrôle des zoonoses et des populations animales dans les centres urbains est marquée par la pratique de capture et de sacrifice des animaux errants ou qui sont contaminés et transporteurs de maladies transmissibles à l'homme. Le véhicule utilisé dans ces activités est connu comme «carrocinha» (véhicule par le service de ramassage), et attire à lui toutes les impopularités qui causent ces mesures de santé. Ce rejet exprimé par les organismes des entités protecteur des animaux, a tendu au fil du temps, pris la publicité dans la média a acquis des proportions importantes qui occupent les agendas des pouvoirs législatifs et judiciaires. En face de ces organismes ont trouve les autorités sanitaires, et parmi eux les travailleurs du secteur public et de la santé que sont impliqués dans l'activité. C'est le scénario d'un conflit éthique, moral et juridique, avec de graves conséquences pour la santé publique. Basé sur la Théorie des Représentations Sociales, systématisée par Moscovici, cette étude visait à identifier les Représentations Sociales (RS) sur le « carrocinha » et chien errant construit par trois sujets collectifs de ce dilemme à la Ville de Recife: la population, l'organisme protecteur des animaux et les Agents de Contrôle des Animaux du Centre de Surveillance de l'Environnement, l'organisme responsable par le contrôle de zoonoses à la Ville de Recife. Il avait pour but d'identifier également les éléments impliqués dans le processus d'objectivation et l'ancrage de ces RS. Trois articles composent cette thèse: la première est consacrée à identifier les RS, construites par la population de la Ville, stratifiés selon le sexe et le niveau d'instruction ; le deuxième article se propose d'étudier la RS sur les objets en question publiés sur les sites de protection des animaux à la Ville de Recife ; et le troisième a étudié les RS de Contrôle Animal du Centre de Vigilance Environnemental, sur le chien errant et son travail, a « carrocinha ». Dans les trois articles, les données ont été analysées en utilisant la méthode d'analyse de contenu, décrite par Bardin. Alors que la population, sans distinction de sexe et de scolarité, représente le chien errant, malgré la compassion qu'ils génèrent, comme une menace pour la santé publique, la RS partagée par le organisme protecteur des animaux, à partir des textes de ces entités, représentent ces animaux en tant que détenteurs des mêmes droits à vie, même en situation errant, et en premier lieu comme des victimes des autorités sanitaires qui les persécutent. La RS sur les chiens errants sont autant d'éléments qui ancrent la RS sur la « carrocinha »: la population comprend comme un outil pour protéger la santé, malgré que rejettent ses méthodes et le sacrifice des animaux. Les agents du Contrôle Animal du Centre de Vigilance Environnemental les représentent comme une mesure efficace, tout en protégeant la santé humaine, notamment pour minimiser la souffrance des animaux eux-mêmes, mais les RS des organismes de protection des animaux sur la « carrocinha » considère un instrument injuste, inacceptable et de torture contre les animaux. Au milieu de ce conflit, les agents du Contrôle Animal du Centre de Vigilance Environnemental construire une RS d'eux-mêmes comme une catégorie stigmatisée et ostracisée par la communauté qu'ils servent. En prenant compte des aspects induisant des comportements et jugements inhérents à la RS, et son mutualité, la connaissance de ces représentations, et des éléments que l'objectif et l'ancre, sont une importante subvention pour les autorités sanitaires, qui ont besoin de gérer ces conflits et ces intérêts.

Mots-clés: représentations sociales, « carrocinha », chien errant; zoonoses.

SUMARIO

LISTA DE TABELAS

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	15
OBJETIVOS.....	26
ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	28
ARTIGO I.....	31
ARTIGO II.....	64
ARTIGO III.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	132
ANEXOS.....	137
APÊNDICES.....	140

LISTA DE TABELAS

ARTIGO I

- TABELA 1 -** Categorização de respostas dos entrevistados do gênero masculino sobre o tema “cão de rua”, classificados por nível de escolaridade. Recife. 2012
- TABELA 2 -** Categorização de respostas dos entrevistados do gênero feminino sobre o tema “cão de rua”, classificados por nível de escolaridade. Recife. 2012
- TABELA 3 -** Categorização de respostas dos entrevistados do sexo masculino sobre o tema “carrocinha”, classificados por nível de escolaridade. Recife. 2012
- TABELA 4 -** Categorização de respostas dos entrevistados do sexo feminino sobre o tema “carrocinha”, classificados por nível de escolaridade. Recife. 2012

ARTIGO II

- TABELA 1 -** Distribuição das postagens nos sites de ong’s protetoras de animais e sites de relacionamento, conforme a intencionalidade da informação. Recife. 2012

ARTIGO III

- TABELA 1 -** Distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA relacionadas ao objeto “O QUE DIZEM SOBRE O PRÓPRIO TRABALHO”. Recife. 2012
- TABELA 2 -** Distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA relacionadas ao objeto “O QUE DIZEM SOBRE A CARROCINHA”. Recife. 2012
- TABELA 3 -** Distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA relacionadas ao objeto “O QUE AS PESSOAS FALAM SOBRE A CARROCINHA”. Recife. 2012
- TABELA 4 -** Distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA relacionadas ao objeto “O QUE FALAM DE SUA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS APREENDIDOS”. Recife. 2012

APRESENTAÇÃO

Por dezesseis anos consecutivos desempenhei minhas atividades profissionais, como Médico Veterinário, na Secretaria Municipal de Saúde do Recife, Capital do Estado de Pernambuco. Desenvolvi minhas funções em vários setores da instituição, ocupando cargos técnicos e de gestão.

Em fevereiro de 2000 fui convocado a assumir a gerência do Centro de Vigilância Animal, que um ano depois se tornaria Centro de Vigilância Ambiental – CVA da mesma Secretaria Municipal de Saúde. Permaneci no cargo até agosto de 2006.

Dentre as atividades sob a responsabilidade desta Unidade de Saúde encontrava-se a coordenação, no âmbito do município, das ações de controle de zoonoses. A “carrocinha”, ou seja, a captura e, posterior eutanásia dos cães de rua, como estratégia de prevenção e controle de enfermidades transmitidas à espécie humana pelos animais, figurava, portanto, dentre o elenco de atribuições do CVA.

A temida e odiada carrocinha, era agora um de meus objetos de trabalho e o “homem da carrocinha”, meu colega.

“Que gente é essa?” Impossível não me perguntar. Quem são esses trabalhadores, aparentemente iguais a tantos outros, mas que têm como ofício capturar, remover e cuidar de animais abandonados até o seu destino final, na maioria dos casos, o sacrifício, ou eutanásia, como se chama o procedimento técnico para abreviar a vida do animal com um mínimo de sofrimento.

Imbuído de autoridade sanitária e de conhecimento técnico-científico que me apontava o que precisava ser feito, não me restava alternativa a não ser coordenar e possibilitar que a carrocinha executasse sua função.

Muitas, no entanto, eram as manifestações contrárias. Incontáveis as vezes em que, na condição de gestor precisei prestar esclarecimentos junto às autoridades judiciárias, à imprensa, à população de uma forma geral, sobre o trabalho desenvolvido pela carrocinha.

Mesmo com toda convicção advinda da ciência, era difícil perceber que grande parte da população, destinatária final de nosso trabalho, nos hostilizava.

Será que este conhecimento e convicção é também uma verdade para os “laçadores” de cães, ou Oficiais de Controle Animal, como são hoje denominados? Será que este argumento realmente lhe serve de alento frente ao preconceito, traduzido em agressões e xingamentos de que são frequentemente vítimas?

“*Que gente má !!*” Sempre tive a preocupação de compreender como estes profissionais, que desde criança aprendemos a chamar de “gente má”, encontravam sobriedade, serenidade, para continuar executando suas tarefas, mesmo conscientes do estigma que os envolvia.

Enfim, me via então no centro de um conflito ético e moral, de proporções ainda desconhecida para a saúde pública, e porque não admitir, para minha vida pessoal?

Estas foram questões que, enquanto gestor de serviço de saúde, não tive oportunidade, frente às constantes e crescentes demandas da população e da administração, de buscar soluções. Hoje, professor universitário, e, portanto comprometido com a pesquisa e a extensão, que aproxima a academia do serviço, pude ressuscitar em mim essas inquietações e debruçar-me sobre elas.

Conhecer a Teoria das Representações Sociais, sistematizada por Serge Moscovici, descortinou para mim a possibilidade de teorizar, refletir cientificamente sobre esse conflito.

Conhecer as representações sociais (RS) construídas pelos diversos sujeitos envolvidos nesse dilema, e os elementos que participam da objetivação e ancoragem dessas RS, é, pois o objetivo principal deste estudo, que pretende apoiar assim o repensar e o planejar das ações de controle de zoonoses na atualidade.

INTRODUÇÃO

Desde as mais remotas épocas da civilização humana, a convivência com os animais tem sido uma constante. Muitos são os benefícios oriundos dessa associação: proteção, alimentação, companhia e até apoio terapêutico são algumas dessas vantagens. No entanto, toda convivência tem seu ônus, e não seria diferente com os animais, especialmente nos espaços urbanos. Acidentes, muitas vezes fatais, mordeduras e a transmissão de doenças, são alguns dos problemas relacionados com a presença de cães e gatos nos lares e nas ruas (GOMES & MENEZES, 2009; LAGES, 2009)

As doenças naturalmente partilhadas entre os animais vertebrados e o homem são denominadas Zoonoses, pela Organização Mundial de Saúde (ACHA & SZYFRES, 1986). Mais da metade dos microrganismos patogênicos conhecidos que infectam os seres humanos têm um animal vertebrado como reservatório. São, portanto, agentes etiológicos de zoonoses (TAYLOR, 2001; GOMES & MENEZES, 2009; PFUETZENREITER *et al*, 2004; SVS, 2010). Como ilustração da magnitude do problema, estimativas oficiais afirmam que a cada 10 a 15 minutos uma pessoa morre de raiva no mundo e a cada hora 1.000 pessoas recebem tratamento antirrábico (BELLOTO, 2011).

As medidas de prevenção e controle de zoonoses no Brasil são históricas, e coincidem com o período pós descobertas de Louis Pasteur sobre o vírus da raiva. A primeira legislação que se tem conhecimento no país com essa finalidade, data de 1895, a Lei nº 143 do Município de São Paulo, que proibia a circulação de cães soltos nas ruas, complementada mais adiante pelo Acto nº 132 de 31 de março de 1902, que previa a apreensão e “matança” dos animais capturados em vias públicas pelo processo “julgado melhor e mais rápido” (GOMES & MENEZES, 2009; ALMEIDA & SOUZA, 2011).

Na atualidade, com o a implantação, em 1973, do Programa Nacional de Controle da Raiva Urbana no Brasil, o Ministério da Saúde instituiu unidades de Saúde que seriam

as executoras do referido programa nos municípios denominadas Centros de Controle de Zoonoses – CCZ (ALMEIDA & SOUZA, 2011).

Por CCZ entende-se a base operacional municipal e do DF responsável pela execução da Vigilância e Controle Ambiental, através do manejo e controle das populações animais, visando a profilaxia das zoonoses e doenças transmitidas por vetores, além dos agravos e incômodos causados por eles (FUNASA, 2003). A Portaria MS/GM nº 1.172, de 15 de junho de 2004, entre outros dispositivos, enfatiza a competência legal dos municípios brasileiros para controlar animais em sua área de circunscrição.

Os CCZ's são equipamentos públicos fornecidos pelo Ministério da Saúde, porém entregues aos municípios para operacionalização e manutenção, o que implica em atuações e situações bastante distintas. No Recife, esta unidade de saúde é denominada Centro de Vigilância Ambiental – CVA. No entanto, uma atividade comum a todas estas unidades espalhadas pelo país, e em várias partes do mundo, é a captura e remoção de animais errantes, ou seja, sem proprietários, portadores de zoonoses ou que representem riscos à saúde humana (WHO, 1990; MOLLENTO, 2007; NOCITI *et al*, 2011).

Tais medidas, no Brasil, constituem procedimentos corriqueiros e respaldados pelo Ministério da Saúde, no entanto, não gozam da aceitação de parcela considerável da população. O sacrifício dos animais capturados, como medida de redução de população hospedeira, é alvo de críticas e do repúdio das organizações não governamentais de proteção animal. Nem mesmo o termo “eutanásia”, utilizado na atualidade em substituição à palavra “sacrifício”, consegue aplacar esta repulsa (BORTOLOTTI & D'AGOSTINO, 2007).

O Parecer Técnico nº 08/2012-CGDT/DEVEP/SVS/MS, da Coordenação Geral de Doenças Transmissíveis - CGDT da Secretaria Nacional de Vigilância em Saúde – SVS/MS esclarece que atividades de “Saúde Animal e Bem Estar Animal” não estão

incluídas no elenco de ações financiadas pelo Sistema Único de Saúde – SUS, e que a utilização destes recursos por gestores de Serviços de Saúde constitui prática ilegal do uso de recursos públicos puníveis com os rigores da lei. Enfim, os órgãos de saúde municipais são responsáveis pela proteção e promoção da saúde humana e, portanto, responsáveis por minimizar ou prevenir todo e qualquer fator de risco sanitário, inclusive aqueles representados pela presença de cães errantes. No entanto, mesmo se fosse economicamente possível, não seria lícito manter tais animais por tempo indeterminado, alimentados e cuidados com recursos do SUS. Portanto, uma destinação para os animais recolhidos nas ruas, entregues pelos seus proprietários ou por eles abandonados, precisa ser adotada. A disponibilização à adoção pela população tem sido uma prática comum, inclusive pelo CVA do Recife, no entanto, um percentual ínfimo, em torno de 5%, consegue ser adotado, o que parece lógico já que seria contraditório esperar que a mesma população que abandona, possa solucionar o problema pela adoção. Sendo assim, o sacrifício, após um tempo mínimo pré-estabelecido (03 dias), passa a ser a alternativa mais usada para destinar os animais recolhidos ao serviço de saúde (ALONSO, 2005).

No meio deste dilema ético o conhecimento técnico-científico, baseado na epidemiologia, difundido pelos órgãos de saúde, esbarra na informação divulgada, com a força de militância, pelas Organizações Não Governamentais (ONG's) de Proteção Animal, utilizando diversas formas de mídia, especialmente a internet. Fruto deste confronto a imprensa e os órgãos jurídicos dividem-se, ora em defesa da carrocinha, ora veementemente contra.

O Diário de Pernambuco, um dos maiores jornais do Recife, em 10/12/2008 publica matéria intitulada “Protesto contra carrocinha” onde discorre sobre os argumentos das ONG's para o fim da “carrocinha” e incentiva a assinatura de uma petição com essa

finalidade¹, e torna a insistir no tema com a matéria intitulada “Sociedade se mobiliza contra matança”¹ com a mesma argumentação e finalidade.

Já o Jornal do Commercio, outro dos maiores jornais do Estado, publica: “Raiva é erradicada no Recife”, onde, entre outras coisas, ressalta a importância da captura de animais para esta conquista².

Um exemplo claro dessa dualidade, também no campo jurídico, pode ser encontrado em documentos legais. Com base nos argumentos utilizados pelo Ministério Público: “Trata-se de questão ambiental ligada à apontada *matança* indiscriminada de animais... apanhados na rua como controle da população de cães e gatos” (autos do processo), a Juíza de Direito Clara Maria de Lima Callado, determina a imediata suspensão das mortes dos animais capturados na Cidade do Recife, exceto os comprovadamente portadores de zoonoses incuráveis, em 30 de Outubro de 2007. Ainda referindo-se ao mesmo processo jurídico, o Juiz de Direito Paulo Onofre de Araújo, torna inválida a decisão anterior de sua colega, sob o argumento que “...é fato que não me compete impedir a apreensão dos animais mencionados já que a providência atentaria claramente contra a saúde humana, eis que a elevação sem controle de seu número, disseminada de forma errante, por certo resultaria em prejuízo para a qualidade de vida da população humana, além de sobrecarregar a própria estrutura administrativa do município com um acréscimo sensível e oneroso de suas responsabilidades”³

O legislativo estadual publicou, em agosto de 2010, a lei nº 14.139, que determina a proibição de sacrifício de animais errantes, exceto se comprovadamente portadores de

¹ (http://www.diariodepernambuco.com.br/2009/04/22/urbana6_0.asp) acessado em 22/08/2009.

² (http://jc3.uol.com.br/2007/12/27/not_157616.php) acessado em 22/08/2009.

³ Autos do processo nº 001.2007.064234-7 da 8ª Vara da Fazenda Pública da Capital – Poder Judiciário do Estado de Pernambuco.

zoonoses, trazendo novas limitações e conflitos para o cumprimento dos objetivos das Unidades de Controle de Zoonoses do Estado.

Enfim, se a imprensa, que forma opiniões, a justiça e o legislativo, que zelam pelo direito, demonstram inconstância e diferenças na forma como constroem seu conhecimento acerca do tema, o que pensar da população em geral, exposta às informações dos órgãos da saúde, da imprensa e da militância das ONG's de Proteção Animal, e que precisa opinar e posicionar-se em algum momento de sua vida sobre o papel da carrocinha?

A forma como essas informações, tanto aquelas que constituem o conhecimento reificado, isto é as disponibilizadas pelos Serviços de Saúde, autoridades sanitárias, pelas Universidades e instituições de pesquisas, como aquelas veiculadas pelos meios de comunicação e propagadas pelas entidades de Proteção animal, contribuem para a formação de uma representação social sobre este objeto, pode ser estudada e avaliada fundamentando-se na Teoria das Representações Sociais (TRS), sistematizada por Serge Moscovici.

Sobre a Teoria das Representações Sociais-TRS

A TRS também pode contribuir para a análise e compreensão de elementos encontrados no senso comum que orientam o comportamento coletivo a respeito da captura e sacrifício dos animais.

As Representações Sociais, pensadas como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001 p.22), constituem, portanto, combustível para “pensar” e “repensar” o conhecimento socialmente construído, o “senso comum” de um grupo social acerca de um objeto

relevante e que demanda posicionamentos e atitudes individuais e coletivos (ORDAZ & VALA, 1997).

O estudo das representações sociais engloba um campo cada vez mais vasto de pesquisa, e conseqüentemente os mais variados temas, uma vez que se relaciona a qualquer objeto social, transmitido através das mais variadas formas de comunicação e que tenha uma relevância para o grupo, fazendo parte de uma forma ou de outra do seu cotidiano (SÁ, 1998; REY, 2008).

Correntes diversas de pensamentos convivem e se completam no âmbito da Teoria das Representações Sociais, no entanto, um princípio básico, que todos concordam, é que não há representação social sem objeto e sem sujeito, ou seja, a representação é sempre de alguém, um sujeito social, sobre alguma coisa, o objeto. Em nosso caso os objetos são a “carrocinha” e o “cão de rua”, e os sujeitos sociais a população do Recife, estratificada em diversas categorias sociais, como defende Doise, as entidades Protetoras dos Animais e os trabalhadores da saúde envolvidos na atividade (SÁ, 1998; JODELET, 2001; RUBIO, 2001).

A Teoria das Representações Sociais preconiza que o sujeito referido por Moscovici, é um sujeito ativo, participante da construção de realidades sociais e por elas também construído, ou seja, não se trata de um reprodutor passivo de conhecimentos gerados externamente, mas de um construtor e reconstrutor de conhecimentos obtidos a partir do confronto, da comunicação e das diversas formas de relacionamento entre pessoas, no contexto de sua conjuntura social, econômica e cultural (SANTOS, 2005).

Partindo dos pressupostos acima, só existe, portanto, representação social, de fato, se o objeto em questão fizer parte da vida do sujeito. Ou seja, se de alguma forma o objeto alvo da representação for algo próximo, afetar de alguma forma suas vidas, caso contrário, corre-se o risco de obter-se uma opinião falaciosa, baseada em conhecimentos flutuantes.

Esta foi a preocupação de Jodelet ao escolher uma colônia rural que convivia intimamente com doentes mentais, quando estudou a representação social da “loucura” para este conjunto social. E foi esta também nossa preocupação ao escolher moradores e militantes da causa animal residentes na Cidade do Recife, e os trabalhadores diretamente envolvidos com a carrocinha, como sujeitos sociais desta pesquisa, uma vez que a cidade, apesar de não apresentar casos humanos de raiva desde 1998, conviveu até muito poucos anos atrás com doença entre os animais e, portanto, com o risco de casos humanos já que a etiologia é a mesma. Se, atualmente, o Recife já não apresenta circulação do vírus rábico na população animal desde 2004, e, portanto epidemiologicamente é considerada uma região onde a doença está controlada, grande importância teve, e continua tendo, a “carrocinha” no processo de manutenção desse *status* sanitário. Ou seja, a “carrocinha” é um elemento presente na cidade, para quem cria cães e mesmo para quem não os tem, e que divide opiniões, estimula a necessidade de posicionar-se a respeito, e mais ainda, cobra um comportamento social frente a este objeto (SÁ, 1998; JODELET, 2005; SANTOS, 2005).

Santos (2005) relaciona os fatores determinantes, distinguidos por Moscovici, na construção de representação social sobre um determinado objeto: a) Pressão à inferência, ou seja a necessidade constante do indivíduo buscar o consenso com seu grupo social sobre um determinado objeto ou fenômeno; b) Focalização, que refere-se às formas de percepção e interesse pelo objeto em questão, resultado da situação social e cultural do sujeito; c) Defasagem e dispersão de informação, isto é o acesso que se tem às informações sobre o objeto em questão, ou mesmo à dificuldade de acesso ao mesmo (SÁ, 1998; SANTOS, 2005).

Dois processos são essenciais na construção de representações sociais. São eles: a Objetivação e a Ancoragem (MOSCOVICI, 2007; SANTOS, 2005).

A objetivação é o processo de tornar concreto o que é abstrato, e é realizado a partir de três movimentos: 1) A seleção e descontextualização, onde os sujeitos retiram do objeto algumas informações a partir de seus conhecimentos e experiências anteriores, valores culturais, religiosos, tradições, etc; 2) A formação de um núcleo figurativo, ou seja a formação de um modelo figurativo a partir da transformação do objeto; e 3) a naturalização dos elementos, isto é, a incorporação do objeto transformado à realidade social. Enfim, na objetivação um conceito, um conhecimento, ganha materialidade e incorpora-se à realidade como algo natural (ORDAZ & VALA, 1997; SANTOS, 2005; MOSCOVICI, 2007).

Quanto ao processo de Ancoragem, ORDAZ e VALA (1997) o entendem como o movimento de tornar familiar algo até então “não familiar” e as formas ou mecanismos como as representações sociais assim construídas tornam-se socialmente funcionais. As aceleradas transformações sociais, culturais, ambientais, éticas e morais apresentam-se, muitas vezes, como algo novo, incômodo e ameaçador para certos grupos humanos. Tal desconforto leva à busca de classificar tais “novidades” dentre as categorias já conhecidas, tornando familiar aquilo que é estranho (MOSCOVICI, 2007). O processo de ancoragem implica na atribuição de sentido ao objeto desconhecido, a partir de conhecimentos e valores culturais preexistentes; na instrumentalização desse saber, ou seja, na atribuição de uma função na compreensão do mundo social; e no enraizamento no sistema de pensamento, isto é, a retirada do objeto representado da condição de anonimato original (SANTOS, 2005)

MOSCOVICI (2007) ressalta o caráter prescritivo das Representações Sociais orientando a forma de pensar coletiva de um determinado grupo de pessoas e conseqüentemente suas reações e comportamentos frente a um dado “objeto”. HERZLICH (2005) afirma que Representações distintas podem resultar em

comportamentos semelhantes, e que Representações semelhantes podem induzir comportamentos distintos frente a um mesmo fato, acontecimento ou objeto.

Autores como TRINDADE (1996), SÊGA (2000) e JODELET (2006) ressaltam a importância das questões culturais, especialmente aquelas relacionadas ao juízo moral, e às questões éticas no processo de formação do pensamento social e conseqüentemente das representações sociais.

Compartilhar teorias de senso comum a respeito de determinados objetos, segundo Santos (2005), garante a comunicação entre as pessoas e fornece um norte para a definição de seus comportamentos e condutas.

Uma característica das Representações Sociais, muito destacada pelos autores, é a capacidade de orientar, induzir os comportamentos, os julgamentos, e, ao mesmo tempo facilitar as comunicações (MOSCOVICI,2007; JODELET, 2001, SANTOS, 2005, ESPINDULA 2006). “Elas (RS) estão entre os elementos que são responsáveis por dar significado e coerência ao universo vivido, expressando-se em várias formas de comunicação, servindo assim, como orientação para as ações dos indivíduos” (ESPINDULA, 2006, p.21).

Fundamentado na afirmativa de que uma representação social sobre um dado objeto contribui para entender a importância de alguns problemas e conflitos existentes em uma sociedade, bem como o processo de construção desses significados por diferentes e, muitas vezes, antagônicos atores sociais (HERZLICH,2005), pretendemos refletir acerca das representações sociais sobre a “carrocinha”, que representa a atividade de captura e eutanásia dos cães de rua, e a sua contribuição na gênese dos conflitos que a cercam e que tomam proporções cada vez maiores no país.

OBJETIVOS

OBJETIVOS GERAIS

Identificar as Representações Sociais (RS) sobre a carrocinha e, conseqüentemente sobre o cão de rua, construídas pelos principais sujeitos sociais envolvidos no conflito que cerca a atividade na Cidade do Recife.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- identificar as representações sociais desenvolvidas pela população do Recife a respeito do “cão de rua” e da “carrocinha”;
- Conhecer as representações sociais (RS) sobre a carrocinha e o cão de rua veiculadas nas páginas da internet e redes sociais pelas ONG’s protetoras dos animais;
- Compreender as Representações Sociais dos Oficiais de Controle Animal - OCA a respeito de sua profissão, da “carrocinha” e de sua relação com os animais capturados.
- Analisar os elementos de conflito/ tensões entre as Representações de cada sujeito social.

ORGANIZAÇÃO DA TESE

Os estudos que constituem esta Tese estão organizados na forma de três artigos, escritos sob as normas da Revista Ciência & Saúde Coletiva, atendendo os três objetivos específicos apresentados.

No Artigo I, intitulado **“A CARROCINHA PEGOU”**: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CAPTURA E SACRIFÍCIO DE CÃES DE RUA PARA A POPULAÇÃO DO RECIFE-PE, propõe-se a identificar as RS dos moradores da cidade, estratificados por gênero e grau de escolaridade, sobre a carrocinha e o cão de rua. O conhecimento destas representações sociais, bem como dos elementos que as objetivam e ancoram, é fundamental para a busca de soluções para o conflito ético e moral que envolve o tema e interfere diretamente na saúde pública.

No Artigo II, que tem por título: **“MILITÂNCIA VIRTUAL”**: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O CÃO DE RUA E A CARROCINHA EXPRESSA NOS SITES DAS SOCIEDADES PROTETORAS DE ANIMAIS, objetivou-se identificar as representações sociais expressas nas mensagens virtuais dos protetores de animais sobre o cão de rua e a carrocinha, e demonstra que os conceitos que definem os animais como seres sencientes, indefesos e detentores de direitos semelhantes aos humanos ancoram a representação social do cão de rua como vítima da irresponsabilidade e intolerância humana, e da carrocinha como um instrumento de injustiça e crueldade contra os animais. Tais representações são indutoras dos comportamentos e julgamentos que geram conflitos e incentivam a militância aguerrida.

O terceiro artigo, intitulado **“QUE GENTE É ESSA?”** UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CARROCINHA PARA OS OFICIAIS DE CONTROLE ANIMAL DO RECIFE-PE, revela a realidade dos profissionais que convivem permanentemente com o dilema de proteger a saúde das pessoas, em detrimento

da liberdade ou mesmo da vida de animais apontados como fatores de risco, e demonstra que estes entendem sua função como uma prestação de serviço à comunidade, mas principalmente ao bem estar dos animais, uma vez que minimizam seus sofrimentos, porém se representam como uma categoria estigmatizada, rejeitada pela população a quem servem. A teoria das representações sociais, que permite identificar os elementos que participam da objetivação e ancoragem dessas representações, demonstra ser um instrumento eficaz para um repensar os procedimentos a partir de novas perspectivas, a partir do olhar do trabalhador de saúde.

Por fim, as considerações finais buscam sintetizar, analisar e confrontar as Representações Sociais dos diferentes sujeitos sobre os mesmos objetos e assim fornecer subsídios para um planejamento renovado das atividades de prevenção e controle das zoonoses, harmonizando conhecimentos, sentimentos e interesses da população, dos ambientalistas, dos profissionais de saúde e dos animais.

ARTIGO I

“A CARROCINHA PEGOU”:

**UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CAPTURA E
SACRIFÍCIO DE CÃES DE RUA PARA A POPULAÇÃO DO RECIFE-PE**

João Alves do Nascimento Júnior

“Encontrei, chorando, um menino de favela.
Xingava tanto, que chamou minha atenção:

"Eu vou matar o dono da carrocinha
Com esta pedra que está aqui na minha mão.
Ele levou o meu único brinquedo,
Meu cachorrinho, que era de estimação.
Coitadinho, ele agora vai morrer de fome,
Ele não come, se não for da minha mão."

...

E, nos olhos vermelhos do menino,
Vi desespero, tristeza e muita dor.
Saí correndo atrás da carrocinha,
E, a muito custo, alcancei o laçador.
Paguei as taxas, libertei o seu cãozinho
Que, bem contente, para o dono ele voltou.”

...

(Trechos da poesia “O Menino e a carrocinha” de José
Gilberto Gaspar

RESUMO

A estreita convivência com cães e gatos nos espaços urbanos expõe os seres humanos a enfermidades, denominadas zoonoses, além de agressões e acidentes. Historicamente, a “carrocinha” tem sido o instrumento utilizado pelos Centros de Controle de Zoonoses – CCZ na prevenção e controle desses agravos à saúde. Fundamentado na Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Serge Moscovici, o presente estudo objetivou conhecer as representações da população da Cidade do Recife acerca do “cão de rua” e da prática de captura e sacrifício dos animais em situação de abandono ou portadores de zoonoses. Os dados foram coletados a partir da aplicação de um protocolo de entrevistas semi-estruturado, elaborado exclusivamente para este fim. Foram entrevistadas 80 (oitenta) pessoas, sendo 40 (quarenta) do sexo masculino e 40 (quarenta) do sexo

feminino. De cada gênero, 50% dos entrevistados possuíam escolaridade de até o ensino fundamental e 50% possuíam curso superior completo. A análise dos dados foi efetuada utilizando-se o método da Análise de Conteúdo, descrito por Bardin (2010). Os resultados demonstram que a população do Recife, independente do gênero e grau de escolaridade, representa o cão de rua como vítima da irresponsabilidade dos humanos, e, portanto dignos de piedade. No entanto, também são entendidos como fatores de risco para a saúde da comunidade e um problema a ser resolvido pelas administrações públicas. Neste sentido, é um senso comum que a carrocinha é uma medida de proteção da saúde humana, porém repudiada em função do sacrifício dos animais, ou seja a carrocinha é representada como um ato violento contra a vida dos animais e, por esta razão, combatida. O conhecimento destas representações sociais, bem como dos elementos que as objetivam e ancoram, são fundamentais para a busca de soluções para o conflito ético e moral que envolve o tema e interfere diretamente na saúde pública.

Palavras-chave: Carrocinha, cão de rua, eutanásia, representações sociais.

ABSTRACT

The closer interaction dogs, cats and human beings have in the urban common spaces,, the more exposed humans are to the “zoonoses” diseases, accidents and agressions. Historically the “Carrocinha” has been one of the instruments used by the Zoonoses Diseases Control Centers “CCZ” that has helped in preventing this health issues. Based on the Social Representation Theory, written by Serge Moscovici; this document pretends to extend the knowledge of the “Street dog” public representations in the city of Recife and the capture and sacrifice of the unhealthy (zoonoses diseases carriers or neglected animals). Data for this analysis were collected as in a protocol of semi-structured interviews made only for this purpose. In the poll participated 80 persons, 40 of them

men, and 40 women; 50% of each segment had finished elementary school and the rest were High School graduates. The methodology used for the data analysis was the “Contempt analysis” as described by Bardin. As a Result we can derive that the population resident in the City of Recife, perceives the “street dogs” as victims of the human irresponsible behavior and therefore pity worthy. This perception is independent of gender or scholar degree of the population. It is understood not only as factors that put in risk the public health, but also as a problem that needs to be solved by the government. As in this rationalization, the common sense indicates that the “carrocinha” is a measure of protection for the human health, but it is despised when applied in animal sacrifice, perceived as a violent act against those um protected. The acknowledgement of this points of view and the elements over those are based on, is fundamental in the search for the solution in the ethic and moral conflicts in wich this paradigma is involved, as this interferes with the public health.

Key words: “Carrocinha”; stray dogs; euthanasia; social representations.

INTRODUÇÃO

A superpopulação de cães e gatos nas ruas, resultante do descontrole reprodutivo destes animais, aliada à vulnerabilidade imposta pelas condições ambientais e socioeconômicas dos espaços urbanos, têm sido responsáveis pela ocorrência em larga escala de zoonoses e outros agravos provocados pelos animais à espécie humana.^{1,2,3,4}

Por zoonoses, entendem-se as enfermidades naturalmente transmitidas entre a espécie humana e os animais vertebrados, tais como a temida raiva, doença praticamente incurável, as leishmanioses, em franco processo de urbanização, a *larva migrans* cutânea, mais conhecida como “bicho geográfico”, a toxoplasmose, dentre tantas outras.⁵ Segundo a OMS, estas enfermidades representam em torno de 80 % das doenças transmissíveis

conhecidas no mundo, e a maior parte das enfermidades emergentes e reemergentes da atualidade.⁶

Outros agravos também estão relacionados à densidade canina nas cidades, como as mordeduras, os acidentes de trânsito, as infestações por carrapatos e pulgas, além da poluição ambiental e estética representada pelas fezes e urina desses animais nas vias públicas.^{1,7}

Historicamente, pelo menos desde o século XIX, a captura e sacrifício de cães errantes nos centros urbanos, emblematicamente na figura da “carrocinha”, tem sido uma das medidas mais utilizadas na prevenção e controle das zoonoses e dos demais agravos provocados por animais.^{4,8,9,10,11} Tais medidas, no entanto, sempre gozaram da antipatia de uma parcela considerável da população.^{11,12} O “homem da carrocinha” foi sempre retratado nos filmes e obras literárias como “*persona non grata*”, figura hostilizada e temida.

De forma mais acirrada, a partir do final da década de 1990, esta impopularidade da “carrocinha” tornou-a alvo de protestos e manifestações cada vez mais hostis e mais organizados. As Organizações não governamentais (ONG’s) de proteção animal ganharam força e voz, e passaram a utilizar a mídia, o legislativo e os órgãos da justiça para combater o que consideram uma tirania contra os animais.

Instalou-se, pois, um conflito, no campo ético e moral, de proporções imprevistas para a saúde coletiva. Os órgãos da administração pública, especialmente na esfera municipal, encontram-se agora diante do impasse formado pelo dever de proteger e promover a saúde da população, com as ferramentas e métodos disponíveis, e o de preservar o bem estar animal e a vida em todas as suas formas.

Mais do que a impopularidade ou a simpatia da opinião pública, está em questão também a possibilidade de gestores e técnicos serem juridicamente punidos por suas ações e/ou omissões diante de uma ou de outra obrigação, ou seja, serem acusados de omissão diante do direito institucional à saúde da população caso se exima da captura e eutanásia de cães errantes ou suspeitos de portarem zoonoses, ou condenados por maus tratos contra os animais, infringindo a lei dos crimes ambientais, caso insistam na atividade da carrocinha.

Diante da complexidade da questão, faz-se urgente buscar, junto a outras áreas do conhecimento, que não apenas as ciências biológicas e do direito, subsídios para compreender a gênese do conflito e encontrar ferramentas capazes de intervir sobre ele.

A teoria das representações sociais, sistematizada por Serge Moscovici, na década de 60, apresenta-se como um instrumento eficaz para auxiliar nessa tarefa.

Representação social, segundo JODELET (2001 p. 22), pode ser entendida como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Apesar de existirem correntes diversas de pensamentos a partir da Teoria das Representações Sociais, um princípio básico, com que todos concordam, é que não há representação social sem objeto e sem sujeito, ou seja, a representação é sempre de alguém, um sujeito social, sobre alguma coisa, o objeto da atenção coletiva. Neste estudo, os objetos de representação são o “cão de rua” e a “carrocinha” e o sujeito social a população do Recife, estratificada por gênero e grau de escolaridade, já que categorias sociais diferentes podem construir, sobre um mesmo objeto, representações distintas, como defende Doise.^{13,14, 15}

Tais representações são coletivamente elaboradas diante da necessidade de posicionar-se sobre um objeto que toca direta ou indiretamente esta coletividade, ou pela pressão das informações dispersadas acerca do objeto, difundidas das mais diversas formas, e em especial, nos tempos atuais, pela mídia. ¹⁶ Compartilhar teorias de senso comum a respeito de determinados objetos, segundo Santos (2005), garante a comunicação entre as pessoas e fornece um norte para a definição de seus comportamentos e condutas. ^{16, 17}

Em outras palavras, a teoria das representações sociais fundamenta-se na ideia de que os sujeitos buscam explicar, criar teorias próprias sobre os assuntos que prendem a sua atenção e despertam sua curiosidade. Tais explicações não são simples opiniões, mas seguem uma lógica própria, baseada nas diferentes informações e julgamentos valorativos adquiridos de diferentes fontes e nas experiências pessoais e grupais. ¹⁷

Uma representação social possibilita, em princípio, compreender por que alguns problemas tornam-se importantes numa sociedade e esclarecer alguns aspectos do processo de apropriação destas questões pela coletividade¹⁸, e de que forma as atitudes, os debates e os conflitos se originam dessas representações ou são por elas influenciados.

Este caráter indutor de comportamento que as representações sociais possuem ¹⁹ é que nos faz perceber a sua importância quando procuramos entender os embates que envolvem a “carrocinha”, o cão de rua e a prevenção e proteção da saúde humana, com vistas a lançarmos alguma luz sobre as entranhas desse conflito ético, e fornecermos algum subsídio para seu enfrentamento.

O presente estudo tem, pois, como objetivo identificar as representações sociais desenvolvidas pela população do Recife a respeito do “cão de rua” e da atividade da Secretaria Municipal de Saúde de captura e sacrifício de animais, personificados na

“carrocinha”, e de que forma estas influenciam na postura da sociedade frente ao problema.

MÉTODOS

Referencial Teórico

Utilizou-se como referencial teórico a TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, tendo o método da ANÁLISE DE CONTEÚDO como ferramenta de análise dos dados. A pesquisa situa-se no campo da Psicologia Social e classifica-se como quanti-qualitativa.

Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, situada no litoral nordestino, com uma área de 219,493 km², totalmente urbana e dividida em 94 bairros, onde habitam 1.537.704 habitantes, segundo o senso do IBGE de 2010. A população do Recife corresponde a 43% da população da Região Metropolitana. As atividades comerciais e de prestação de serviços são predominantes e respondem por 95% de todo o valor da riqueza gerada.²⁰

Ao se analisar a pirâmide etária populacional do Recife, nota-se uma predominância das faixas etárias mais jovens. A faixa etária entre 30 e 59 anos corresponde ao maior percentual, 35,58%. A população com idade acima de 60 anos representa 9,38% dos habitantes.²⁰

O Recife apresenta-se como uma cidade heterogênea, onde, ao lado de áreas altamente valorizadas, encontram-se áreas com grandes problemas estruturais. As 490 favelas existentes representam 15% da área total do município e 25% da área ocupada.

33,41 dos domicílios têm rendimento mensal médio de até 1 salário mínimo, e os analfabetos maiores de 15 anos representam 10,4% da população.²⁰

As doenças do aparelho circulatório representam, segundo o Plano Municipal de Saúde 2010-2013, o maior risco de morte, seguidas das causas externas (violências) que ocupam a segunda posição dentre as principais causas de mortalidade na Cidade. As neoplasias constituem a terceira principal causa de mortes. Dentre as enfermidades infecto-parasitárias destacam-se como causas preocupantes de adoecimento a Tuberculose, a Hanseníase, a Filariose e a Dengue. O Recife até o ano de 2004 apresentava a raiva como enfermidade endêmica na população canina do município.²⁰

Participantes

Os entrevistados foram classificados segundo o gênero, sendo 40 (quarenta) homens e 40 (quarenta) mulheres. Destes, 20 (vinte) homens possuem escolaridade de até o ensino fundamental completo, e 20 (vinte) possuem nível superior completo, dentre as mulheres, 20 (vinte) cursaram no máximo o ensino fundamental completo e 20 (vinte) possuem curso superior completo.

Instrumento de coleta de dados

Com o objetivo de colher conteúdo que permitisse conhecer as impressões e informações da população, foi elaborado um protocolo de entrevistas semiestruturado, contendo perguntas de identificação dos entrevistados, que permitiram traçar um perfil sócio-econômico-cultural dos mesmos, e questões totalmente abertas sobre suas experiências, conhecimentos e sentimentos frente aos cães errantes, ou seja, os cães sem dono que circulam nas vias públicas da cidade e sobre a “carrocinha”, suas atividades, seus objetivos, importância e eficácia (anexo 1).

O protocolo de entrevistas utilizado como instrumento de colheita de dados permitiu total liberdade de expressão aos entrevistados sobre os temas solicitados.

Procedimentos de coleta de dados

Geograficamente, as entrevistas foram realizadas nos bairros indicados pelos técnicos do Centro de Vigilância Ambiental da Secretaria de Saúde da Cidade do Recife - CVA, órgão responsável pelas ações de controle de zoonoses, como os de maior frequência de atividade das carrocinhas. Tal escolha foi feita com o objetivo de entrevistar pessoas com maior “intimidade” com a “carrocinha”, ou seja, proximidade entre sujeito e objeto, fator primordial para que haja representações sociais. Vale salientar que todos os bairros selecionados são classificados como “populares”, ou de classe C e D, do ponto de vista socioeconômico.

As entrevistas foram realizadas nos domicílios ou no local de trabalho dos entrevistados, considerando que, indivíduos com curso superior completo em bairros classe C e D, são mais facilmente encontrados em ambientes de trabalho, como as escolas públicas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, e todas exigências éticas foram observadas.

Procedimentos de análise dos dados

a) Análise de conteúdo das entrevistas

Considerando que tudo que é dito ou escrito pode ser submetido a uma análise²¹, o conteúdo das entrevistas foram avaliados utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo, descrita por Bardin (2008).

A análise de conteúdo é uma ferramenta de pesquisa científica aplicada a várias situações, adotando procedimentos distintos dependendo do objetivo da pesquisa. Contudo, para que não se confunda com análises intuitivas, sempre observa regras precisas que garantem o rigor científico da mesma. Trata-se, portanto, de um conjunto de técnicas de investigação pautada na descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, com a finalidade de interpretá-las. Quatro, portanto, são as exigências fundamentais para a aplicação do método: ser objetivo, ser sistemático, abordar apenas o conteúdo manifesto e quantificar.^{21, 22}

Segundo Oliveira (2008), a análise de conteúdo permite o acesso tanto aos conteúdos expressos nas comunicações verbalizadas ou escritas, quanto aos conteúdos implícitos, a partir dos primeiros. É possível, portanto, identificar e analisar a influência da conjuntura política e econômica, aspectos relativos à moralidade vigente, a presença de termos e linguagens que identificam grupos sociais específicos, entre outros. Todos esses elementos permitem identificar as representações sociais do grupo comunicante sobre o objeto comunicado.

Dentre as diversas modalidades de análise de conteúdo propostas por BARDIN (2010), a análise temática-categorial nos pareceu a mais adequada aos objetivos desta pesquisa. A análise categorial considera a totalidade do texto na análise, passando-o por um crivo de classificação e de quantificação, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido. É um método de gavetas ou de rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem.²⁸

Seguindo, portanto, as recomendações de Oliveira (2008) para proceder a este tipo de análise de conteúdo, foi realizada uma leitura global das entrevistas, seguida de novas e exaustivas leituras de modo a tornar familiar todo o conteúdo. Em seguida, foram pré-

estabelecidos 02 (dois) objetos de análises, quais sejam: “o cão de rua” e a “carrocinha”, salientando que por carrocinha entenda-se o procedimento de captura, abrigo e posterior doação ou sacrifício dos animais errantes.

Para cada um dos objetos de análise foram identificadas categorias de análise e, dentro destas, subcategorias. Oliveira (2008, p.571) define esse processo de categorização como uma “operação de classificação dos elementos participantes de um conjunto, iniciando pela diferenciação e, seguidamente por reagrupamento, segundo um conjunto de critérios. São rubricas ou classes que reúnem um conjunto de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado segundo os caracteres comuns destes elementos. Implica impor uma nova organização intencional às mensagens, distinta daquela do discurso original.”

As categorias foram definidas para agrupar as diversas Unidades de Registro (UR), ou seja, frases que comunicavam aspectos ou sentimentos semelhantes. Na definição das categorias de análise foram respeitados os critérios da homogeneidade de ideias, exaustividade, ou seja, foi considerado o conteúdo integral de cada entrevista, exclusividade, uma vez que um conteúdo classificado em uma categoria não figura em outra, objetividade e adequação aos propósitos da pesquisa.²¹

As entrevistas foram transcritas e as respostas agrupadas primeiramente em dois grandes eixos que correspondem aos dois objetos de estudo desta pesquisa: o “cão de rua”, ou seja, os animais abandonados nas vias públicas da cidade, e a “carrocinha”, que personifica as atividades de captura, recolhimento e eutanásia de cães e gatos no espaço urbano do Recife.

Metodologia estatística

Os dados de identificação dos entrevistados foram tabulados manualmente de forma a construir o perfil sócio-econômico-cultural do universo pesquisado, constante dos resultados neste artigo.

A hipótese nula testada foi de independência entre os fatores contidos nas tabelas de contingência. Adotou-se um nível de significância de 5% ($\alpha = 0,05$) para rejeição desta hipótese. Foram utilizados dois testes não-paramétricos, sendo um deles o *Teste χ^2 (qui-quadrado)* e o outro o *Teste Exato de Fisher*.

RESULTADOS

Caracterização dos entrevistados

As 80 (oitenta) pessoas entrevistadas são maiores de 18 anos de idade, residentes na Cidade do Recife, mais especificamente nos bairros indicados pelo CVA (Centro de Vigilância Ambiental) como de maior frequência de atuação da carrocinha. Destes, 40 (quarenta) foram do sexo masculino e 40 (quarenta) do sexo feminino.

No universo masculino pesquisado 50% (20) possuíam formação de nível superior completa e 50% (20) possuíam até o ensino fundamental, sendo que 35% destes não haviam completado o último ano desta etapa. Dentre os possuidores de curso superior, 30% são pós-graduados. A faixa etária predominante situa-se entre 26 e 50 anos (77,5%), onde se destacam como mais prevalentes os homens com idade entre 46 e 50 anos (22,50%). A maioria dos homens pesquisados (37%) tem renda familiar entre 02 e 05 salários mínimos, e 70% não possui animal de estimação em casa, embora alguns já o tiveram ou desejassem tê-los. Quanto ao estado civil, 50% são casados ou em relações

estáveis. 57,5% dos entrevistados tinham filhos, e deste 82,6% possuíam 02 filhos ou mais.

O universo de pesquisados do sexo feminino é composto por 50% (20) de mulheres com formação de nível superior completa, das quais 40% são pós-graduadas, e 50% (20) com o ensino fundamental, sendo que 30% destas incompleto. A faixa etária predominante situa-se entre 46 e 55 anos (45%), seguida da faixa etária entre 18 e 25 anos. 47,5% das entrevistadas possui renda familiar entre 02 e 05 salários mínimos e a maioria (67,5%) não possui animal de estimação em casa, embora algumas já o tiveram ou desejassem tê-los. Quanto ao estado civil, a maioria (52,5%) é casada, 40% solteiras, 5% divorciadas e 2,5% viúvas. 65% das entrevistadas eram mães, e destas 65,38% tinham 2 ou mais filhos.

Análise do conteúdo das entrevistas:

Quanto ao objeto “cão de rua”, as respostas obtidas foram agrupadas em 04 (quatro) categorias, traduzindo o conhecimento e o sentimento dos entrevistados. São elas: 1) Sentimento em relação ao “cão de rua”; 2) Conhecimento sobre as consequências da presença desses animais nas ruas; 3) Conhecimento quanto à origem desses animais abandonados; 4) Responsabilidades quanto às soluções possíveis para o problema.

As respostas agrupadas em cada uma dessas categorias foram reagrupadas em subcategorias segundo seu conteúdo. As subcategorias que abrigaram mais de 50% das respostas foram classificadas como “PREDOMINANTES”, as que continham menos de 50% das respostas, porém mais de 25%, foram classificadas como “INTERMEDIÁRIAS” e aquelas que contiveram menos de 25% das respostas foram denominadas “PERIFÉRICAS”.

Quanto ao objeto de estudo “CARROCINHA”, que corresponde à atividade de captura ou resgate de animais errantes e posterior sacrifício dos mesmos, as respostas foram classificadas em 04 (quatro) Categorias, quais sejam: 1) opiniões quanto à função da carrocinha; 2) Opiniões sobre o sacrifício dos animais; 3) Respostas que denotem uma avaliação crítica sobre a atividade; e 4) Opiniões quanto ao impacto, ou importância, que a atividade tem para o entrevistado.

Da mesma forma que o objeto anterior (cão de rua), as respostas alocadas em cada uma das categorias descritas no parágrafo anterior foram classificadas em subcategorias e identificadas como PREDOMINANTES, INTERMEDIÁRIAS E PERIFÉRICAS segundo os mesmos critérios.

Na categoria de respostas que expressam o sentimento dos entrevistados quanto ao “cão de rua”, a PIEDADE foi classificada como PREDOMINANTE tanto para os homens (60% das respostas) como para as mulheres entrevistadas (68%), conforme a Tabelas 1 e 2.

“Eu lamento muito. É muito triste ver qualquer ser sofrendo.”
(homem, nível superior);

“Meu sentimento é de compaixão. Dá dó ver esses bichos largados. Chega são magrinhos e alguns ainda vivem apanhando das crianças que fazem malvadeza.” (homem, nível fundamental);

“Sinto muita pena. Dá dó de vê-los sem comida. Passar fome é a maior malvadeza com o ser vivo.” (mulher, nível superior);

“É um sentimento de pena. É que nem vê pessoas sofrendo. Muito ruim vê passando fome, sujo, doente. Não gosto nem de vê.” (mulher, nível fundamental)

TABELA 1: CATEGORIZAÇÃO DE RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS DO GÊNERO MASCULINO SOBRE O TEMA “CÃO DE RUA”, CLASSIFICADOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE. RECIFE. 2012

categorias	subcategorias	nível fundamental	nível superior	total
sentimentos	piedade/preocupação	16 (69,56%)	11 (50,00%)	27 (60,00%)
	desprezo/indiferença	01 (4,35%)	02 (09,09%)	03 (06,67%)
	indignação/revolta	04 (17,39%)	06 (27,27%)	10 (22,22%)
	Medo	02 (8,69%)	03 (13,64%)	05 (11,11%)
		23 respostas	22 respostas	45 respostas
consequências pelo animal estar nas ruas	transmissor de doenças	18 (72,00%)	19 (76,00%)	37 (74,00%)
	provocador de outros transtornos	07 (28,00%)	06 (24,00%)	13 (26,00%)
		25 respostas	25 respostas	50 respostas
origem do problema	a origem do cão de rua é a própria rua	07 (33,33%)	04 (20,00%)	11 (26,83%)
	as pessoas como origem do cão de rua	14 (66,67%)	16 (80,00%)	30 (73,17%)
		21 respostas	20 respostas	41 respostas
responsabilidade	um problema do governo	20 (48,78%)	20 (51,28%)	40 (50,00%)
	um problema da sociedade	13 (31,71%)	19 (48,72%)	32 (40,00%)
	O cidadão é isento de responsabilidade na solução do problema	08 (19,51%)	00	08 (10,00%)
		41 respostas	39 respostas	80 respostas

TABELA 2: CATEGORIZAÇÃO DE RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS DO GÊNERO FEMININO SOBRE O TEMA “CÃO DE RUA”, CLASSIFICADOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE. RECIFE. 2012

categorias	subcategoria	nível fundamental	nível superior	total
sentimentos	piedade/preocupação	18 (69,23%)	16 (66,67%)	34 (68,00%)
	desprezo/indiferença	01 (03,85%)	02 (08,33%)	03 (06,00%)
	indignação/revolta	02 (07,69%)	02 (08,33%)	04 (08,00%)
	Medo	05 (19,23%)	04 (16,67%)	09 (18,00%)
		26 respostas	24 respostas	50 resposas
consequências pelo animal estar nas ruas	transmissor de doenças	20 (76,92%)	20 (60,61%)	40 (67,80%)
	provocador de outros transtornos	06 (23,08%)	13 (39,39%)	19 (32,20%)
		26 respostas	33 respostas	59 respostas
origem do problema	a origem do cão de rua é a própria rua	07 (35,00%)	08 (40,00%)	15 (37,50%)
	as pessoas como origem do cão de rua	13 (65,00%)	12 (60,00%)	25 (62,50%)
		20 respostas	20 respostas	40 respostas
responsabilidade	um problema do governo	20 (50,00%)	20 (50,00%)	40 (50,00%)
	um problema da sociedade	15 (37,50%)	16 (40,00%)	31 (38,75%)
	O cidadão é isento de responsabilidade na solução do problema	05 (12,50%)	04 (10,00%)	09 (11,25%)
		40 respostas	40 respostas	80 respostas

Dentre os homens que possuíam formação de nível superior, no entanto, esta subcategoria foi classificada como INTERMEDIÀRIA (50%) (TABELA 1). O sentimento de INDIGNAÇÃO ou REVOLTA foi classificado como PERIFÉRICO tanto entre os homens como para as mulheres, porém foi INTERMEDIÁRIO quando considerada apenas as respostas dos homens de nível superior. Já as respostas que expressavam o sentimento de INDIFERENÇA ou mesmo DESPREZO foram classificadas como PERIFÉRICA para homens e mulheres de ambos os níveis de escolaridade (TABELAS 1 e 2).

Na categoria que expressa o conhecimento acerca das consequências da existência de “cães de rua”, a subcategoria que classifica esses animais como TRANSMISSORES DE DOENÇAS foi considerada PREDOMINANTE tanto para os homens entrevistados (74%) como para as mulheres (67,8%), independentemente do nível de escolaridade.

“Trazem doenças, perigo de mordedura de animais abandonados, aí o sujeito tem de tomar uma dose de vacinas, são muitos os problemas sim.”(homem, nível superior);

“Transmite doenças sim. Isso eu sei. A urina e as fezes dos animais, do gato principalmente, causa muita doença. Minha sobrinha pegou glaucoma com um gato de rua.” (homem, nível fundamental);

“Óbvio (que trazem doenças). Toxoplasmose, raiva, vermes, são tantas doenças causadas pelos cães e gatos sem contar na sujeirada no meio ambiente.” (mulher, nível superior);

“Com toda certeza (transmitem doenças). Um amigo meu morreu de raiva porque foi mordido por um cachorro e se confiou e nem se vacinou. Fora a bagunça que esses animais fazem nas ruas tem o risco de passarem doenças para as pessoas.” (mulher, nível fundamental);

As respostas que ressaltaram OUTROS TRANSTORNOS provocados pelo cão de rua, como acidentes de trânsito, fezes nas calçadas e lixo espalhados nas ruas, foram classificadas como INTERMEDIÁRIAS para os entrevistados de ambos os sexos, no entanto dentre os homens de nível superior e para as mulheres de escolaridade inferior

(ensino fundamental) foi classificada como PERIFÉRICA, com, respectivamente 24% e 23% das respostas (TABELAS 1 e 2).

Quanto ao conhecimento sobre a origem dos “cães de rua”, a subcategoria que considera o abandono pelos proprietários como a causa primordial foi classificada como PREDOMINANTE nas respostas de ambos os sexos (73,17% e 62,5% das respostas dos homens e mulheres respectivamente). As respostas que apontavam a própria rua como origem do problema foram classificadas como INTERMEDIÁRIAS para homens (26,83%) e mulheres (37,5%). No entanto, considerando apenas as respostas dos homens de nível de escolaridade superior esta subcategoria seria PERIFÉRICA (TABELAS 1 e 2).

“Vem do abandono das pessoas que pegam pra criar sem poder e acabam abandonando nas ruas.” (homem, nível superior);

“Eu acho que surge do abandono dos donos. Eles não aparecem do nada não. Alguém deixa eles na rua.”(homem, nível fundamental);

“São abandonados pelas pessoas. Ninguém tem compromisso com nada, e ainda pega animais para criar, sendo que criam de fachada. Na verdade os animais vivem soltos, e nas ruas, eles se proliferam.” (mulher, nível superior);

“Das pessoas que abandonam. Do nada quando a gente vê tá na rua. Quando o povo começa a botar água e resto de comida aí é que aparece mais animais. Eu penso que seja das pessoas que jogam na rua pra vê se alguém tem pena e cria.”(mulher, nível fundamental);

Quando as respostas referiram-se às soluções ou a quem cabe a solução do problema, 50% das respostas, tanto homens como mulheres, afirmaram que trata-se de um problema a ser solucionado pelas autoridades governamentais, sejam municipais, estaduais ou federal, classificadas, portanto, como INTERMEDIÁRIA. Porém, dentre os homens de nível superior esta categoria de respostas foi PREDOMINANTE (51, 28%).

“Sim, acho que tem toda responsabilidade, é o governo que tem que acabar com isso de vez.” (homem, nível superior);

“Sim. Eles que devem arrumar a solução pra evitar esse problema de animais de rua. Você sabia que a gente tem uma taxinha que paga pra tirar os animais de rua? E não funciona muito. Eles têm que cuidar desses bichos pra evitar da população pegar uma doença.” (homem, nível fundamental);

“Pagamos impostos para nos ver livres desses perigos. Eles têm obrigação de tirar esses animais da sociedade.” (mulher, nível superior);

“Sim. O governo tem que tirar os animais de ruas, levar para abrigos de animais e segurá-los lá.” (mulher, nível fundamental)

Também as respostas que creditam a responsabilidade na solução do problema aos cidadãos comuns, para ambos os sexos foram classificadas como INTERMEDIÁRIAS com 40% das respostas dos homens e 38,75% das respostas femininas. As respostas que isentam os cidadãos comuns de qualquer responsabilidade quanto à solução para o problema dos “cães de rua” foram consideradas periféricas pelos homens (10%) e pelas mulheres (11,25%) (TABELAS 1 e 2).

Se considerarmos a mesma categorização das respostas sobre o tema, porem considerando apenas os níveis de escolaridade dos entrevistados, independente do gênero, vamos observar que na categoria que expressa os sentimentos dedicados ao “cão de rua” o sentimento de PIEDADE foi PREDOMINANTE em ambos os níveis. Da mesma forma também foi PREDOMINANTE para os dois níveis de escolaridade a consciência de que esses animais são TRANSMISSORES DE DOENÇAS. No entanto quando a questão referiu-se às responsabilidades na solução do problema, a ideia de que estas cabem às instâncias governamentais foi PREDOMINANTE apenas entre os entrevistados de nível superior (50,63%), as respostas dos que possuíam escolaridade fundamental (49,38%) classificou, para este segmento, a subcategoria como INTERMEDIÁRIA (TABELAS 1 e 2).

Antes de descrever os resultados das respostas sobre a “carrocinha”, faz-se necessário informar que 100% dos entrevistados afirmaram conhecer a carrocinha, já a viram em atuação pelo menos uma vez.

Na categoria que expressa opiniões quanto à função e importância social da carrocinha, as respostas agrupadas na subcategoria denominada INSTRUMENTO DE PROTEÇÃO DO BEM ESTAR E DA SAÚDE HUMANA foram classificadas como PREDOMINANTES tanto para homens (52,38%), quanto para as mulheres entrevistadas (63,16%), no entanto para homens de escolaridade de nível fundamental esta subcategoria foi classificada como INTERMEDIÀRIA (44,83%) (TABELAS 3 e 4). Respostas que definem a carrocinha como INSTRUMENTO DE BEM ESTAR ANIMAL foram classificadas como INTERMEDIÁRIAS para ambos os sexos, no entanto quando analisados isoladamente esta subcategoria foi PERIFÉRICA para os homens de nível superior (15,38%)(TABELA 3) e para as mulheres com a mesma escolaridade (TABELA 4). Mesmo classificadas como PERIFÉRICAS, respostas que consideram a carrocinha como um INSTRUMENTO DE MALDADE CONTRA OS ANIMAIS foram formuladas por vários entrevistados de ambos os gêneros (TABELAS 3 e 4).

TABELA 3: CATEGORIZAÇÃO DE RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS DO SEXO MASCULINO SOBRE O TEMA “CARROCINHA”, CLASSIFICADOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE. RECIFE. 2012

categorias	subcategoria	n. fundamental	n. superior	total
função e importância da carrocinha	instrumento de bem estar animal	09 (31,03%)	02 (15,38%)	11 (26,19%)
	instrumento de proteção do bem estar humano	13 (44,83%)	09 (69,24%)	22 (52,38%)
	instrumento de maldade contra os animais	07 (24,14%)	02 (15,38%)	09 (21,43%)
		29 respostas	13 respostas	42 respostas
opinião quanto à eutanásia	eutanásia em nenhuma situação	12 (70,59%)	08 (53,33%)	20 (62,50%)
	apenas animais doentes devem ser eutanasiados	02 (11,76%)	04 (26,67%)	06 (18,75%)
	todos os cães capturados devem ser eutanasiados	03 (17,65%)	03 (20,00%)	06 (18,75%)
		17 respostas	15 respostas	32 respostas
avaliações e críticas sobre o serviço	um mau necessário	08 (25,00%)	10 (30,30%)	18 (27,69%)
	não devia existir	07 (21,87%)	02 (06,06%)	09 (13,85%)
	é um serviço útil/satisfatório	06 (18,75%)	07 (21,21%)	13 (20,00%)
	é útil, mas pouco eficaz	00	05 (15,15%)	05 (07,69%)
	existem alternativas à carrocinha	11 (34,38%)	09 (27,28%)	20 (30,77%)
		32 respostas	33 respostas	65 respostas

TABELA 4: CATEGORIZAÇÃO DE RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS DO SEXO FEMININO SOBRE O TEMA “CARROCINHA”, CLASSIFICADOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE. RECIFE. 2012

categorias	subcategoria	n. fundamental	n. superior	total
função e importância da carrocinha	instrumento de bem estar animal	05 (33,33%)	05 (21,74%)	10 (26,31%)
	instrumento de proteção do bem estar humano	08 (53,33%)	16 (69,56%)	24 (63,16%)
	instrumento de maldade contra os animais	02 (13,33%)	02 (8,69%)	04 (10,53%)
		15 respostas	23 respostas	38 respostas
opinião quanto ao sacrifício	sacrifício em nenhuma situação	05 (55,56%)	05 (55,55%)	10 (55,55%)
	apenas animais doentes devem ser sacrificados	03 (33,33%)	03 (33,33%)	06 (33,33%)
	todos os cães capturados devem ser sacrificados	01 (11,11%)	01 (11,11%)	02 (11,11%)
		09 respostas	09 respostas	18 respostas
avaliações e críticas sobre o serviço	um mal necessário	05 (11,36%)	08 (19,51%)	13 (15,29%)
	não devia existir	06 (13,64%)	03 (07,32%)	09 (10,59%)
	é um serviço útil/satisfatório	10 (22,73%)	09 (21,95%)	19 (22,35%)
	é útil, mas pouco eficaz	09 (20,45%)	05 (12,19%)	14 (16,47%)
	existem outras alternativas	14 (31,82%)	16 (39,02%)	30 (35,29%)
		44 respostas	41 respostas	85 respostas

As respostas classificadas na categoria que expressam as opiniões quanto ao sacrifício dos animais capturados ou resgatados pela carrocinha, demonstraram que a subcategoria que considera que o SACRIFÍCIO NÃO É ADMITIDO EM NENHUMA SITUAÇÃO foi PREDOMINANTE para os homens (62,50%) e para as mulheres (55,55%). As respostas que consideram o SACRIFÍCIO NECESSÁRIO APENAS PARA

ANIMAIS DOENTES foram classificadas como INTERMEDIÁRIA para as mulheres entrevistadas (33,33%), porém PERIFÉRICAS para os homens (18,75%), exceto para os de nível superior, para os quais essa sub categoria foi classificada como INTERMEDIÁRIA (TABELA 3). Mesmo aparecendo como PERIFÉRICAS para homens (18,75%) e para as mulheres (11,11%) existiram respostas que consideram que o SACRIFICIO DEVE SER APLICADO A TODOS OS ANIMAIS CAPTURADOS/RESGATADOS (TABELAS 3 e 4).

“Extinguiria o método de matar, mudaria a finalidade da carrocinha, ela continuaria apreendendo os animais, só que não seria para exterminá-los, seria para serem cuidados e doados.” (homem, nível superior);

“Necessária é porque se não ia ficar muito bicho solto na rua, mas isso não justifica que matem os animais.” (homem, nível fundamental);

“[...] se a carrocinha fosse proteger esses animais, dar continuidade a ação, além da captura, eu apoiaria. Porque ela seria boa e adequada. Mas nas condições atuais eu extinguiria porque vejo uma solução imediatista e fria.” (mulher, nível superior);

“Eu gosto da carrocinha, mas ficaria triste de saber que matam os animais. Não precisam matar. Por exemplo, existe um monte de gente ruim que assalta, faz mal para a sociedade e o governo tira eles das ruas, prendem mas não matam. Não precisa matar pra resolver o problema deles perturbarem a sociedade porque eles não fazem isso por mal. Eles nem pensam.” (mulher, nível fundamental);

Quando as respostas exprimiram avaliações críticas sobre a carrocinha, as mais frequentes afirmam que EXISTEM ALTERNATIVAS para o problema do cão de rua que não a carrocinha, porém estas, tanto entre os homens como entre as mulheres, foram classificadas como INTERMEDIÁRIAS. As respostas que consideram a carrocinha como um MAU NECESSÁRIO foram classificadas como INTERMEDIÁRIAS para os homens (27,69%), porém PERIFÉRICAS para as mulheres (15,29%). As demais respostas nessa categoria foram classificadas como PERIFÉRICAS para ambos os gêneros (TABELAS 3 e 4).

Na categoria que demonstra o impacto, ou importância, que a atividade tem para entrevistado, a subcategoria classificada como PREDOMINANTE para ambos os sexos é a que afirma que o tema nunca havia sido objeto de preocupação antes de serem questionados na entrevista, porém especificamente para os homens de nível fundamental esta subcategoria foi classificada como INTERMEDIÁRIA (TABELA 3). No entanto, a opinião de que a carrocinha não interfere em sua vida foi classificada como INTERMEDIÁRIA em ambos os gêneros (TABELAS 3 e 4), com exceção dos homens de nível fundamental para os quais estas respostas foram PREDOMINANTES (TABELA 3).

Se considerarmos apenas o nível de escolaridade, na categoria que exprime a opinião quanto à importância e função da carrocinha, a subcategoria que considera a carrocinha um INSTRUMENTO DE PROTEÇÃO DO BEM ESTAR E DA SAÚDE HUMANA foi classificada como PREDOMINANTE apenas para os entrevistados de nível superior, para os de nível fundamental esta subcategoria foi INTERMEDIÁRIA. As respostas dos entrevistados de nível fundamental também classificaram a subcategoria que define a carrocinha como INSTRUMENTO DE BEM ESTAR ANIMAL como INTERMEDIÁRIA, enquanto que para os de nível superior esta subcategoria foi PERIFÉRICA. Quanto às respostas que opinaram sobre o sacrifício dos animais, a subcategoria que NÃO A ADMITE EM NENHUMA SITUAÇÃO foi PREDOMINANTE para os entrevistados de ambos os níveis de escolaridade, já a subcategoria que ADMITE O SACRIFÍCIO APENAS PARA ANIMAIS DOENTES foi classificada como INTERMEDIÁRIA para os entrevistados de nível superior, e PERIFÉRICOS para os de nível fundamental.

Ainda considerando apenas o nível de escolaridade, as respostas que exprimem avaliações críticas, a subcategoria que considera que EXISTEM ALTERNATIVAS À

CARROCINHA foi classificada como INTERMEDIÁRIA para s entrevistados de ambos os níveis de escolaridade, as demais avaliações foram todas classificadas como PERIFÉRICAS.

Significância estatística:

Conforme descrito na metodologia do trabalho os quantitativos de respostas dos entrevistados por categorias foram submetidos ao teste estatístico χ^2 (qui-quadrado) ou o Teste Exato de Fisher, quando o primeiro não podia ser aplicado. A independência das variáveis quanto a gênero não foi rejeitada em nenhuma situação, ou seja, estatisticamente as respostas não sofriam influencia do gênero do entrevistado. A independência quanto ao nível de escolaridade foi rejeitada apenas quando as respostas se referiam ao impacto da carrocinha na vida pessoal dos entrevistados, ou seja, segundo o teste do teste χ^2 ($\chi^2_{\text{calculado}} = 8,99$), é estatisticamente significativa para os entrevistados de nível fundamental que os serviços prestados pela carrocinha não implicam em nenhum benefício ou malefício às suas vidas pessoais.

No entanto, foi estatisticamente significativa para ambos os gêneros e níveis de escolaridade a predominância do sentimento de piedade pelos cães de rua sobre os demais sentimentos, assim como o conceito de que esses animais são transmissores de doenças, que a origem do problema está no abandono dos proprietários, que a solução cabe à administração pública e não aos cidadãos e que a carrocinha é um instrumento de proteção da saúde humana.

DISCUSSÃO

Os resultados encontrados demonstram que a população do Recife, independente de gênero e grau de escolaridade, representa o cão de rua como vítima do abandono de seus proprietários e, por isso, dignos de piedade.

Esse sentimento de pena vem ancorado na ideia, compartilhada coletivamente e difundida na mídia, na escola, que, sendo os animais seres sencientes, são, portanto, dotados da capacidade de sofrer, sentir dor, frio, fome e solidão em consequência do abandono nas ruas. As emoções, os sentimentos, configura-se num elemento importante na construção de representações sociais.^{23,24}

A compaixão, no entanto, não impede que estes animais também sejam representados como uma ameaça, principalmente à saúde das pessoas. O conhecimento reificado, que parte das universidades, órgãos de saúde pública e que são popularizados nos meios de comunicação ancoram essa visão do cão de rua como um potencial transmissor de doenças e causador de outros transtornos ao bem estar humano, como agressões, sujeira, acidentes.¹⁷

Apesar de entender a própria população como responsável pela gênese do problema, o grupo participante da pesquisa não se inclui como parte da solução. Referenciam certa impotência perante o cão de rua (“Dá uma pena muito grande. Uma vontade de ajudar. Pegar pra criar. Mas...”; “Se eu pudesse...”; “Uma vontade imensa de levá-los para casa, mas não é possível”....), enfim, percebem a situação, até entendem a dimensão dos riscos, mas não se julgam detentores de nenhuma capacidade de intervir.

Desta forma, percebe-se então outra representação social para o animal errante: um problema do governo, ou seja, da administração pública. Essa representação é ancorada principalmente pelas mensagens difundidas pelas “Sociedades Protetoras dos

Animais”, organizações não governamentais que fundamentam sua militância na reivindicação de políticas públicas de defesa dos animais.^{17,25}

Sendo o cão de rua entendido como um fator de risco à saúde coletiva, e definido como um problema da administração pública, especialmente da Prefeitura, a representação social da carrocinha é, pois, a de uma ferramenta para a proteção da saúde e bem estar da população humana, embora uma parcela dos entrevistados ainda a veja como instrumento para a proteção dos animais ou até mesmo como um castigo ou uma maldade com os mesmos.

No entanto, apesar de representada como uma medida preventiva para a saúde pública, a sua eficácia e seus métodos são duramente contestado. A razão maior dessa impopularidade prende-se, especialmente, à destinação da maioria dos animais apreendidos: o sacrifício. Essa destinação é significativamente rejeitada pela grande maioria dos entrevistados, ancorada na mesma senciência desses animais que desperta a compaixão pelos cães de rua.²³

A eliminação dos animais que representam risco à saúde humana, ou portadores de doenças incuráveis, é mais modernamente tratada como eutanásia pelos órgãos e profissionais de saúde coletiva, numa tentativa, não bem sucedida, de minimizar a rejeição popular que paira sobre este procedimento.¹¹ No processo de construção da representação social, a carrocinha é objetivada como uma viatura que conduz à morte, apesar de toda a informação e consciência da intenção positiva de proteger a saúde das pessoas que ancora a sua representação como instrumento de proteção humana.

As pessoas toleram a carrocinha, em respeito à sua função sanitária, porém repudiam o sacrifício dos animais. Alternativas são apontadas, não em substituição à carrocinha, mas ao sacrifício: o abrigo em instalações públicas, a doação, a castração

cirúrgica, etc. Tais propostas se fundamentam basicamente na apropriação pela população do discurso massivo difundido nos blogs das ONG's protetoras de animais, na mídia, e no sentimento de compaixão, que faz desejar soluções menos agressivas. Não se discute no entanto como viabilizar tais medidas. Diante da precariedade do Sistema Único de Saúde, da escassez de recursos para o atendimento satisfatório das demandas de procedimentos médicos para seres humanos, de onde viriam os recursos para as intervenções cirúrgicas de castração de cães e gatos ? Para o fornecimento de ração, medicamento e manutenção por tempo indeterminado dos animais sem dono em espaço público? Se é ponto pacífico que os animais de rua são gerados pelo abandono da população, onde se fundamenta a proposta de que essa mesma população através da adoção voluntária seria parte da solução do problema?

Enfim, as representações sociais da população da cidade do Recife sobre os cães de rua e sobre a carrocinha, expostas neste estudo, induzem, como afirma Moscovici (2007), ao comportamento de rejeição, influenciam a mídia, ao mesmo tempo em que são por ela influenciadas, ditam normas de conduta e até legislações.^{12, 26} Tudo isso alimenta o conflito ético e moral que envolve opinião pública, ativistas da proteção animal e profissionais de saúde, e constitui uma limitação na prevenção e controle de zoonoses e outros agravos resultantes da interação de homens e animais no espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento da representação social que a população constrói sobre o cão de rua e sobre a carrocinha, bem como dos elementos que a ancoram, é um passo fundamental na busca de novos mecanismos capazes de amenizar os conflitos, ou mesmo harmonizar interesses e pontos de vista, e subsidiar projetos e políticas de controle populacional de animais urbanos e controle de zoonoses e outros agravos.

Este estudo indica a necessidade de investimento em educação para a saúde junto à população, na formação de profissionais capacitados em gestão de conflitos no âmbito do SUS e da apropriação dos meios de comunicação de massa, com vistas a fundamentar novas representações e novos comportamentos e posturas frente à questão da convivência harmoniosa homem-animal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Lima Júnior, A.D. Caracterização da população canina para o controle da raiva e outros problemas de saúde pública. **Ciência Veterinária nos Trópicos**. V.2, n.1.p.65-78. Recife, Jan-Abr, 1999
2. Lages.S.L.S. Avaliação da população de cães e gatos com proprietário, e do nível de conhecimento sobre a raiva e posse responsável em duas áreas contrastantes da cidade de Jaboticabal, São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Jaboticabal. 2009
3. Shimozako, H.J. **Otimização da técnica de captura – recaptura fotográfica para estimação da população canina livre em vias públicas**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina. Universidade de São Paulo. 2008
4. Almeida e Souza, M.F. Controle de populações caninas: considerações técnicas e éticas. **Revista Brasileira de Direito Animal**. Ano 6 . Volume 8. Jan – Jun. 2011
5. Acha, P.N., Szyfres, B. **Zoonosis y enfermedades transmisibles comunes al hombre y a los animales**. Organización Panamericana de la Salud. 2ª ed. Washington. 1986
6. Pfuetzenreiter, M.R., Zylbersztajn, A., Avila-Pires, F.D. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.34, n.5, p.1661-1668, set-out, 2004

7. Domingos, I.H., Rigo, L., Honer, M.R. Perfil das populações canina e felina no município de Campo Grande, MS. **Ensaio e Ciência**, Vol. 11, Núm. 1, abril-sinmes, 2007, pp. 97-103
8. Eloy, L.J., Modolo, J.R. Uso de cães capturados das ruas em práticas de ensino. **Vet. e Zootec.** P.617-628. V.16.n.4. Dez. 2009
9. Molento, C.F.M. Bem-estar animal: qual é a novidade? **Acta Scientiae Veterinariae.** 35(Supl 2): s224-s226, 2007.
10. WHO. **Guias para el Manejo de la Poblacion Canina.** Ginebra, 1990. 128p.
11. BORTOLOTTI, R., D' AGOSTINO, R.G. Ações pelo controle reprodutivo e posse responsável de animais domésticos interpretadas à luz do conceito de metacontingência. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento / Brazilian Journal of Behavior Analysis**, 2007, v ol. 3, no .1, 17-28
12. Ito, F.O. **Raiva urbana: aspectos clínicos e programa de controle.** Palestra proferida na XXXV semana capixaba do médico veterinário e III encontro regional de saúde pública em medicina veterinária. Guarapari, E.S.2008.
13. Jodelet, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. **As representações sociais.** Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.
14. Sá, C. P.. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Ed UERJ. Rio de Janeiro. 1998
15. Rubio, F.D. Teoria de las representaciones sociales.apuntes. **Nomadas- revista crítica de ciencias sociales y jurídicas.** N.3. enero-junio. Madrid- ESPANHA. 2001

16. Santos, M.F.S. A teoria das representações sociais. In: Santos, M.F.S., Almeida, L.M. **Diálogos com a teoria da representação social**. Ed. Universitária da UFPE. Recife, 2005.
17. Praca, K. B. D. e Novaes, H. G. V.. **A representação social do trabalho do psicólogo**. *Psicol. cienc. prof.*, jun. 2004, vol.24, no.2, p.32-47. ISSN 1414-9893.
18. Herzlich, C. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, 15(Suplemento):57-70. Rio de Janeiro. 2005
19. Moscovici, S. **Representações sociais** – investigações em psicologia social.. Vozes. Petrópolis, RJ. 2007
20. Prefeitura da Cidade do Recife. **Plano municipal de saúde 1010-2013**. disponível em <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/5916.pdf> acessado em 03.06.12.
21. Oliveira, D.C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 16(4):569-76
22. Bardin, L. **Análise de conteúdo**. Ed. 70. 2010
23. Villas Boas. L.P.S. Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana. **Psic. Educação**. São Paulo, 19.2º semestre 2004. PP. 143-166.
24. Banchs. M.A. El papel del a emocion en la construccion de representaciones sociales : invitacion para uma reflexion teórica. *Textes sur les representations sociales*. Vol 5. 1996
25. Ordaz, O; Vala, J. Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. *Análise Social*, vol. XXXII (143-144), 1997

26. Spindula. D.H.P. **“Antes o filho apanhar do pai do que da polícia”**
representações e práticas educativas das mães sobre os filhos atendidos pelo
Conselho Tutelar de Vitória. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do
Espírito Santo. Vitória.2006

ARTIGO II

“MILITÂNCIA VIRTUAL”:

UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O CÃO DE RUA E A CARROCINHA EXPRESSA NOS SITES DAS SOCIEDADES PROTETORAS DE ANIMAIS

João Alves do Nascimento Júnior

RESUMO

Historicamente, as políticas públicas de prevenção e controle de zoonoses são pautadas na captura e sacrifício de cães e gatos de rua. Histórica também é a repulsa das entidades protetoras dos animais a esse tipo de medida, e a internet tem sido a principal arma dessas organizações no combate à carrocinha. Este estudo objetivou identificar as representações sociais expressas nas mensagens virtuais sobre o cão de rua e a carrocinha. Foram selecionadas 30 páginas eletrônicas utilizadas pelos ativistas da causa animal com atuação na Cidade do Recife. O método da Análise de conteúdo foi utilizado na avaliação das mensagens postadas e a Teoria das Representações Sociais, sistematizada por Serge Moscovici, como fundamentação teórica. Os mesmos conceitos que definem os animais como seres sencientes, indefesos e, portanto, detentores de direitos semelhantes aos humanos ancoram a representação social do cão de rua como vítima da irresponsabilidade e intolerância humana, e da carrocinha como um instrumento de injustiça e crueldade contra os animais. Tais representações são indutoras dos comportamentos e julgamentos que geram conflitos éticos e morais, com consequências graves para a saúde pública. O conhecimento dos mecanismos de construção desse senso comum, dinâmico e mutável, pode ser útil às autoridades sanitárias na busca de minimização de tais conflitos.

Palavras-chave: Carrocinha; cão de rua; zoonoses; representação social.

ABSTRACT

Historically, the public measures applied to prevent and control the “zoonoses” diseases, consist on the capture and sacrificed of street dogs and cats. Historic also is the repulse felt by the animal protection entities to this kind of measures. Internet has been the primary weapon of these non-profit organizations in the combat of the “Carrocinha”. This paper intends to identify the social representations expressed in the virtual messages about the interaction of the street dogs and the “Carrocinha”. In order to study this, 30 websites in the city of Recife made by the social activists were selected, and the methodology applied in this was the “content analysis” based on the Social Representation Theory systematized by Serge Moscovici, as theoretical foundation. The same concepts that define animals as sensitive, helpless and therefore beholders of rights similar to those of the human kind; anchored as the social representation of the street dog as a victim of irresponsible behavior and the human intolerance. In addition to this the “Carrocinha” conceptualized as an instrument of the cruelty and injustice against animals. This representations provoke moral and ethic conflicts which lead to public health problems. The understanding of these mechanisms as the base of common sense, which is dynamic and malleable, could be useful in the authorities in the decision making process for resolution of those conflicts.

Key words: “Carrocinha”; stray dogs; zoonoses; social representations.

INTRODUÇÃO:

Cães e gatos vagando pelas ruas de uma grande cidade, muito mais que um problema estético e higiênico, constitui-se num sério fator de risco à saúde dos moradores e transeuntes. Acidentes de trânsito, muitas vezes fatais, mordeduras, e a transmissão de

inúmeras doenças aos seres humanos, denominadas zoonoses, são creditadas ao convívio imposto pela presença destes animais abandonados ^{1,2,3,4,5}.

Mais da metade dos microrganismos patogênicos conhecidos que infectam os seres humanos têm um animal vertebrado como reservatório. São, portanto, agentes etiológicos de zoonoses ⁶, como é o caso da temida raiva, que ainda hoje mata no Brasil, e da Leishmaniose Visceral, conhecida como Calazar, endêmica e urbanizada em grandes regiões do país, e marcadamente presente no Estado de Pernambuco⁷.

Historicamente, as políticas públicas de prevenção e controle destes agravos à saúde, e de controle populacional desses animais, são pautadas na captura, remoção e sacrifício, ou eutanásia, de cães e gatos errantes ^{8,9,10, 11,12, 13}. Tais medidas encontram respaldo no Relatório da 6ª Conferência dos Especialistas em Raiva da Organização Mundial de Saúde - OMS, datado de 1973, e nos manuais técnicos do Instituto Pasteur de São Paulo¹⁴.

No Recife, capital do Estado de Pernambuco, o Centro de Vigilância Ambiental é o órgão responsável pela execução das medidas de controle de zoonoses, que integram o elenco de propostas do Programa de Saúde Ambiental – PSA. Segundo as estatísticas de saúde, a cidade tradicionalmente endêmica para a raiva, registrou seu último caso da doença em humanos, no ano de 1998, e desde setembro do ano de 2004 deixou de registrar também casos em animais. Este status de livre da circulação do vírus entre os caninos é creditado ao aumento da cobertura vacinal de cães e gatos contra a doença, e à prática da captura e eutanásia dos animais errantes. Considerando que a manutenção desta situação epidemiológica demanda uma constante vigilância, e que outras zoonoses e agravos também são creditados ao convívio com animais em situação de abandono, tais medidas continuam em execução no município.

No entanto, também é histórica a insatisfação, ou mesmo repulsa, de uma parcela da população a este tipo de prática. A “carrocinha”, veículo utilizado na captura e remoção, dos cães de rua personifica a atividade e é o alvo nº 01 das diversas Organizações Não Governamentais - ONG, formais ou não, que se dedicam à causa da Proteção Animal ^{15, 16}.

No Recife, em função da informalidade e da multiplicidade, torna-se difícil quantificar exatamente as ONG que militam nessa área. No entanto, as mais atuantes, ou, pelo menos, as que se fazem notar com mais veemência, possuem páginas ou sites na internet, ou seus militantes se utilizam com muita frequência das redes sociais para divulgar suas ideias e ações. Ou seja, estas organizações fazem da internet uma das suas principais armas nessa luta. O site “Recife contra a carrocinha” (<http://recifecontraacarrocinha.wordpress.com/>), alimentado pela ONG “Ativistas pelo Direito dos Animais” – ADA é um exemplo claro dessa estratégia.

A força dessas entidades se faz sentir pela frequência com que ocupam a mídia jornalística, pela adesão e simpatia da população às suas causas, mas principalmente pela influência que exercem sobre os meios políticos e jurídicos.

Um exemplo da influência da militância protetora dos animais sobre as instâncias políticas foi a publicação, mesmo sob os protestos de órgãos de saúde e do Conselho Regional de Medicina Veterinária de Pernambuco – CRMV-PE, da Lei Estadual nº 14.139, em 31 de Agosto de 2010. A referida legislação, dentre outras providências, proíbe a captura de cães errantes e o sacrifício de animais, exceto quando comprovadamente portadores de zoonoses, enfermidades incuráveis ou em fase terminal. Tal medida, portanto, limitou as ações do CVA, neste sentido, apenas à remoção de animais voluntariamente entregues pela população, ou já diagnosticados com alguma

enfermidade transmissível aos humanos. As consequências do cumprimento desta lei sobre a atual situação epidemiológica da raiva na Cidade do Recife é temida pelos profissionais de saúde do município, uma vez que agora os animais abandonados permanecem nas ruas, as adoções de cães não representam mais que 10% dos animais recolhidos e o fluxo contínuo de animais e pessoas entrando e saindo da cidade pode resultar na entrada de novas enfermidades ou mesmo o retorno da circulação do vírus rábico.

A prisão e indiciamento do atual Gerente do CVA, Médico Veterinário Amaro Fábio, em janeiro de 2012, acusado de “maus tratos” aos animais e danos ao meio ambiente, em função de sua posição frente ao órgão, pode ser visto como mais uma demonstração de força das entidades protetoras dos animais e um indicativo das proporções que este conflito tomou no Recife ¹⁷.

As mensagens veiculadas na mídia, o que inclui sites e blogs da internet, muito mais que informação, vêm carregadas de juízo de valor e impregnadas pelos objetivos e interesses do grupo ou instituição que as comunicam ¹⁸. Os meios de comunicação, e de forma muito particular nos tempos atuais as redes sociais na internet, constituem um elemento importantíssimo na construção de um universo consensual ^{18, 19, 20}. Esse senso comum, esse conhecimento construído socialmente sobre um objeto de interesse coletivo, que permite a comunicação entre as pessoas, as trocas de experiências e que é capaz de induzir as relações entre as pessoas e orientar julgamentos e condutas é traduzido como representação social ^{20,21,22}.

A Teoria das Representações Sociais, sistematizada por Serge Moscovici ²¹, extrapola em sua abrangência a área da psicologia social, e tem auxiliado áreas diversas, marcadamente a saúde coletiva e a educação, na busca do conhecimento sobre os

processos e elementos na construção do senso comum que ditam relações, comportamentos e conflitos de seus interesses²².

Neste estudo, interessa-nos identificar as representações sociais (RS) presentes nas mensagens veiculadas nas páginas da internet e redes sociais pelas ONG's protetoras dos animais sobre o cão de rua e a atividade de captura e sacrifício dos animais, objetivada na figura da carrocinha, e compreender o contexto de ancoragem dessas representações. Compreender esse processo pode fornecer pistas para entender a influencia destas RS sobre a opinião pública e os comportamentos e julgamentos de segmentos sociais que geram os conflitos que permeiam a prevenção e controle de zoonoses e o controle populacional de cães e gatos na Cidade do Recife.

MÉTODO

Referencial Teórico

Utilizou-se como referencial teórico a TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, tendo o método da ANÁLISE DE CONTEÚDO como ferramenta de análise dos dados. A pesquisa situa-se no campo da Psicologia Social e classifica-se como qualitativa.

Universo da Pesquisa

O universo pesquisado situa-se no âmbito da realidade virtual, ou seja o conteúdo analisado encontra-se em postagens efetuadas em sites de entidades protetoras de animais e sites de relacionamento, no entanto o objeto discutido nestas mensagens situa-se, geograficamente, na Cidade do Recife.

Recife é a capital do Estado de Pernambuco, uma cidade litorânea e portuária, situada no Nordeste do Brasil. Possui uma área de 219,493 km², totalmente urbana, onde

habitam 1.537.704 habitantes, segundo o senso do IBGE de 20. Sua população corresponde a 43% da população da Região Metropolitana, e é composta predominantemente por pessoas em idade produtiva²³.

O Recife é uma cidade marcada por desigualdades sociais, econômicas e ambientais, que refletem no seu perfil epidemiológico. As doenças do aparelho circulatório, seguidas das causas externas (violências) e neoplasias constituem as principais causas de mortalidade na Cidade. Dentre as enfermidades infecto-parasitárias destacam-se como causas preocupantes de adoecimento a Tuberculose, a Hanseníase, a Filariose e a Dengue. O Recife até o ano de 2004 apresentava a raiva como enfermidade endêmica na população canina do município ²³.

Procedimentos de coleta de dados

Foram utilizadas 30 (trinta) páginas eletrônicas da internet dentre sites administrados por entidades não governamentais de proteção animal atuantes na Cidade do Recife e sites de relacionamento, cujo conteúdo refere-se aos temas “cães de rua” e “carrocinha” desde que referentes ao Recife-PE. Entendendo-se o segundo tema como a atividade de recolhimento e sacrifício de animais abandonados ou suspeitos de zoonoses.

A busca dos sites foi efetuada a partir do site de buscas GOOGLE, utilizando-se as palavras-chave “cão de rua”, “carrocinha”, “Recife” “CVA”, “Zoonoses”.

Foram selecionados apenas textos postados nos últimos 05 (cinco) anos.

Procedimentos de análise dos dados

Considerando que tudo que é dito ou escrito pode ser submetido a uma análise²¹, o conteúdo dos textos postados foram avaliados utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo, descrita por Bardin (2008)²⁵.

A análise de conteúdo é uma ferramenta de pesquisa científica aplicada a várias situações, adotando procedimentos distintos dependendo do objetivo da pesquisa. Contudo, para que não se confunda com análises intuitivas, sempre observa regras precisas que garantem o rigor científico da mesma. Trata-se, portanto, de um conjunto de técnicas de investigação pautada na descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, com a finalidade de interpreta-las. Quatro, portanto, são as exigências fundamentais para a aplicação do método: ser objetivo, ser sistemático, abordar apenas o conteúdo manifesto e quantificar^{25, 26}.

Autores dedicados ao estudo das representações sociais^{18, 26} entendem que é possível, além do conteúdo explícito nos textos escritos, identificar e analisar a influência da conjuntura política e econômica, aspectos relativos à moralidade vigente, a presença de termos e linguagens que identificam grupos sociais específicos, entre outros. Todos esses elementos permitem identificar as representações sociais do grupo comunicante sobre o objeto comunicado.

Dentre as diversas modalidades de análise de conteúdo propostas por BARDIN (2010)²⁵, a análise temática-categorial nos pareceu a mais adequada aos objetivos desta pesquisa.

A análise categorial considera a totalidade do texto na análise, passando-o por um crivo de classificação e de quantificação, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido. É um método de gavetas ou de rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem²⁶.

O texto de todas as postagens selecionadas foram integral e exaustivamente lidos, de forma a torna-los familiar. Diante da visão integral foi possível extrair Unidades de Registro (UR), ou seja frases que comunicavam aspectos ou sentimentos semelhantes, e agrupar os conteúdos em categorias de análise.

As categorias de Análise foram construídas a partir do objetivo principal da postagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os textos postados, seja por representantes das ONG's de Proteção Animal responsáveis pelas páginas ou por terceiros que interagem com estas, foram categorizados em razão da intencionalidade da informação, conforme a TABELA 01 a seguir.

O maior número de postagens nos sites (30) foi incluído na categoria “CARÁTER INFORMATIVO”. Destas, 19 (dezenove) tratam da prisão do Gerente do CVA de Recife, 07 (sete) relatam atos e manifestações contra a “carrocinha”, 03(três) retratam iniciativas coletivas ou individuais em prol dos animais (TABELA 01).

TABELA 01: DISTRIBUIÇÃO DAS POSTAGENS NOS SITES DE ONG's PROTETORAS DE ANIMAIS E SITES DE RELACIONAMENTO, CONFORME A INTENCIONALIDADE DA INFORMAÇÃO. RECIFE. 2012

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
CARÁTER INFORMATIVO DAS POSTAGENS	30
Informações sobre estatísticas do CVA	01
Informações sobre a prisão do Diretor do CVA de Recife	19
Divulgação de atos e manifestações contra a carrocinha	07
Divulgação de ações e iniciativas de grupos ou pessoas em prol dos animais	03
DENÚNCIAS	15
Denúncias contra as atividades dos CVA	15
MOBILIZAÇÃO POPULAR	15
Apelo à participação da população nas manifestações contra a carrocinha e em defesa dos animais	10
Apelo à adoção de animais abandonados	05
APONTANDO SOLUÇÕES	10
Sugestões de medidas alternativas à carrocinha	10
INFORMAÇÕES EDUCATIVAS SOBRE POSSE RESPONSÁVEL DE ANIMAIS	08
Orientações sobre Posse Responsável	08
ASPECTOS SOBRE A RELAÇÃO HOMEM X ANIMAL	11
“Humanização” dos animais	02
Manifestações de empatia, apreço, piedade pelos animais abandonados	06
Manifestações de ira contra quem maltrata animais	02
Manifestações que defendem que os animais são detentores de Direitos Jurídicos	01
OPINIÕES CONTRÁRIAS ÀS ONG DE PROTEÇÃO ANIMAL	13
Apoio ao método de captura e sacrifício usado pelo CVA	04
Críticas à visão zoocêntrica dos ativistas	02
Contra a “humanização” dos animais	04
Manifestações que defendem que os animais não são detentores de direitos jurídicos	03

Uma avaliação menos apurada faria supor que a principal finalidade dos sites das entidades Protetoras de Animais seria, então, o de manter informados seus leitores acerca dos fatos e acontecimentos que dizem respeito aos animais e às atividades do Centro de Vigilância Ambiental do Recife – CVA, tendo em vista que é este o tema da maior quantidade de mensagens postadas. Analisando-se, porém, o conteúdo dos referidos

textos “informativos”, pode-se observar que os mesmos vêm carregados de juízo de valor, dos sentimentos e das emoções do comunicante¹⁸, e que possuem o objetivo muito mais doutrinário que simplesmente informativo.

*“Todos os meses, o Centro de Vigilância Ambiental do Recife (CVA), no bairro de Peixinhos recebe, em média, 400 animais abandonados. Ano passado, a conta chegou a 4.714 cães e gatos.... Os números do **descuido** não são absolutos, porque trata-se de uma contabilidade apenas dos CVAs.”*

*“No ato contra a Carrocinha do dia 10 de dezembro, aproximadamente 150 **valorosos** ativistas se juntaram e protestaram em frente à Prefeitura do Recife contra a **matança indiscriminada** que ocorre, rotineiramente, no Centro de Vigilância Ambiental da cidade. A **pressão dos ativistas** fez com que a então Secretária de Saúde do Recife recebesse uma comissão do movimento para uma reunião, na qual ficaram definidas algumas diretrizes para o início de 2009.”*

Conforme já dito, as postagens mais numerosas nesta categoria correspondem às inserções que informam sobre a prisão e indiciamento do Gerente do Centro de Vigilância Ambiental do Recife - CVA, o Médico Veterinário Amaro Fábio de Souza. A prisão aconteceu em 13 de janeiro de 2012, numa operação denominada pela polícia como “sexta feira 13”, motivada por denúncias diversas sobre “maus tratos” contra os animais na instituição, além do descumprimento à lei 14.138/2010. Os textos das mensagens, no entanto, deixam transparecer o não explícito^{20, 26}, ou seja, o pré-julgamento do fato e, a julgar pela quantidade de vezes que a mesma notícia foi postada (19), uma velada comemoração.

“O gerente do Centro de Vigilância Ambiental (CVA) do Recife, Amaro Fábio de Souza, foi detido durante a Operação Sexta-Feira 13, promovida pela Delegacia do Meio Ambiente. Ele foi autuado em flagrante por crime de maus tratos. A ação, deflagrada nesta sexta-feira (13),

teve por objetivo a detenção de pessoas suspeitas de maus tratos a animais domésticos e os autores responderão criminalmente pelas atitudes.”

“...Amaro Fábio responderá pelos crimes contra a administração ambiental e contra o meio ambiente”

“...As denúncias afirmam que o gestor não está permitindo que os animais que chegam no Centro recebam atendimento veterinário. Durante toda a vistoria, o acesso da imprensa ao Centro não foi liberado, apesar de ter sido autorizado pela polícia. Somente após a a fiscalização, a delegada Nely Queiroz, responsável pelo comando da operação - batizada de Sexta-feira 13 -, pôde apresentar as queixas. Segundo a titular, desde novembro do ano passado o CVA estava sendo alvo de várias queixas, quando donos de animais reclamavam que não havia tratamento adequado aos bichos no local.”

“A delegada disse que, durante a investigação, constatou que a quantidade de sacrifícios de animais estava bem acima do que era declarado oficialmente pelos gestores. A investigação no CVA começou depois que a delegacia deflagrou a Operação Sexta-feira 13, em janeiro deste ano.”

Duas categorias disputam o segundo lugar em número de postagens nos sites pesquisados, são elas: “DENÚNCIAS” e “MOBILIZAÇÃO POPULAR”, ambas com 15 postagens cada uma.

Na categoria “DENÚNCIAS” todas as postagens referem-se a acusações de maus tratos contra animais e todas envolvem o CVA do Recife. Na segunda categoria as postagens buscam sensibilizar e mobilizar a sociedade a aderir às manifestações contra a “carrocinha” (10 postagens) e convencer as pessoas a adotarem cães abandonados, livrando-os assim da ação do CVA (05 postagens).

“A realidade dos CCZ's é muito triste em nosso Brasil..... A presença de animais sozinhos, transitando normalmente e, livremente, pelas ruas ainda "incomoda muito" as

autoridades. É uma questão puramente racista, preconceituosa, porque muitos animais - geralmente cães sem raça definida - A captura é feita de modo brusco, laçando de qualquer maneira animais desesperados que são LITERALMENTE jogados dentro de veículos imundos, velhos, contaminados e apinhados de outros animais amedrontados. Essas são as famigeradas CARROCINHAS DE CACHORRO. Em pleno século XXI, terceiro milênio, a maioria das autoridades sanitárias não aceita e não quer modificar e humanizar o controle de animais nas cidades. É mais "prático" e mais "barato" sacrificar seres indefesos."

"Entidades de defesa dos direitos animais cobram a apresentação, pelo CVA, de nota fiscal da compra de anestésicos. - Se existe um estoque de medicação porque eles não apresentam as notas? Não existe lei que impeça o gestor de fazer isso. -, declara a ativista Maria Padilha, da Associação Amigos Defensores dos Animais e do Meio Ambiente....."

"Carrocinha é o nome dado aos veículos que o Centro de Controle de Zoonoses de uma cidade (em Recife, embutido no Centro de Vigilância Ambiental) usa para capturar animais errantes, sobretudo cães e gatos. O animal sofre desde a sua captura: para tanto é usado o cambão, instrumento para laçar o animal, usado muitas vezes por pessoas despreparadas, podendo deslocar o maxilar, quebrar dentes ou mesmo causar danos na coluna, fraturas nas patas e até mesmo morte do animal.... Depois de três dias sofrendo com o confinamento, com a tortura psicológica de ver seus semelhantes sendo arrastados para a execução e, sobretudo, com os inflagráveis maus tratos e abusos corporais, os animais são exterminados, em teoria pela aplicação de uma injeção letal supostamente humanitária".

"...não há qualquer tipo de controle e nem de triagem – se for no Centro mesmo você verá animais sadios e doentes todos juntos, um ambiente insalubre, anti-higiênico mesmo, animais comendo uns aos outros,.... [...] o problema, veja aqui, é uma questão muito mais profunda e filosófica do que simplesmente pegar alguns animais, levar para um CCZ e matá-los. Além de ineficaz, é eticamente questionável"

"4 mil cães e gatos foram mortos no Recife entre dezembro e janeiro. Se não forem resgatados depois disso, eles são mortos. Um número que chega a 400 por mês no CVA do Recife, podendo ser ainda maior segundo entidades de proteção. O alarmante número de 4 mil mortes, num

período de dois meses, foi denunciado por alguns ativistas.”

“Trata-se de verdadeiro cinocídio. Os médicos que ordenam e executam tal tarefa (que fizeram o Juramento Médico Veterinário – de hipócritas), mexem-se como lesmas da náusea e lagartas do ódio.”

A quantidade de postagens dedicadas a denúncias (15) ou críticas ao CVA e ao trabalho executado lá, por si só já demonstra que a “carrocinha” é o grande alvo das ONG’s Protetoras de Animais e de seus ativistas. O conteúdo das postagens, carregadas de emoções, indicam o quão visceral é o sentimento de repulsa à eutanásia e de piedade pelos animais capturados. Todo o horror que representa para os ativistas o ato da captura, a perda da “liberdade” experimentada pelos animais e a agonia de uma morte entendida como injusta e violenta, está objetivada na figura da carrocinha, e é ancorada na ideia partilhada de que os animais são seres sencientes, capazes de vivenciar as mesmas sensações diante do sofrimento que os seres humanos, e que por isso são detentores do mesmo direito à vida e à liberdade. A impotência dos animais perante a vontade das pessoas é mais uma justificativa para a militância em sua defesa²⁷.

“Junte-se a nós nessa luta. Mobilizemos o Recife contra a Carrocinha.”

“Desde o dia do 1º ato contra a Carrocinha (10 de dezembro), mais de 4 mil animais foram mortos no mesmo CVA contra o qual lutamos. Tenhamos pressa! Não nos acomodemos somente porque a dor não é nossa. Acesse www.naoprecisomorrer.com e veja mais detalhes sobre como foi o ato do dia 10 de dezembro e demais informações sobre o movimento. Divulgue a petição! Participe do II Fórum no próximo sábado!”

“Este Fórum abre um espaço para denúncias de abusos e atrocidades contra animais, o que, infelizmente, parece ser a regra nos municípios brasileiros. Nós, cidadãos brasileiros, eleitores e contribuintes, podemos mudar esta situação vergonhosa. seja bem vindo. sua participação é fundamental.”

“Conscientize as pessoas a nunca abandonarem seus animais; - A nunca adquirir um animal por impulso; - A nunca chamar a carrocinha; - Fotografe e/ou filme os animais antes, durante e depois da captura. Principalmente nos locais em que eles são encaminhados pela carrocinha – provas e documentos são fundamentais para combater transgressões.”

Mesmo as mensagens postadas no sentido de sensibilizar a sociedade quanto à proteção e defesa dos animais, reforçam a representação da carrocinha como uma prática injusta e um instrumento de violência contra os animais. Deixam claro que o “inimigo” é mesmo a carrocinha, não o abandono em si. A participação das pessoas na gênese do problema, ou seja, na prática do abandono, na guarda irresponsável dos animais, está presente nas mensagens, no entanto, pela frequência e pela pouca ênfase, é percebida como uma questão secundária, até mesmo periférica, diante da necessidade de combater o “mau maior” que é a carrocinha.

“O programa de adoção tem obtido muito sucesso e acreditamos ser a unica solução imediata para interromper a morte dos animais sadios por atropelamento ou pelos CCZs”

“Sandy (animal adotado) deixou de integrar a triste estatística dos animais que são recolhidos pelo Centro de Vigilância Ambiental (CVA) e recebem como esperança o prazo de três dias.”

“Por favor, divulguem e acessem o site: http://www.recife.pe.gov.br/2008/03/17/animais_para_adocao_161262.php É a página sobre adoção de animais apreendidos pela “carrocinha” do Recife-PE. Cada animal tem apenas três dias para ser adotado, caso contrário é morto sumariamente. Até quando serão permitidos esses assassinatos?”

Nas mensagens de estímulo à adoção de cães errantes, esta é sempre mencionada como um ato humanitário, um ato de amor, cheio de sentimentos. No entanto, em uma

análise menos superficial, a maioria das postagens dos ativistas, deixa transparecer que a motivação principal para a adoção nem sempre é a necessidade de acolher o animal em situação de abandono. O cão que precisa de proteção deixa de ser o centro da questão, e o ato de adotar, mais que uma prática de inclusão, de cidadania, ganha uma conotação de resistência, ou seja é uma forma de lutar contra a carrocinha, não contra o abandono. As mensagens das postagens expressam, muitas vezes de forma direta, adote um cão para que ele não seja capturado e morto pela carrocinha.

A terceira categoria em número de postagens refere-se à que revela aspectos sobre as relações e sentimentos entre pessoas e animais na visão das ONG's Protetoras dos animais. 11 postagens exprimem os sentimentos e posturas relativas aos animais, especialmente aos abandonados.

“Nenhuma diferença existe entre o cão, de rua e sem raça definida, que é executado no CVA e o amado e bem cuidado cão de estimação seu ou da sua prima. Aquele cachorro ou gato que você vê todo dia na sua calçada, no caminho ao trabalho ou no seu local de estudo; aquele cachorro ou gato que vem brincar com você e que vem lhe pedir comida ou apenas um pouco de carinho; aquele animal, ser vivo senciente e emotivo como você, que percebe e sofre o frio, a dor e a fome como você. Aquele cão, meus caros, livre e feliz, que mora em Casa Amarela, em Boa Viagem, no Engenho do Meio ou no Ibura... Esse animal pode ser capturado, maltratado e executado ainda essa semana. E continuará a poder sofrer tais abusos enquanto persistir o sistema da nossa perversa Carrocinha.”

“A compaixão pelos animais está intimamente ligada a bondade de caráter, e pode ser seguramente afirmado que quem é cruel com os animais não pode ser um bom homem”

“Ó senhor! tenha misericórdia desse pobre animal ,que não tem alma mas tem vida que tu destes,faz um milagre nesse momento ,pois daqui a pouco a carrocinha vem e vão sacrifica-lo... mas um milagre de Deus aconteceu!,...ficamos perplexos com a cena. glorifiquei ao senhor pelo grande milagre! ele foi curado por jesus! alelúia! comeu e começou a brincar com as crianças

na ruaa carrocinha não veio.certo dia fui ao mercado vi ele, são e salvo da morte era ele, estava mais gordinho. Que história linda!”

“Os bichinhos pedem socorro, gente... não dá prá descrever os olhinhos...Eu fiquei arrasada. Consegui pegar o Boca, o virinha que cresceu na minha rua...”

As postagens denotam o sentimento de compaixão pelos animais e a convicção de que estes são seres que, tal e qual os humanos, sofrem, sentem dor, têm carências. Interessante, no entanto, é observar que o abandono, a condição de errante, não é exatamente o que penaliza os autores das mensagens. Muitas vezes essa condição é até enaltecida como uma apologia à liberdade

..”Aquele cão, meus caros, livre e feliz...”

“...como Chaplin, que, sendo gênio, se inventou Carlitos, o maior vagabundo do planeta”...

“o desgraçado chamou a carrocinha, simplesmente porque o bichinho estava com carrapatos, e uma vizinha reclamou? Dá prá acreditar? Um cão alegre, cheio de amigos, gatos, cachorros...”

O alvo da compaixão explicitada nos textos é, quase sempre, o cão vitimado pela carrocinha e o que faz deles dignos de pena é a possibilidade de serem recolhidos e sacrificados. Viver nas ruas não é o problema, ser capturado pela carrocinha, isto sim, é grave.

Os riscos que os animais expostos às ruas e em contato permanente com as pessoas representam para a saúde das mesmas, em momento algum são considerados. A representação social dos animais para os ativistas, isto é, seres detentores das mesmas características e direitos que os seres humanos, é fundada na ideia da senciência, na

capacidade de vivenciar as mesmas emoções e sentimentos, o que os tornam “quase humanos”

"Precisa de muita paciência. É como quando você tem filhos..."

"Colocar roupa em animais na intenção inocente de aproximá-los mais do ser humano, para mim, é recuperação de valores"

"Direito implica em interesses. Os animais têm interesse em viver, em se reproduzir, em envelhecer, em se alimentar, em ter um abrigo, enfim... Animais têm as mesmas necessidades que nós"

A reação, muitas vezes de uma violência implícita, contra quem, de alguma forma, maltrata um animal, reforça essa representação dos ativistas sobre o animal como um ser semelhante aos humanos em direitos e necessidades, mas que por sua fragilidade perante a dominação humana, merece ainda mais atenção e proteção.

"Se eu tivesse a chance de fazer o que fizeram com esse cachorro morto nesse cara ainda vivo, eu faria sem pensar duas vezes"

"Mais do que maldade com gente eu fico puto com maldade com bicho..."

Dez postagens nos sites dedicam-se a apontar alternativas à carrocinha. A sugestão mais frequente refere-se à castração em massa de animais, a adoção e atividades de educação da população para a guarda responsável.

"..Por exemplo: ao invés de sacrificar os animais, o mais interessante seria vaciná-los periodicamente, castrá-los (infelizmente) e colocá-los (os saudáveis) para adoção. Isso é o que ocorre? Sem dúvida que não é. Os animais saudáveis são tratados do mesmo modo que os doentes: são mortos!"

"A castração é a melhor maneira de controle porque, mesmo que sejam abandonados, não irão aumentar a população",

“...em cinco anos o problema poderia ser resolvido se fossem criados programas efetivos e permanentes para esterilização dos animais. É o melhor caminho.”

As alternativas, e a forma como são explicadas e defendidas, deixa perceber uma aproximação forte com o universo reificado, o conhecimento científico gerado nas universidades^{21,29}. Uma característica das ONG's de Proteção Animal é a de comportar entre seus ativistas, um grande número de estudantes de biologia, Medicina Veterinária e outros cursos das áreas biológicas e das humanas, como Direito, Filosofia, etc.

“O grupo ADA, fundado há pouco mais de um ano e formado em sua maioria por estudantes de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)...”

“ONGs e veterinários são unânimes em apontar duas soluções: investimento no controle habitacional e ações educativas pela guarda responsável.”

“Muitos também abraçam a causa por solidariedade, como a estudante de psicologia.....”

“O correto seria implantar uma política eficiente de castração”, disse o Zoólogo XXXX”

“”A esterilização em massa é mais eficaz e não é cruel como a eutanásia”, explica o veterinário XXXX, da UFRPE”

“Para a ambientalista XXXX, as ações pontuais não são suficientes. “O que é necessário para um efetivo controle populacional desses animais é um programa de castração e não ações isoladas ou projetos pilotos”

Estas informações são então veiculadas e defendidas nos sites com a chancela de quem domina o conhecimento científico. No entanto, ao serem veiculadas nos sites, as informações ditas científicas são permeadas das convicções, objetivos e emoções dos ativistas, ou seja são apropriadas por estes e ganham uma conotação consensual²⁹.

A castração em massa como modelo de controle populacional é a alternativa mais defendida e divulgada. Sem dúvida que uma medida que diminuísse a capacidade de reprodução desordenada dos animais em situação de abandono contribuiria em muito para diminuir a população de animais errantes nos centros urbanos. O que as postagens, nem os ativistas discutem são questões práticas que limitam esta atividade:

- Considerando a dinâmica populacional dos cães de rua, que implica numa renovação exponencial a cada semestre, faz-se necessário uma quantidade muito elevada de castrações/ ano para, estatisticamente, conseguir imprimir alguma redução significativa nessa população³⁰;
- O controle de zoonoses é uma atribuição do Sistema Único de Saúde – SUS, sendo assim fica implícito que o desejo das ONG's é que este assumira os custos e a gestão dessas castrações em massa. É de conhecimento público, assunto quase diário de noticiários, que o SUS não consegue atender á demanda integral de atendimento médico aos humanos. Como então exigir que destes recursos seja destinado os valores utilizados na castração de animais ? O parecer 08/2012-CGDT/DEVEP/SVS/MS deixa claro que qualquer atividade de atendimento à saúde animal não pode ser realizada com recursos do SUS e que o gestor que assim o fizer pode responder por improbidade na administração dos recursos públicos;
- A presença dos animais nas ruas constitui um risco à saúde humana, seja pela transmissão de doenças, ou por agressões ou acidentes^{1,2,3,4,5}. Sendo assim, castra-los e devolve-los às ruas, não faria destes animais um risco menor.

A adoção dos cães de rua ou capturados pela carrocinha é uma alternativa apontada pelas postagens nos sites da ONG's. Mais viável do ponto de vista econômico, e perfeitamente factível, esbarra, no entanto, numa questão comportamental: as próprias entidades entendem que a origem do animal de rua está no abandono destes animais pelos seus proprietários e responsáveis. Inúmeras razões podem ser apontadas como causa do abandono, desde a falta de recursos e estrutura, até mesmo o simples desejo de livrar-se de algo que lhe exige algum trabalho. Como então acreditar que a mesma população que abandona possa ser a solução para o problema? Ou seja, que mudança de paradigma comportamental precisaria acontecer para que essa mesma população que abandona, passasse a adotar e abrigar os animais abandonados?

Outra alternativa apontada refere-se a atividades e políticas voltadas para a educação da população para a posse ou guarda responsável de animais. Inclusive esta é uma das categorias de postagens identificadas neste estudo. Oito das mensagens veiculadas nos sites pesquisados trazem informações e orientações para uma postura responsável na guarda ou trato com os animais domésticos.

“Resgatar um animal abandonado é um ato de amor, mas requer cuidados especiais para que o novo morador da casa não transmita doenças para humanos ou contamine outros bichos de estimação.”

“Antes de colocar esse animal no convívio de outros é necessário fazer uma consulta preventiva. Verificar se ele tem doença de pele, fazer exames de fezes, urina e sangue. Além dos exames clínicos, o veterinário irá orientar sobre banhos para conter possíveis parasitas, como piolhos e carrapatos”,

“Confira algumas dicas para resgatar e abrigar um animal com segurança: ...”

O processo educativo, que deve resultar na mudança consciente de hábitos e comportamentos, é gradual, contínuo e os resultados se apresentam em longo prazo.

Sendo assim, informar, sensibilizar, educar a população quanto às responsabilidades na posse, ou guarda dos animais, não é uma tarefa exclusiva do Setor Saúde, no caso representado pelo CVA, mas uma tarefa onde a escola, as igrejas, as Universidades, as diversas instâncias da sociedade têm sua parcela de contribuição e a atuação das ONG's de Proteção Animal deve ser essencial.

No entanto, dentre os categorias identificadas neste estudo, a que contem as mensagens com conteúdo educativo/ informativo sobre posse responsável é a que detém o menor número de postagens (08). Tal constatação reforça a ideia de que o objetivo principal dos sites é mesmo a luta contra a carrocinha, a defesa das ideias e valores do grupo e a necessidade de persuadir os webleitores, a preocupação com as causas primárias do problema surgem no material pesquisado como uma questão secundária.

Considerando a particularidade dos temas tratados, é de se esperar que o público leitor, ou os internautas que acessam estes sites, sejam, em sua maioria, pessoas ligadas aos animais, preocupadas com questões humanísticas, e que, tendo em vista a carga emotiva das postagens, sejam simpatizantes da causa.

No entanto, num território livre como é a internet, existe os que discordam e fazem questão de manifestar-se.

“O que há hoje de verdade mesmo nessa mistura de animais com humanos é que um monte de gente (no meu entender loucas além da conta) passaram a cuidar de animais como se fossem crianças. São inúmeros casos de doenças que são transmitidas por contato com animais, doenças essas que poderíamos evitar se os tratássemos como animais e não como humanos.”

“...esses babacas que andam abraçando árvores, vestindo roupinhas em animais e coisas afins consideram MESMO os animais mais importantes que os humanos. Puro distúrbio de valores.”

“Direito é uma coisa eminentemente humana e pressupõe, em seus conceitos filosóficos básicos, coisas que, até o momento, ainda não caracterizam cães e gatos: executar atividades volitivamente, ter consciência de seus atos e das possíveis sanções para os diversos delitos.”

“Tratá-los, castrá-los e colocá-los para adoção. Ótimo! Mas até quando? Por tempo indeterminado? Estaríamos premiando os irresponsáveis que põem cães nas ruas com verbas públicas. Após um tempo precisam ser sacrificados. Se você acha que não devem ser sacrificados, ADOTE-OS.”

“eu tenho plena consciência da responsabilidade dos humanos sobre os outros animais e o meio ambiente, só não sou tolo ao ponto de não matar pragas urbanas com peninha dos coitadinhos. Isto é civilidade.”

Os argumentos utilizados nas manifestações contrárias, no entanto, não se ocupam em agredir os animais, ou discordar de que estes sejam merecedores de atenção e de bem estar. Parecem discordar apenas da visão zoocêntrica adotada pelos ativistas, que colocam as necessidades do animal em contraposição às necessidades humanas. Existe, pois, uma tensão de representações, uma vez que a representação social da carrocinha demonstrada por estes internautas é antagônica à dos ativistas responsáveis pelos sites, uma vez que esta é objetivada como uma ferramenta de proteção da saúde das pessoas, e ancorada no conceito antropocêntrico de que, para proteger a saúde e o bem estar dos seres humanos, é lícito privar da liberdade, ou mesmo da vida os animais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação, com o auxílio da técnica de Análise de conteúdo, do material postado pelos ativistas das ONG's de Proteção Animal com atuação na Cidade do Recife em suas páginas eletrônicas e nos sites de relacionamento, possibilitou perceber a identificação

das representações sociais dos objetos de interesse construídas por este segmento da sociedade.

A primeira delas é a representação dos responsáveis por estes sites a respeito do cão de rua, ou seja, do animal que vive, sem dono, ou sem a supervisão deste, pelas ruas da cidade. Este animal é representado como uma vítima da irresponsabilidade e intolerância humana, ancorada no conceito de que, enquanto seres capazes de sofrer e expressar suas necessidades, têm direito à vida em qualquer situação, e que a condição de errantes, apesar de lhes trazer alguns desconfortos e privações, lhe confere liberdade, o que é visto como um direito destes animais.

Este mesmo conceito da senciência dos animais ancora a representação que este grupo de internautas constrói de que a captura de cães errantes e, principalmente, o seu sacrifício, longe de serem mecanismos de proteção da saúde das pessoas, são, na verdade, um ultraje ao direito à vida desses animais e classificados como maus tratos e perversidade. A carrocinha, veículo oficial que se presta ao serviço de recolher os animais, personifica no imaginário dos ativistas das ONG's de Proteção Animal esse instrumento de maldade contra os animais e que, portanto, precisa ser “visceralmente” odiada e combatida incansavelmente.

Tais representações sociais são indutoras, conforme afirma Moscovici, de comportamentos, hábitos, opiniões e julgamentos^{20,21,31}

As mensagens veiculadas na mídia pelas ONG's Protetoras dos Animais, e a internet tem sido uma forma poderosa de comunicação, são de fácil assimilação, uma vez que defendem uma posição simpática à grande maioria das pessoas: a defesa da vida dos animais.

Por traz da carrocinha, representada como algo odioso pelas ONG's, estão profissionais de saúde, autoridades sanitárias, cuja função, e objetivo, é proteger a saúde humana de enfermidades transmitidas pelo convívio com animais de rua ou de acidentes, agressões e outros agravos, mesmo que para isso tenha que privar os animais identificados como fatores de risco da liberdade e/ou da vida.

Este estudo não se ocupa em desconsiderar a condição de seres sencientes desses animais, nem o seu direito à vida, mas procura analisar as RS das ONG considerando que cães excessivamente expostos à contaminação, em situação de liberdade desassistida e portadores de enfermidade transmissíveis ao homem, são fatores de risco à saúde coletiva e desta forma precisam ser percebidos.

Entre a obrigação áspera de proteger a saúde humana em detrimento da vida animal, e a palatável opção de defender a liberdade dos animais sem a responsabilidade concomitante de proteger a saúde humana, imprensa, mídia, políticos e até juristas, têm optado pela alternativa mais simpática e popular.

A Constituição Federal define a Saúde como um direito de todos e uma obrigação do Estado (BRASIL 1988). O acesso a um meio ambiente saudável e livre de fatores de risco, é um dos requisitos essenciais à conquista e manutenção desse direito. Profissionais da saúde pública são, pois, as mãos operacionais do Estado, imbuídos, portanto, de promover, proteger, controlar e até recuperar a saúde humana. Se não o fizerem, lançando mão de todas as ferramentas que dispõem, serão fatalmente classificados de omissos diante de possíveis danos à saúde coletiva. Mas, se o fizer, como no caso das atividades de prevenção e controle de zoonoses, inerentes ao CVA, será responsabilizado, julgado e moralmente linchado por precisar tirar de circulação animais errantes que representam risco à saúde dos seres humanos.

Está, pois, instalado um conflito de ordem ética e moral. Uma situação beligerante com consequências que podem ser desastrosas para a saúde coletiva.

Considerando o caráter dinâmico e mutável das Representações Sociais, e de sua influência no comportamento e julgamento coletivo^{20,21,31,32}, este estudo pode ser útil a todas as partes envolvidas, no sentido de, uma vez conhecendo as representações sociais do cão de rua e da carrocinha para um segmento influente da população, e dos elementos que ancoram esse senso comum, possam trabalhar coletivamente esses conceitos, possibilitando a construção de novas representações indutoras de comportamentos menos conflituosos e de práticas pacíficas e efetivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Belotto, A. J. **Situação da raiva no mundo e perspectivas de eliminação da raiva transmitida pelo cão na América Latina**. Disponível em: http://www.pasteur.saude.sp.gov.br/informacoes/anais/seminario_internacional/resumo_2_1.htm. Acesso em: 26 Dez .2011.
2. *Lages.S.L.S. Avaliação da população de cães e gatos com proprietário, e do nível de conhecimento sobre a raiva e posse responsável em duas áreas contrastantes da cidade de Jaboticabal, São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Jaboticabal. 2009
3. Shimozako, H.J. **Otimização da técnica de captura – recaptura fotográfica para estimação da população canina livre em vias públicas**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina. Universidade de São Paulo. 2008
4. Instituto Pasteur. Educação e promoção da saúde no programa de controle da raiva. **Manual técnico n. 5**. São Paulo. 2000

5. Ciampo, L.A.D., ricco, R.G., almeida, C.A.N., bonilha, L.R.C.M. Acidentes com animais domésticos na infância e adolescência. **Revista de Pediatria. V 22(4).** São Paulo.2000
6. *Pfuetzenreiter, M.R., Zylbersztajn, A., Avila-Pires, F.D. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. Ciência Rural, Santa Maria, 2004. v.34, n.5, p.1661-1668, set-out.*
7. Dantas – Torres, F. & Brandão Filho, S.P. Expansão geográfica da leishmaniose visceral no Estado de Pernambuco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.** 2006.39(4):352-356.
8. WHO. **Guias para el Manejo de la Poblacion Canina.** Ginebra,1990. 128p.
9. *Almeida e Souza, M.F.* Controle de populações caninas: considerações técnicas e éticas. **Revista Brasileira de Direito Animal.** 2001. Ano 6 . Volume 8. Jan – Jun.
10. Eloy, L.J., Modolo, J.R. Uso de cães capturados das ruas em práticas de ensino. **Vet. e Zootec.** Dez. 2009. P.617-628. V.16.n.4.
11. *Nogueira, F;S;* Eutanásia animal. **Revista Ciên. Agr. Saúde.** FEA, Andradina, 2002. v. 2, n. 2, jul-dez, p 90-95.
12. Cunha, M.C.M., Duarte, R.M., Silva, D.A. Conhecimentos, atitudes e práticas de moradores de um bairro de Betim (MG) sobre bem-estar animal, controle de zoonoses e adesão aos programas públicos de controle populacional de cães. **IV Seminário PROGRAD.** PUC Minas.2004 [Acessado em 26.12.2011] disponível em:http://www.pucminas.br/seminarioprograd/iv_seminario/pdfs/puc_mor_betim.pdf
13. . Nociti, D.L.P., Nociti, R.P., Valeriano, S.P. Levantamento e identificação dos aspectos epidemiológicos da raiva canina no município de Cuiabá – MT. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci. São Paulo, 2011. vol.48 no.6**

14. Santana LR & Oliveira TP. **Guarda responsável e dignidade dos animais.** Acesso em 15/10/2011 [Acessado em 15/10/2011]. Disponível em: <<http://www.abolicionismoanimal.org.br/artigos/guardaresponsveledignidadedo sanimais.pdf>>..
15. Ito. F.O. Raiva urbana: aspectos clínicos e programa de controle. Palestra proferida na **XXXV Semana Capixaba do Médico Veterinário e III Encontro Regional de Saúde Pública em Medicina Veterinária** Guarapari, E.S.2008.
16. Bortoloti, R., D' Agostino, R.G. Ações pelo controle reprodutivo e posse responsável de animais domésticos interpretadas à luz do conceito de metacontingência. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento / Brazilian Journal of Behavior Analysis**, 2007, v ol. 3, no .1, 17-28
17. Após denúncias, diretor de Centro de Vigilância Ambiental é detido em PE. [Acessado em 20.08.2012]. Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/01/apos-denuncias-diretor-de-centro-de-vigilancia-ambiental-e-detido-em-pe.html>.
18. Menandro, M.C.S, Trindade, Z.A., Almeida, A.M.O. **Gente jovem reunida: representações sociais de adolescência/juventude em textos jornalísticos.** Programa de Pós graduação em Psicologia –PPGP/UFES. GM Gráfica e Editora. 2010.
19. Jodelet, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. **As representações sociais.** Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.
20. Espíndula. D.H.P. TRINDADE, Z.A. SANTOS. M.F.S. Representações e práticas educativas de mães referentes a filhos atendidos pelo conselho tutelar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 2009. v. 14, n. 1, p. 137-147, jan./mar.

21. Moscovici, S. **Representações sociais** – investigações em psicologia social.. Vozes. Petrópolis, RJ. 2007
22. Santos, M.F.S. **Representações sociais e psicologia social. In: Almeida, A.M.O; Jodelet, D. (Orgs.). Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas/ Representações Sociais. Thesaurus Editora. 2009.**
23. Prefeitura da Cidade do Recife. **Plano municipal de saúde 1010-2013.** [acessado em 03.06.12] Disponível em <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/5916.pdf>
24. RECIFE. Secretaria de Saúde. Plano Municipal de Saúde – 2002/2005. Recife, 2002.
25. Bardin, L. **Análise de conteúdo.** Ed. 70. 2010
26. Oliveira, D.C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 16(4):569-76
27. ORDAZ, O; VALA, J. Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. **Análise Social**, 1997. vol. XXXII (143-144),
28. Praca, K. B. Diamico e Novaes, H.G.V. A representação social do trabalho do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, jun. 2004, vol.24, no.2, p.32-47. ISSN 1414-9893.
29. Lima Júnior, A.D. Caracterização da população canina para o controle da raiva e outros problemas de saúde pública. **Ciência Veterinária nos Trópicos.** Recife, Jan-Abr,1999. V.2, n.1.p.65-78.
30. Santos, M.F.S., Novelino, A.M., Nascimento, A. P. O mito da maternidade: Discurso tradicional sob roupagem modernizante? In: MOREIRA, A.S.P. , JESUINO, J.C. (Orgs.) **Representações sociais: Teoria e prática** (pp. 255-278). João Pessoa: 2003. Editora Universitária/UFPB.

31. Coutinho, S.M.S.; Menandro, P.R.M. **A dona de tudo- Um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa.** Programa de Pós graduação em Psicologia –PPGP/UFES. Editora Facastelo. GM Gráfica e Editora. 2009

ARTIGO III

“QUE GENTE É ESSA?”

UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CARROCINHA PARA OS OFICIAIS DE CONTROLE ANIMAL DO RECIFE-PE

João Alves do Nascimento Júnior

*“A carrocinha pegou três cachorros de uma
vez...”*

Tra la lá, que gente é essa ?

Tra la lá, que gente má !”

Cantiga de roda – domínio público

RESUMO

Oficiais de Controle Animal – OCA são os trabalhadores do Centro de Vigilância Ambiental do Recife – CVA que atuam na “carrocinha”, e são responsáveis pela captura, remoção, manejo e auxílio ao sacrifício de animais em situação de abandono ou portadores de enfermidades transmissíveis ao homem. Estes profissionais convivem permanentemente com o dilema de proteger a saúde das pessoas, em detrimento da liberdade ou mesmo da vida de animais apontados como fatores de risco. Fundamentado na Teoria das Representações Sociais, sistematizada por Serge Moscovici, este estudo propôs se a conhecer as representações elaboradas por estes sujeitos acerca de seu trabalho, de seus procedimentos, de sua imagem e das relações com os animais apreendidos. Foi utilizado um protocolo de entrevistas semi-estruturado como instrumento de colheita de dados, aplicado a todos os OCA do CVA do Recife (20). O método da Análise de Conteúdo foi utilizado como ferramenta de análise dos dados. Os resultados demonstraram que os OCA representam o seu trabalho como uma prestação de serviço em benefício da população, no entanto a representação que elaboram da “carrocinha”, entendida como o conjunto dos procedimentos por eles executados, é a de um mecanismo voltado especialmente à proteção do bem estar dos animais, eficaz no

sentido de abreviar o sofrimento provocado pelo abandono e adoecimento. E, finalmente, os OCA entendem-se como uma categoria estigmatizada, rejeitada pela comunidade em função de seus métodos de trabalho. A teoria das representações sociais, que permite identificar os elementos que participam da objetivação e ancoragem dessas representações, demonstra ser um instrumento eficaz para um repensar os procedimentos a partir de novas perspectivas, a partir do olhar do trabalhador de saúde.

Palavras-chaves: Laçadores; estigma, representações sociais; carrocinha; cão de rua;

ABSTRACT

Animal Control Officers -OCA, are workers of environmental Monitoring center of Recife-CVA, working in the “carrocinha” and are responsible for the capture, removal, and management assistance to the sacrifice of animals in the situations of abandonment or carriers of transmissible diseases to the human. This professionals live permanently with dilemma, to protect of the people`s health in detriment of freedom or the life of animals that are identified as risk factors. Based on the Social Representations Theory systematized by Serge Moscovici, this study aimed to discover the representations made by these professionals about their work, their procedures, their image and relations with animals captured. The method of analyses of the content was utilized as tools of analyses of the data. The exhibit result that the OCA represents yours work as a provision of service in benefit of the population, however the representation that is elaborate in the carrocinha, understood as joint of procedures performed by them is the aimed mechanism specially protect of animals welfare, effectively to shorten the suffering caused by abandonment and illness. Ultimately, the OCA understand themselves as stigmatized category, rejected by the community in functions of your method of work. The Theory of Social Representations allows to identify elements that participate in the objectification and

anchoring those representations that show to be an efficacious instrument for a rethink the procedures from the news perspectives, from new view of health worker.

Keywords: lassoers; stigma; social representations; “Carrocinha”; stray dogs;

INTRODUÇÃO

Estudos demonstram que na década de 1990, em torno de 30% dos domicílios na Cidade do Recife - PE possuíam cães e 20% criavam gatos. É muito provável que o desenvolvimento econômico e a aceleração da urbanização tenham ampliado consideravelmente esse percentual nos dias atuais¹. A convivência estreita entre homens e animais no espaço urbano, associada a outros fatores culturais, sociais e econômicos, tem conferido uma importância cada vez maior às chamadas zoonoses urbanas^{2, 3}.

Zoonoses são definidas pela Organização Mundial de Saúde – OMS como enfermidades compartilhadas, naturalmente, entre animais vertebrados e a espécie humana².

Mais da metade dos microrganismos patogênicos conhecidos que infectam os seres humanos têm um animal vertebrado como reservatório. São, portanto, agentes etiológicos de zoonoses⁴, como é o caso da temida raiva, que ainda hoje mata no Brasil, e da Leishmaniose Visceral, marcadamente presente no Estado de Pernambuco⁵.

A presença de cães e gatos nas ruas tem sido responsável também por inúmeros acidentes automobilísticos, alguns fatais, e ainda por um número importante de agressões por mordeduras, que além de se constituírem em agravo à saúde humana, demandam somas consideráveis de recursos destinados ao setor saúde⁶.

Só nos EUA, contam-se mais de um milhão de mordeduras caninas ao ano, das quais, em torno de 750.000 são consideradas graves, gerando uma despesa anual de mais

de US\$ 200 milhões⁷. No Brasil, foram registradas, no ano 2000, pelo menos 234 mil tratamentos pós-agressão por animais, número que elevou-se para 440 mil atendimentos em 2009, dos quais 84% tiveram cães como responsáveis pelas agressões, e 11% creditadas aos gatos⁸.

Considerando a importância das zoonoses, e em especial a raiva e as agressões por animais, e baseados nas orientações da OMS, o Ministério da Saúde instituiu, em 1973, o Programa Nacional de Controle da Raiva Urbana, o que demandou a implantação, em todo o país, de unidades de saúde especializadas denominadas Centros de Controle de Zoonoses – CCZ⁹.

Por CCZ entende-se a base operacional municipal e do DF responsável pela execução da Vigilância e Controle Ambiental, através do manejo e controle das populações animais, visando a profilaxia das zoonoses e doenças transmitidas por vetores, além dos agravos e incômodos causados por eles¹⁰.

No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, existem 240 (duzentos e quarenta) CCZ's em funcionamento, dos quais 35% na região Nordeste. O Estado de Pernambuco é contemplado com 07 (sete) destas Unidades, sendo 03 (três) situadas na Região Metropolitana do Recife, 02 (duas) na região do Agreste e 02 (duas) no Sertão do Estado.

No Recife, o CCZ, além de todas as funções que lhe são cabíveis, também incorporaram outras ações de Vigilância de fatores de risco ambientais, como contaminantes da água de consumo e acidentes naturais, e por esta razão é denominado Centro de Vigilância Ambiental – CVA. Embora existam diferenças de nomenclatura, de conjunturas e de complexidade, uma atividade comum a todas estas unidades espalhadas pelo país, e em várias partes do mundo, é a captura e/ou remoção de animais errantes, ou

seja, sem proprietários, portadores de zoonoses ou que representem riscos a saúde humana^{11, 12, 13}.

A captura e remoção dos cães em via pública ou nos domicílios são efetuadas por veículos adaptados a essa função e nacionalmente conhecidos como “carrocinha”. Os funcionários responsáveis por esta função eram conhecidos por “laçadores”, em função do instrumento mais comumente utilizado para captura dos animais em movimento nas ruas: o laço de couro.

No entanto, visando à humanização dos serviços de controle de populações animais e de zoonoses, o CVA em parceria com as organizações não governamentais (ONG) de proteção animal, o Instituto Técnico de Educação e Controle Animal (Itec) e a World Society for the Protection of Animals (WSPA), realizou, em 2008, o Curso de Formação de Oficiais de Controle Animal – FOCA, e desde então estes passaram a ser denominados Oficiais de Controle Animal – OCA.

Pretendeu-se com o curso dotar o OCA de capacidade de avaliar o comportamento e bem estar desses animais, realizar um manejo menos violento, além de atuar como educador comunitário¹⁴.

A “carrocinha” é entendida pelos órgãos de saúde como um instrumento de prevenção e proteção da saúde coletiva, no entanto, mesmo com todos os cuidados quanto à humanização dos procedimentos, tal atividade encontra-se no centro de um dilema ético: a defesa da vida humana implica num ato de violência contra a vida de animais. Tal dilema afeta particularmente os profissionais envolvidos na atividade, ou seja, Médicos Veterinários e “Laçadores”, ou OCA. É de se esperar que tal atividade trouxesse a quem a exerce um permanente estado de sofrimento psicológico^{15, 16}.

A Resolução 1000/2012 do Conselho Federal de Medicina Veterinária - CFMV determina que a eutanásia dos animais, quando necessária, sejam realizadas

exclusivamente por Médicos Veterinários ou sob sua supervisão. Contudo, no CVA, assim como em todos os CCZ's os Oficiais de Controle Animal atuam como auxiliares nesta tarefa, contendo os animais, removendo-os, e dando a destinação final aos cadáveres. Ou seja, estes trabalhadores também estão presentes e participam da atividade de eutanásia ou sacrifício dos animais apreendidos¹⁷.

A mesma Resolução 1000/2012 do CFMV prevê, para os Médicos Veterinários que executam essa atividade de forma rotineira, como nos casos dos CCZ, o rodízio de profissionais, com o objetivo de minimizar os efeitos do estresse que tal atividade impõe. No entanto, nenhuma legislação existe normatizando medidas de proteção aos “laçadores” ou OCA que também participam desse procedimento¹⁷.

Muito se fala em bem-estar animal, muitas Organizações Não Governamentais – ONG se ocupam em defender os animais e denunciar maus tratos a estes, no entanto, pouco se discute a respeito do bem estar dos trabalhadores envolvidos nas atividades de controle de zoonoses.

Como esses trabalhadores entendem sua própria profissão? De onde vêm as informações que baseiam esse conceito comum? Que sentimentos compartilham? O que a “carrocinha” e a lida com os animais significam para si? E principalmente, de que forma esse “senso comum” a respeito de sua profissão e de seu instrumento de trabalho influencia, ou mesmo determina o comportamento coletivo destes profissionais?

Apoiado na Teoria das Representações Sociais, estruturada pelo francês Serge Moscovici¹⁸, e na metodologia da Análise de Conteúdo, descrita por Bardin¹⁹, este estudo pretendeu compreender as Representações Sociais dos OCA a respeito de sua profissão, da “carrocinha”, de sua imagem para o público e de sua relação com os animais capturados. Este é, pois o objetivo principal deste artigo, que pretende apoiar assim o

repensar e o planejar das ações de controle de zoonoses com um olhar também para o trabalhador.

Por Representações Sociais entende-se uma forma de conhecimento de senso comum, compartilhado e construído socialmente por sujeitos ativos acerca de um objeto relevante a estes. Tais representações refere-se à conjuntura social, cultural e histórica dos sujeitos que a elaboram, e conseqüentemente são dinâmicas e mutáveis^{18, 20,21}. Compartilhar teorias de senso comum a respeito de determinados objetos, segundo Santos (2005), garante a comunicação entre as pessoas e fornece um norte para a definição de seus comportamentos, condutas e julgamentos ^{18, 22, 23}

Jodelet (2001 p. 22), afirma que Representação Social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Tal conceito considera, portanto, que indivíduos envolvidos em uma prática comum, como é o caso dos profissionais que labutam na “carrocinha”, procurem significá-la, explicá-la para si mesmo e para as pessoas de seu convívio, refletindo em sua forma de agir e pensar. Tal reflexão, no entanto, não se trata de uma simples opinião, mas de uma representação construída a partir de experiências pessoais e coletivas, informações advindas de diferentes fontes, valores morais e até mesmo de suas emoções^{24, 25, 26, 27}.

Dois processos são essenciais na construção de representações sociais. São eles: a Objetivação e a Ancoragem^{18,22}.

A objetivação é o processo de tornar concreto o que é abstrato, e é realizado a partir de três movimentos: 1) A seleção e descontextualização, onde os sujeitos retiram do objeto algumas informações a partir de seus conhecimentos e experiências anteriores, valores culturais, religiosos, tradições, etc; 2) A formação de um núcleo figurativo, ou seja a formação de um modelo figurativo a partir da transformação do objeto; e 3) a

naturalização dos elementos, isto é, a incorporação do objeto transformado à realidade social. Enfim, na objetivação um conceito, um conhecimento, ganha materialidade e incorpora-se à realidade como algo natural^{18, 22, 28}.

Quanto ao processo de Ancoragem, ORDAZ e VALA (1997) o entendem como o movimento de tornar familiar algo até então “não familiar” e as formas ou mecanismos como as representações sociais assim construídas tornam-se socialmente funcionais. As aceleradas transformações sociais, culturais, ambientais, éticas e morais apresentam-se, muitas vezes, como algo novo, incomodo e ameaçador para certos grupos humanos. Tal desconforto leva à busca de classificar tais “novidades” dentre as categorias já conhecidas, tornando familiar aquilo que é estranho^{18, 28}. O processo de ancoragem implica na atribuição de sentido ao objeto desconhecido, a partir de conhecimentos e valores culturais preexistentes; na instrumentalização desse saber, ou seja, na atribuição de uma função na compreensão do mundo social; e no enraizamento no sistema de pensamento, isto é, a retirada do objeto representado da condição de anonimato original²².

MÉTODOS

Referencial Teórico

Utilizou-se como referencial teórico a TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, tendo o método da ANÁLISE DE CONTEÚDO como ferramenta de análise dos dados. A pesquisa situa-se no campo da Psicologia Social e classifica-se como quantitativa-qualitativa.

Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Centro de Vigilância Ambiental – CVA da Secretaria Municipal de Saúde do Recife. O CVA é uma unidade de saúde responsável por apoiar

as ações de Vigilância Ambiental em Saúde na Cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco.

Com uma população de 1.537.704 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2010, o Recife caracteriza-se por marcantes desigualdades sociais e ambientais. As doenças do aparelho circulatório representam a principal causa de mortalidade, seguidas das causas externas (violências) e das neoplasias. Dentre as enfermidades infecto-parasitárias destacam-se como causas preocupantes de adoecimento a Tuberculose, a Hanseníase, a Filariose e a Dengue. Até o final da década de 1990, a raiva ainda fazia vítimas humanas na cidade e até o ano de 2004 esta ainda era uma enfermidade endêmica na população canina do município^{29,30}.

O CVA situa-se no bairro de Peixinhos, zona norte da cidade, na fronteira com o município de Olinda. A unidade foi estabelecida em parte das instalações do antigo Matadouro Público de Peixinhos, na década de 70. Quando de sua instalação o bairro possuía ainda características semelhantes à zona rural, no entanto, com a urbanização desordenada da cidade, atualmente é uma das áreas de grande densidade populacional e de muito baixa condição de vida³¹.

Dentre as atribuições do Centro encontram-se as atividades de recolhimento de animais abandonados, suspeitos ou confirmadamente portadores de zoonoses ou doenças incuráveis.

Participantes

Os participantes da pesquisa foram todos os 20 (vinte) funcionários do CVA que atuam diretamente na captura, remoção e manutenção dos animais recolhidos na unidade de saúde, denominados Oficiais de Controle Animal – OCA.

Instrumento de coleta de dados

Com o objetivo de colher as impressões e informações dos Oficiais de Controle Animal, foi elaborado um protocolo de entrevistas semiestruturado, contendo perguntas de identificação dos entrevistados, que permitiram traçar um perfil sócio-econômico-cultural dos mesmos, e questões totalmente abertas sobre suas experiências, conhecimentos e sentimentos sobre o seu trabalho na “carrocinha”, a relação com a população e com os animais (anexo 1).

O protocolo de entrevistas utilizado como instrumento de colheita de dados permitiu total liberdade de expressão aos entrevistados sobre os temas solicitados.

Procedimento de coleta de dados

O pesquisador responsável por este estudo foi, no período de 2000 a 2006, gestor do CVA. A maioria dos atuais funcionários já atuava no órgão nesse período. Considerou-se, portanto, a possibilidade desse vínculo entre entrevistador e entrevistados influenciar em suas respostas. Sendo assim, com o objetivo de contornar este viés, as entrevistas foram realizadas por 02 (duas) profissionais da Comunicação Social, devidamente treinadas e totalmente estranhas ao grupo.

As entrevistas foram aplicadas no próprio local de trabalho dos entrevistados, individualmente. As respostas foram gravadas e depois transcritas.

Todos os participantes assinaram um Termo de Livre Consentimento de Participação na Pesquisa, e foram esclarecidos de suas finalidades e de que poderiam

recusar-se a qualquer momento. Cumprindo-se assim as exigências éticas, previstas quando da aprovação da mesma pelo Comitê de ética da UNIVASF.

Procedimentos de análise dos dados

O conteúdo das entrevistas foi avaliado utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo, descrita pela Professora Laurence Bardin (2008)¹⁹.

A Análise de Conteúdo, enquanto ferramenta de pesquisa científica, utiliza procedimentos variados, de acordo com a situação e os objetivos pretendidos. No entanto, todos têm em comum a observação do rigor científico, o que a diferencia de análises intuitivas. Trata-se, portanto, de um conjunto de técnicas de investigação pautada na descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, com a finalidade de interpreta-las.^{19, 32}

A análise de conteúdo, segundo Oliveira (2008)³², possibilita avaliar não apenas o que foi explicitamente verbalizado ou escrito, mas também o conteúdo implícito nas comunicações, a partir dos primeiros. É possível, portanto, identificar e analisar a influência da conjuntura política e econômica, aspectos relativos à moralidade vigente, a presença de termos e linguagens que identificam grupos sociais específicos, entre outros. Todos esses elementos permitem identificar as representações sociais do grupo comunicante sobre o objeto comunicado³².

Dentre as diversas modalidades de análise de conteúdo propostas por Bardin (2010)¹⁹, utilizamos neste estudo a análise temática-categorial.

A análise categorial considera a totalidade do texto na análise, passando-o por um crivo de classificação e de quantificação, segundo a frequência de presença ou ausência

de itens de sentido. É um método que permite a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem ²⁶.

Procedimentos

O primeiro passo na análise foi a leitura minuciosa, e repetida exaustivamente, do conjunto das entrevistas, com o objetivo de tornar “familiar” o conteúdo das mesmas. Essa intimidade com o conteúdo permitiu identificar 04 (quatro) objetos de análise contemplados nas respostas dos entrevistados. Quais sejam: “o seu trabalho”, “a carrocinha” “o que as pessoas pensam sobre o trabalho deles” e a “a relação com os animais abrigados no CVA”, salientando que por carrocinha entenda-se o procedimento de captura, abrigo e posterior doação ou sacrifício dos animais errantes.

Para cada um dos objetos de análise foram identificadas categorias de análises. Oliveira (2008) define esse processo de categorização como uma “operação de classificação dos elementos participantes de um conjunto, iniciando pela diferenciação e, seguidamente por reagrupamento, segundo um conjunto de critérios. São rubricas ou classes que reúnem um conjunto de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado segundo os caracteres comuns destes elementos. Implica impor uma nova organização intencional às mensagens, distinta daquela do discurso original.”

As categorias foram definidas para agrupar as diversas Unidades de Registro (UR), ou seja, frases que comunicavam aspectos ou sentimentos semelhantes. Na definição das categorias de análise foram respeitados os critérios da Homogeneidade de ideias, exaustividade, ou seja, foi considerado o conteúdo integral de cada entrevista, exclusividade, uma vez que um conteúdo classificado em uma categoria não figura em outra, objetividade e adequação aos propósitos da pesquisa. ³²

As categorias que abrigaram mais de 50% das respostas foram classificadas como “PREDOMINANTES”, as que continham menos de 50% das respostas, porém mais de 25%, foram classificadas como “INTERMEDIÁRIAS” e aquelas que contiveram menos de 25% das respostas foram denominadas “PERIFÉRICAS”.

RESULTADOS

Caracterização dos entrevistados

Todos os entrevistados ocupam o cargo de Oficial de Controle Animal no CVA e são do sexo masculino. 55% encontram-se na faixa etária entre 31 e 40 anos, seguida daqueles entre 41 e 50 anos, que corresponde a 20% do total.

A renda familiar da grande maioria (95%), não ultrapassa 03 salários mínimos, sendo que 50% dos entrevistados recebem até 02 salários mínimos. 50 % deles são solteiros, seguidos dos casados, que representam 45%.

65% dos Oficiais de Controle Animal chegaram a cursar o ensino médio, no entanto apenas 40% concluiu essa etapa, os demais têm apenas o nível fundamental de ensino.

Metade dos entrevistados trabalha no CVA há menos de 2 (dois) anos e apenas 10% atuam há mais de 10 anos no órgão. 55% declararam não criar animais domésticos em casa.

Análise do conteúdo das entrevistas

As respostas dos entrevistados foram agrupadas em quatro grandes unidades de sentido, em função do objeto a que se referem. Quais sejam: “O que dizem sobre o próprio trabalho”; “O que dizem sobre a carrocinha”, entendendo-se por carrocinha as atividades

de captura, remoção e destinação (doação ou sacrifício); “O que as pessoas dizem a respeito de seu trabalho”; e “O que eles dizem a respeito da relação com os animais removidos para o CVA”.

A Tabela 01 descreve a distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA que fazem referência ao seu trabalho, suas percepções e sentimentos.

TABELA 01: Distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA relacionadas ao objeto “O QUE DIZEM SOBRE O PRÓPRIO TRABALHO”. Recife. 2012

CATEGORIA	frequência	%	classificação
trabalhar na carrocinha foi uma necessidade, não uma opção	10	25,64%	intermediária
trabalhar na carrocinha traz satisfação pessoal	18	46,16%	intermediária
trabalhar na carrocinha traz sentimento de bem feitor da população	08	20,51%	periférico
insatisfação com o trabalho	03	7,29%	periférico
TOTAL	39	100%	

A maioria das respostas desse grupo, ou seja, 46, 16%, fazem referência ao sentimento de satisfação pessoal que os OCA têm em exercer essa atividade.

“Eu tenho muito amor e carinho pelo que eu faço.”

“Meu sentimento é de satisfação pelo que faço. Tem tanta gente desempregada e eu tenho essa oportunidade e ainda é um trabalho que eu gosto de fazer.”

“A cada dia que passa eu gosto mais do que eu estou fazendo. É um sentimento que cresce dia após dia.”

“Satisfeito e orgulhoso.”

Apesar de classificado como um tema periférico, 20, 51% das respostas deste grupo, expressou o sentimento de altruísmo, de estar prestando um serviço benéfico para a população de sua cidade, mesmo que ela não entenda dessa forma.

“Me sinto útil porque estou ajudando a população.”

“É uma forma de contribuir com a população, prestando serviço para a comunidade.”

No entanto, 25, 64% expressam que trabalhar na carrocinha não foi uma escolha pessoal, e sim uma oportunidade de emprego, isto é, a necessidade os levou a esse tipo de trabalho.

“Foi a única oportunidade que eu tive.”

“Apareceu essa oportunidade ai eu aceitei. Não foi bem que eu escolhi não.”

“Não escolhi. Eu era maqueiro do hospital da restauração e me transferiram para cá. Eu não tive escolha.”

Do total de respostas que tiveram a relação com o trabalho como tema, 7,29% manifestaram sua insatisfação.

“Eu não me sinto bem. Nessa área tem muita falsidade. É um querendo ser melhor do que o outro.”

“Precisa ter coragem nessa função. Tem uns animais muito agressivos que eu não gosto não, e tem que recolher de todo jeito.”

As respostas que expressam a opinião, ou o sentimento, dos Oficiais de Controle Animal sobre a “carrocinha”, estão distribuídas na Tabela 02, a seguir.

TABELA 02: Distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA relacionadas ao objeto “O QUE DIZEM SOBRE A CARROCINHA”. Recife. 2012

CATEGORIA	frequência	%	classificação
carrocinha como instrumento de proteção da saúde humana	13	46,43%	intermediária
percepção de que é o melhor para o animal	15	53,57%	predominante
total	28	100%	

As respostas que significam a carrocinha como uma medida que beneficia os animais, ou seja, um instrumento destinado principalmente ao bem estar dos cães e gatos recolhidos, somam 53,57% e foram classificadas como uma categoria predominante no conteúdo das mensagens dos OCA.

“Imagina se deixasse continuar sofrendo, com a doença que ele está. Seria muito pior.”

“...porque é para os animais pararem de sofrer. Tem uns que já ficam gemendo no canil de tanta dor, isso é para acabar com o sofrimento deles.”

“É importante para os animais que ficam ai nas ruas abandonados, trazem pra cá e tem a chance de serem adotados.”

“com o passar do tempo eu fui vendo que aquilo, querendo ou não, era pro bem do animal. Porque na situação que ele está é melhor adiantar logo. Ele já tá sofrendo demais.”

“Sei que aquilo não é um ato de maldade. Não foi pelo mal do animal.”

A carrocinha apresentada como um instrumento de prevenção e proteção da saúde dos seres humanos representou 46,43% das respostas sobre o tema e constituiu uma categoria classificada como intermediária.

“A carrocinha ajuda a população, evitando que peguem raiva, peguem outras doenças transmitidas pelos gatos e cachorros. Também é importante para segurança das pessoas.”

“Ajuda a livrar a população das doenças que os animais transmitem.”

“Ela é importante porque se não existisse ia ser uma doídice com um monte de bicho na rua levando doença pra população.”

“É importante demais porque recolhe os animais doentes que a população denuncia. Os animais agressivos que nem os donos conseguem pegar.”

A tabela 03 apresenta a distribuição das respostas dos entrevistados que tiveram como objeto “O QUE AS PESSOAS FALAM DA CARROCINHA”, ou seja, as respostas expressam o que os Oficiais de Controle Animal percebem acerca da opinião ou sentimentos da população a respeito do trabalho deles.

TABELA 03: Distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA relacionadas ao objeto “O QUE AS PESSOAS FALAM SOBRE A CARROCINHA”. Recife. 2012

CATEGORIA	frequência	%	classificação
rejeição	20	60,61%	predominante
preocupação com a opinião pública	08	24,24%	periférico
aceitação por parte das pessoas	05	15,15%	periférico
TOTAL	33	100%	

O sentimento predominante, expresso em 60,61% das respostas desse grupo, é o de rejeição por parte da população da cidade, ou seja, os OCA percebem que a sua função é mal vista pela comunidade.

“Eu passo na rua ai meus amigos gritam: lá vai o matador de cachorro.”

“...dizem 'mata não rapaz, deixa o outro viver em paz!'”

“Dizem que eu sou assassino.”

“Me chamaram de carniceiro.”

“O que pensar de ruim já disseram com a gente.”

“Dizem: 'lá vai o cachorro atrás de outro cachorro'. Acham engraçado o que eu faço.”

“já ouvi várias piadinhas: 'vai fazer os cachorros virarem sabão', deixa o bichinho, rapaz'”

24, 24% das respostas desse grupo demonstram a preocupação dos OCA a cerca da opinião pública, especialmente dos familiares e amigos.

“(Explico) De uma forma que não choque.”

“Digo que sou tratador de animais e não entro em muitos detalhes.”

“Eu digo que recolho animais, mas que não faço a eutanásia, porque eu sou contra.”

No entanto, 15,15% das respostas sobre a percepção das outras pessoas sobre o trabalho deles, afirmam que a população aceita o serviço e até elogiam.

“...hoje em dia dão até os parabéns pra gente na rua.”

“...tanto que é o povo mesmo que liga pra cá solicitando que a carrocinha saia pra ir buscar.”

“Dizem que é um trabalho muito bom, que ganha bem. As vezes me perguntam se tem vaga. Eles também queriam fazer o que eu faço.”

O quarto grupo de respostas, cuja distribuição é descrita na Tabela 4, tem como objeto de análise “O QUE FALAM DE SUA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS APREENDIDOS”. Estas respostas exprimem sentimentos, preocupações e teorizações dos OCA a respeito de seu objeto de trabalho, os cães e gatos.

TABELA 04: Distribuição das respostas dos Oficiais de Controle Animal – OCA relacionadas ao objeto “O QUE FALAM DE SUA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS APREENDIDOS”. Recife. 2012

CATEGORIA	frequência	%	classificação
percepções sobre o sofrimento dos animais	19	35,19%	intermediária
tristeza, pena	18	33,33%	intermediária
sentimento de apego aos animais	12	22,22%	periférica
culpabilização da população sobre o descuido com os animais	05	9,26%	periférica
TOTAL	54	100%	

As respostas mais frequentes desse grupo, que correspondem a 35,19%, expressam que os Oficiais de Controle Animal percebem manifestações de sofrimento nos animais durante os procedimentos que executam.

“Só tem umas coisas difíceis que é de ver os animais sofrendo.”

“o animal fica mais acuado, estranho, ou então fica muito mais brabo. Ele esperneia. Por essa reação deles, é que eu noto que ele tá sofrendo de está passando por aquilo ali.”

“Eles ficam mais agitados. Dá pra perceber que eles estão sofrendo pelo gesto diferente do normal. Eles fazem uns sons diferentes, olham diferente.”

“Todos nós que trabalhamos com bicho percebemos.Na hora que passa o laço ou na hora que aplica a injeção eles chega soltam lagrimas. Você vê o rosto de tristeza.”

“Eles ficam tristes, sentem falta da liberdade deles.”

“Na espera pela eutanásia eu noto o sofrimento maior porque eles sentem falta da antiga vida deles. Dos proprietários deles, os que vivem na rua sentem falta da liberdade, ai eles já ficam triste. Não sei se é sofrendo porque vai ser sacrificado ou se é pelas mudanças. Mas que noto (sofrimento), eu noto.”

Até como resposta à percepção do sofrimento dos animais, um número considerável das respostas desse grupo, 33, 33% , faz referência ao sentimento de compaixão, pena dos animais apreendidos.

“Eu sinto pena. Não tem como não sentir.”

“Fico muito triste porque mesmo doente, é uma vida que tá indo embora.”

“O coração fica angustiado, mas tô aqui pra isso também.”

“São dois sentimentos. Tristeza, porque eu adoro animais e alívio porque eles não vão mais sofrer.”

Algumas respostas desse grupo, 9,26%, portanto uma categoria periférica, culpabilizam os antigos proprietários e a população por este sofrimento dos animais.

“Eu não sinto nada. Quem tinha que sentir era o dono ,que deixou o animal chegar naquela condição.”

“É muita maldade que eles sofrem,que os donos dos animais deixam eles ficarem sofrendo assim.”

“Porque as pessoas que conseguem pensar maltratam os animais que não podem se defender e os animais que nem pensam, as vezes fazem coisas que nem um homem faz.”

Outra categoria classificada como periférica nesse grupo, uma vez que representa 22,22% do total, refere-se ao sentimento de apego desenvolvido pelos OCA aos animais apreendidos e que passam algum tempo no CVA.

“É diferente de outras profissões porque tem as partes que mexe mais com a emoção da gente. Às vezes a gente se apega a alguns animais.”

“Bem porque pego mais amor aos animais, já que eu sempre gostei deles.”

“Tentamos fazer muita coisa para aquele animal ser adotado.”

DISCUSSÃO

“Que gente é essa?”. Trabalhar na carrocinha, provavelmente, nunca foi o emprego dos sonhos de ninguém. De onde vêm então os chamados “Homens da Carrocinha”? As entrevistas dos Oficiais de Controle Animal – OCA do Centro de Vigilância Ambiental do Recife – CVA, deixam transparecer a casualidade da profissão. São homens simples que encontraram no órgão a oportunidade de um emprego, ou que foram transferidos, alheios à sua vontade, de outra atividade no setor público.

O fato de não terem escolhido a atividade, não implica, obrigatoriamente, em insatisfação. Pelo contrário, o conteúdo das entrevistas demonstra apreço e em alguns casos até orgulho pelo que fazem. Ter um emprego, uma fonte de renda honesta, quando tantos em seus ambientes de convivência não o possuem, já parece ser um motivo suficiente para essa satisfação, mas as respostas ainda apontam outras razões: “nenhuma captura é igual à outra”, ou seja, não existe rotina; é um trabalho diferente da maioria dos empregos, o que lhe agrega um diferencial; e trabalhar em contato com animais; são algumas das razões referidas como causa dessa satisfação.

No entanto, a razão mais citada, aquilo que nas respostas dos OCAS parece ser o principal motivo desse apreço pela profissão, é o sentimento de altruísmo, ou seja, a certeza de estarem sendo útil à própria comunidade, mesmo que, como eles próprios referenciam e que trataremos mais adiante, as pessoas nem sempre entendam dessa forma.

Esse sentimento, entre os OCA, de que o seu trabalho é benéfico à população, parece estar ancorado nas informações recebidas de seus superiores hierárquicos, em sua maioria Médicos Veterinários. Ou seja, o conhecimento reificado, científico, chega até eles através da convivência com profissionais com maior formação acadêmica, dos treinamentos e capacitações, dos materiais educativos produzidos pela própria instituição, e por outros meios, e são coletivamente incorporados a seu repertório de conhecimentos, ou seja, ganham significados e passam a justificar suas atitudes, seus julgamentos, suas respostas. Tal processo de construção do senso comum é o que Moscovici (2007) denomina de ancoragem. A necessidade de justificar socialmente a sua atividade profissional encontra-se na base desse processo de construção da representação de sua profissão como uma atividade benéfica, como uma prestação de serviço importante para a população^{18,22,23,24}.

No entanto, apesar da percepção de que trabalhar na carrocinha lhe confere um status de benfeitor da população, quando os OCA teorizam sobre os objetivos dos procedimentos da carrocinha, o enfoque tende a ser mais zoocêntrico, ou seja, o conteúdo das respostas prende-se mais às consequências da atividade para os animais, e menos para os humanos.

O objeto de trabalho diário dos OCA é o animal apreendido. Os procedimentos de captura, remoção e sacrifício desses animais, que constituem a base do trabalho desses profissionais, trazem em si certa carga de violência¹⁵. Quando as respostas dos

entrevistados fazem referência à sua relação com os animais apreendidos, é, portanto, predominante (tabela 4) a categoria de respostas que atestam a percepção de sofrimento entre os animais, ou seja, os OCA reconhecem que os procedimentos adotados provocam, em maior ou menor grau, dor, estresse e sofrimento, que são traduzidos por latidos, choro, gritos ou apatia e depressão. Em consequência dessa percepção, também é predominante a categoria de respostas que expressam o sentimento de compaixão, de pena do OCA em relação aos animais sob seus cuidados. Algumas respostas, mesmo sendo uma categoria periférica, demonstram uma relação de apego, de afeição, aos animais sob seus cuidados, mesmo sendo essa uma relação de curta duração, um fenômeno semelhante ao referenciado por Porcher (2004), em seu estudo sobre as relações dos pecuaristas com os seus animais de abate ³³.

Torna-se patente, então, nas respostas dos OCA o conflito ético que esses profissionais experimentam: estão entre a obrigação de defender a vida e a saúde das pessoas e o ato violento de cercear ou privar de vida os animais abandonados ou que representam risco à população ¹⁵.

É de se esperar que o trabalho nessas condições trouxesse sofrimento e, mesmo que velado, sentimentos de culpa ¹⁵. Sendo assim, mais uma vez a necessidade de justificar, de explicar seu trabalho, sua conduta, é a motivação do processo de elaboração de uma representação social da carrocinha e de suas práticas sociais para essa categoria ^{18,20,22,23,24}. E é também aceitável, que o foco principal dessa representação seja o animal “violentado”, e menos a população humana.

Observamos, então, que é predominante nas respostas que se preocupam em explicar o objetivo da carrocinha (Tabela 02), a percepção de que esta existe para minimizar o sofrimento dos animais em situação de risco, de protegê-los e até mesmo

como uma possibilidade de salvação, tendo em vista que estes poderiam ser adotados. A carrocinha é, pois, representada pelos OCA como um instrumento de proteção para os animais, ancorada na visão de que a presença desses animais abandonados nas ruas, mais que um risco para os seres humanos, é motivo de sofrimento e risco para os próprios animais.

Apesar de não ser uma visão predominante, as respostas dos OCA também percebem a carrocinha como uma medida de proteção e prevenção da saúde humana, uma vez que, retirando os animais abandonados das ruas e da convivência com as pessoas, pretende-se minimizar riscos de transmissão de doenças, as zoonoses, acidentes e agressões. Esta é uma percepção também ancorada nas informações traduzidas do universo reificado pela própria instituição e incorporado ao discurso dos OCA justificando a representação de si próprios como benfeitor da comunidade.

A contradição entre a autoimagem dos OCA, representado como um profissional dedicado ao bem estar das pessoas, e a heteroimagem percebidas por eles de si próprios, é evidente quando o conteúdo das respostas referencia a percepção destes sobre o que a população fala e pensa deles e de seu trabalho ³⁴.

. É marcadamente predominante o sentimento de rejeição que eles percebem da comunidade em relação à carrocinha, e que se estende a eles, enquanto agentes operacionais desta. O Oficial de Controle Animal, que no imaginário da população continua sendo objetivado como o “homem da carrocinha”, é um profissional estigmatizado. O ato violento da captura e, principalmente, do sacrifício é condenado pela população e nessa rejeição objeto de trabalho e trabalhador se confundem, tornando o profissional o alvo do estigma, da má fama. Situações semelhantes foram estudadas por Portilho (2006) e Carvalho (2004) que analisaram o estigma sobre o gari e o “catador de

lixo”, e também por Vasconcelos (2000) que estudou as relações de trabalho dos Agentes Penitenciários no Rio de Janeiro^{35, 36, 37}.

Na literatura, de forma especial a literatura infantil, nos filmes, nas músicas, a figura do trabalhador da carrocinha é quase sempre caricaturada como um indivíduo com feições raivosas, feias e com tendência ao ridículo. São bons exemplos dessa caracterização o clássico de Walt Disney “A Dama e o Vagabundo”³⁸ e a “Cantiga de Roda” cujo texto ilustra o título desse estudo “A carrocinha pegou três cachorros de uma vez....que gente é essa? Que gente má”.

Nas entrevistas os OCA referem se a situações de agressões verbais, e até mesmo físicas, sofridas, com muita frequência, no exercício diário de sua atividade, bem como os comentários e piadas de que são alvo, até mesmo das pessoas que lhes são mais próximas, familiares e amigos.

Ancorado por todos esses fatos e elementos mencionados, os OCA representam a si próprios como um trabalhador injustamente rejeitado, estigmatizado e perseguido. Para eles, a comunidade a quem servem os objetiva como o “homem mau da carrocinha”, aquele que “mata cachorros pra fazer sabão”, “o carniceiro”.

Mesmo sendo uma categoria de respostas classificada como periférica, está presente nas entrevistas dos OCA a preocupação com a opinião pública, ou seja, alguns relatos deixam transparecer a necessidade de justificar as atividades que realizam, talvez na tentativa de minimizar o impacto das avaliações negativas que sofrem da comunidade. Outra categoria de resposta, também periférica, faz referência, com visível satisfação, sobre a aprovação de parte da população ao trabalho desenvolvido pela carrocinha. Podemos entender que ambas as categorias só confirmam que o estigma é causa de sofrimento para a categoria ¹⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo nos leva a concluir que os Oficiais de Controle Animal – OCA do CVA do Recife constroem uma representação social, sobre o seu trabalho, seus objetos e objetivos e acerca de sua imagem pública, com elementos aparentemente contraditórios:

- Eles se auto-representam como profissionais benfeitores da população, ou seja, prestadores de um serviço importante e essencial para a comunidade.
- A “carrocinha”, isto é, o serviço de apreensão, remoção e sacrifício dos animais em situação de abandono ou que representam risco à saúde das pessoas, é representada como uma medida de promoção e proteção do bem estar desses animais, ou seja, entendem a carrocinha muito mais como uma ferramenta que abrevia ou alivia o sofrimento dos animais, que mesmo a sua função de proteção da saúde humana;
- Os OCA têm clareza do sofrimento imposto aos animais por estas medidas, e por esta razão sofrem também;
- E finalmente, os OCA entendem-se como uma categoria estigmatizada, rejeitada pela comunidade em função de seus métodos de trabalho. Esta é a representação social que induz mais fortemente sua conduta, seus julgamentos e preocupações;

Diante deste mosaico complexo, entendemos que a Teoria das Representações Sociais constitui uma ferramenta importante para conhecer a gênese do senso comum da categoria sobre seu trabalho e sua relação com as pessoas e os animais, perceber a influência deste nas práticas diárias dos OCA, nos seus julgamentos e sentimentos.

O estudo aponta também a necessidade urgente de cuidar-se da saúde mental e do bem estar destes trabalhadores que vivem permanentemente em situação de conflito:

conflito entre o dever e o sentimento; a vida humana e a vida animal; a aceitação e a rejeição da comunidade, enfim, um complexo conflito ético e moral com consequências importantes para a sua saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Lima Júnior, A.D. Caracterização da população canina para o controle da raiva e outros problemas de saúde pública. **Ciência Veterinária nos Trópicos**. Recife, Jan-Abr,1999. V.2, n.1.p.65-78.
2. Acha, P.N., Szyfres, B. **Zoonosis y enfermedades transmisibles comunes al hombre y a los animales**. Organizacion Panamericana de la Salud. 2ª ed. Washington. 1986.
3. Shimozako, H.J. **Otimização da técnica de captura – recaptura fotográfica para estimação da população canina livre em vias públicas**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina. Universidade de São Paulo. 2008
4. *Pfuetzenreiter, M.R., Zylbersztajn, A., Avila-Pires, F.D. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. **Ciência Rural**, Santa Maria, 2004. v.34, n.5, p.1661-1668, set-out.*
5. Dantas – Torres, F. & Brandão Filho, S.P. Expansão geográfica da leishmaniose visceral no Estado de Pernambuco. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**. 2006.39(4):352-356.
6. *Lages.S.L.S. Avaliação da população de cães e gatos com proprietário, e do nível de conhecimento sobre a raiva e posse responsável em duas áreas contrastantes da cidade de Jaboticabal, São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Jaboticabal. 2009

7. Ciampo, L.A.D., ricco, R.G., almeida, C.A.N., bonilha, L.R.C.M. Acidentes com animais domésticos na infância e adolescência. **Revista de Pediatria. V 22(4).** São Paulo.2000
8. Secretaria de Vigilância em Saúde – SVS/MS. **Boletim epidemiológico eletrônico.** Ano 10. N.2. 2010.
9. *Almeida e Souza, M.F.* Controle de populações caninas: considerações técnicas e éticas. **Revista Brasileira de Direito Animal.** 2001. Ano 6 . Volume 8. Jan – Jun.
10. FUNASA. Ministério da Saúde. Diretrizes para projetos físicos de unidades de controle de zoonoses e fatores biológicos de risco. – Brasília, 2003. 44 p.
11. WHO. **Guias para el Manejo de la Poblacion Canina.** Ginebra,1990. 128p.
12. Nociti, D.L.P., Nociti, R.P., Valeriano, S.P. Levantamento e identificação dos aspectos epidemiológicos da raiva canina no município de Cuiabá – MT. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.** São Paulo, 2011. vol.48 no.6
13. Molento, C.F.M. Bem-estar animal: qual é a novidade? **Acta Scientiae Veterinariae.** 2007. 35(Supl 2): s224-s226.
14. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Curso de formação de oficiais de controle animal: nova perspectiva nos serviços de controle de zoonoses do Estado de São Paulo. Informe Técnico Institucional. **Rev Saúde Pública** 2009;43(3):558-60
15. Hur, D.U., Oliveira, I.C., Koda, M. Y. Sofrimento Psíquico em uma instituição pública: entre o cuidado e a violência. **Vínculo – Revista do NESME,** 2008. v. 1, n. 5, pp. 01-99.
16. Peracho, V, VillalbiI, J.R., Llebaria, X., Armengou, J.M., Guix, J. De la perrera municipal al centro de acogida de animales de compañía de Barcelona. **Gac Sanit** . 17(6):515-9. Barcelona, Espanha. 2003.

17. CFMV. Resolução nº 1000 de 11 de maio de 2012. Disponível em http://www.cfmv.org.br/porta1/legislacao_resolucoes.php. Acessado em 10 de julho de 2012.
18. Moscovici, S. **Representações sociais** – investigações em psicologia social.. Vozes. Petrópolis, RJ. 2007
19. *Bardin, L. Análise de conteúdo*. Ed. 70. 2010
20. Trindade, Z.A., Santos, M.F.S., Almeida, A.M.O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: Almeida, A.M.O., Santos, M.F.S., Trindade, Z.A. (Orgs.) **Teoria das representações sociais – 50 anos**. Technopolitik. Brasília. 2011.
21. Herzlich C. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, 15(Suplemento):57-70. Rio de Janeiro. 2005
22. Santos, M.F.S. A teoria das representações sociais. In: Santos, M.F.S., Almeida, L.M. **Diálogos com a teoria da representação social**. Ed. Universitária da UFPE. Recife, 2005.
23. Spíndula. D.H.P. Trindade, Z.A. Santos. M.F.S. Representações e práticas educativas de mães referentes a filhos atendidos pelo conselho tutelar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 2009. v. 14, n. 1, p. 137-147, jan./mar.
24. Jodelet, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. **As representações sociais**. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.
25. Sá, C. P.. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Ed UERJ. Rio de Janeiro. 1998

26. Praca, K. B. Diamico e Novaes, H.G.V. A representação social do trabalho do psicólogo. *Psicol. cienc. prof.*, jun. 2004, vol.24, no.2, p.32-47. ISSN 1414-9893.
27. Rubio, F.D. Teoria de lãs representaciones sociales.apuntes. **Nomadas- revista crítica de ciencias sociales y jurídicas**. N.3. enero-junio. Madrid- ESPANHA. 2001
28. Ordaz, O; Vala, J. Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. **Análise Social**, 1997. vol. XXXII (143-144);
29. Prefeitura da Cidade do Recife. **Plano municipal de saúde 1010-2013**. [acessado em 03.06.12] Disponível em <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/5916.pdf>
30. RECIFE. Secretaria de Saúde. Plano Municipal de Saúde – 2002/2005. Recife, 2002.
31. Guimarães, M. J. B. Mortalidade Infantil e Condição de Vida. Uma análise da desigualdade espacial no Recife. 1998. Dissertação de Mestrado em Saúde Materno Infantil. IMIP, Recife, 1998.
32. *Oliveira, D.C.* Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 16(4):569-76
33. Porcher. J. “Você liga demais para os sentimentos” “Bem-estar animal”, repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 035-044, Set./Dez. 2004
34. Gomes, A. M. T. & Oliveira, D. C. A auto e heteroimagem profissional do enfermeiro em saúde pública: um estudo de representações sociais. **Rev Latino-am Enfermagem** 2005. novembro-dezembro; 13(6):1011-8
www.eerp.usp.br/rlae

35. Portilho, F. Representações sociais de profissionais do lixo: para além de estigmas, repulsas e tabus. *in*: **Revista saúde e direitos humanos**. Ano 3, número 3. Brasília. 2006
36. Carvalho. E. **Representações sociais e práticas cotidianas de trabalhadores e trabalhadoras do lixo - a experiência do centro comunitário Santa Terezinha**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará.2004
37. Vasconelos. A.S.F. **“A Saúde sob Custódia: um estudo sobre Agentes de Segurança Penitenciária no Rio de Janeiro”**. Dissertação de Mestrado. CESTEHE. ENSP. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.2000
38. Walt Disney. A Dama e o Vagabundo. 1955. Direção de Clyde Geronimi. Filme. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mtjFTuJPvM> acessado em 06.06.2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todo ponto de vista é a vista de um ponto”, afirma sabiamente o teólogo Leonardo Boff. O ponto, o local social, de cada um dos sujeitos alvos deste estudo, e de cada um dos artigos, foi fundamental na construção das Representações Sociais por eles elaboradas.

Não que uma RS seja apenas um ponto de vista, uma opinião, mas sim um fenômeno sócio-cognitivo construído a partir de experiências pessoais e coletivas, informações advindas de diferentes fontes, valores morais e também de muitos sentimentos, o que torna inegável a influência da cultura, dos interesses em comum e das práticas sociais que compartilham (SÀ, 1998; JODELET, 2001; RUBIO, 2001, PRACA & NOVAES, 2004; TRINDADE, 1998b; ABRIC, 2001). Sobre o mesmo objeto, sujeitos distintos: representações diversas (HERZLICH, 2005).

O objeto “cão de rua”, no artigo I, foi representado pela população de ambos os gêneros e de todos os níveis de escolaridade, como uma vítima da irresponsabilidade dos proprietários, e que, por sua condição de abandono, por viver nas ruas, sem ninguém que o proteja ou supra suas necessidades, é digno de compaixão. Esta RS aproxima a população dos Oficiais de Controle Animal – OCA, que o representa da mesma forma (artigo III), e entendem que seu trabalho, a carrocinha, busca minimizar tal sofrimento.

O Artigo II, no entanto, demonstra que a RS expressa nas postagens dos Blogs das Entidades Protetoras de Animais, apesar de também se referir à insensibilidade de proprietários que abandonam seus cães, não considera a situação de abandono como a causa principal de sua compaixão. Como dito, a vida errante é referida, muitas vezes, de uma forma poética, e incluída dentre direitos dos animais. O Cão de rua, segundo as

mensagens explícitas ou implícitas dos sites, é digno de pena e compaixão, muito menos por viverem nas ruas, mas exatamente por estarem sujeitos à ação da carrocinha.

Outra distinção nas RS sobre o cão de rua para a população em geral e para as expressas nos blogs está na ênfase que o primeiro sujeito dedica ao caráter fator de risco à saúde, ou seja, a população representa o animal errante como uma ameaça à saúde, à segurança das pessoas e à higiene das ruas, enquanto as postagens relativizam esse risco e exaltam o direito à vida dos cães, mesmo que nas ruas.

A RS acima, mais uma vez aproxima população e os OCA. A Representação partilhada do cão de rua como risco à saúde e ao bem estar humano fundamenta o sentimento de benfeitores da comunidade alimentado por estes profissionais.

Confirmando o caráter orientador dos julgamentos e das condutas inerentes às Representações Sociais (MOSCOVICI,2007; ESPINDULA,2006), a população e os OCA admitem a carrocinha como medida de proteção à saúde humana, embora a primeira rejeite e condene o sacrifício dos animais capturados, e os sites das Entidades Protetoras elegem a carrocinha como a grande ameaça, o alvo de todas as suas atenções e revolta.

Embora o elemento principal no processo de ancoragem destas RS sobre o cão de rua seja o mesmo, isto é, o conceito de senciência, a ideia já não mais discutida de que os animais sentem e sofrem, as objetivações são diferentes. Imaginando a objetivação das RS da carrocinha como valorativamente pontuadas em uma escala que tem o bem e o mal como os dois pontos extremos, as RS dos OCA seriam objetivadas como “o bem”, as RS da população no ponto intermediário, como “um mal necessário”, e as RS das Ongs, como “o mal”. O local social, as práticas e crenças comuns, distinguem as representações, e consequentemente as condutas, os discernimentos (HERZLICH,2005).

As RS elaboradas por um grupo social influenciam e são influenciadas pelas RS de outro, sendo assim tanto a população quanto as postagens dos sites das Entidades Protetoras, representam o cão de rua como um problema do Governo, ou seja, da administração pública. A população, embora reconheça que o problema é gerado por ela própria, isto é, pelos proprietários que abandonam ou não exercem a guarda responsável de seus animais, não consegue se incluir como parte ativa na solução do problema, e creditam toda a responsabilidade à administração pública. Neste aspecto, fazem coro com as entidades protetoras de animais. As postagens dos blogs, ao elegerem a carrocinha como “mal maior”, apontam o governo municipal, que a mantém e a operacionaliza, como responsável por substituí-la por uma solução não violenta e a favor dos animais. Neste sentido, população e Entidades Protetoras defendem soluções e políticas públicas a serem normatizadas pelo Poder Legislativo e adotadas pelo Executivo, independente de estudos aprofundados de suas sustentabilidade, do ponto de vista econômico, ético e sanitário. Neste caso, as informações das Entidades Protetoras ancoram as RS da população, de que o cão de rua é um problema do governo. Já as RS expressas nos Blogs são ancoradas mesmo pelo sentimento e força de militância.

As RS sobre o cão de rua participam do processo de ancoragem das Representações sobre a carrocinha. Ora ancorando, ora sendo ancorada por elas.

As RS da população sobre o cão de rua, como digno de compaixão, mas também um risco à saúde humana, justificam a aceitação da carrocinha como uma medida de prevenção e proteção da saúde coletiva, cujos serviços são, inclusive, demandados pela própria comunidade, porém, estão ancoradas também no sentimento comum de defesa da fragilidade, incorporando a rejeição ao sacrifício dos animais. A dualidade do sim à carrocinha e não ao sacrifício, são frutos das experiências e observações cotidianas nas

ruas e do acesso às informações do conhecimento reificado, veiculados e “traduzidos” pelos meios de comunicação e pela militância das entidades protetoras dos animais.

Para os OCA, que compartilham com a população o sentimento de compaixão pelos animais abandonados, a carrocinha é representada muito mais como um mecanismo de proteção, alívio e minimização do sofrimento dos cães, do que um instrumento de saúde pública, a favor do bem estar humano.

Se a RS dos OCA acerca da carrocinha ainda encontra alguma intercessão com a representação elaborada pela população, o mesmo não pode ser dito com relação à RS da carrocinha expressa nos sites das Entidades Protetoras de animais. Os blogs representam a carrocinha como um grande desserviço à população e um instrumento de tortura, de maldade, sem nenhuma explicação aceitável, contra os animais. Eis então a causa primária do conflito que envolve a questão. Tal RS justifica o comportamento aguerrido, e por vezes agressivo, da militância protetora dos animais contra a carrocinha e contra a instituição e os profissionais por ela responsáveis.

Por sua vez, a ação ostensiva das Entidades Protetoras dos animais, cujo discurso e cuja causa é bem mais palatável à população que a justificativa técnica fornecida pelo CVA para a captura e eutanásia, constitui um elemento fundamental no processo de ancoragem da Representação Social elaborada pelos OCA sobre eles mesmos, como uma categoria estigmatizada, rejeitada pela própria comunidade (HUR, 2008).

Mais uma vez o caráter indutor de condutas das RS, contribui para evidenciar e explicar o sofrimento psicológico comum aos que compõem profissões estigmatizadas, aos grupos excluídos e rejeitados (SÊGA, 2000; VASCONCELOS, 2000; CARVALHO, 2004; PORTILHO, 2006; HUR, 2008).

Harmonizar todo este complexo de Representações Sociais, sentimentos, interesses e comportamentos, não é uma atividade fácil. O conflito não se resolve com medidas simplistas, nem unilaterais. Contudo, o conhecimento destas distintas RS de cada um dos sujeitos sociais envolvidos, e a identificação dos elementos chaves que participam do processo de objetivação e ancoragem dessas RS, constitui-se, sem dúvidas, numa ferramenta poderosa para repensar práticas e objetivos.

As RS, ao mesmo tempo que induzem condutas e julgamentos, não são estáticas, pelo contrário, são mutáveis, permanentemente em formação (SILVA, 2005; SPINDULA, 2006, SANTOS, 2005, MOSCOVICI, 2007), e nisso reside a importância desse estudo: fornecer subsídios a quem tem por obrigação gerenciar estes conflitos, para, uma vez conhecendo RS e elementos que a ancoram, poder intervir ou influenciar sobre eles, planejando e gerenciando sob novos olhares as ações de prevenção e controle de zoonoses no Recife.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J.C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A.S.P. & OLIVEIRA, D.C. (orgs). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB. pp. 27-38

ACHA, P.N., SZYFRES, B. **Zoonosis y enfermedades transmisibles comunes al hombre y a los animales**. Organizacion Panamericana de la Salud. 2ª ed. Washington. 1986

ALMEIDA E SOUZA, M.F. Controle de populações caninas: considerações técnicas e éticas. **Revista Brasileira de Direito Animal**. Ano 6 . Volume 8. Jan – Jun. 2011

ALONSO, B.P.M. **Estudo dos casos de agressões por cães no município de Araraquara, Estado de São Paulo, Brasil**. Monografia de conclusão de Curso de Especialização em Saúde Pública da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual Paulista. UNESP. 2005

BELOTTO, A. J. **Situação da raiva no mundo e perspectivas de eliminação da raiva transmitida pelo cão na América Latina**. Disponível em: http://www.pasteur.saude.sp.gov.br/informacoes/anais/seminario_internacional/resumo_2_1.htm. Acesso em: 26 Dez .2011.

BORTOLOTTI, R., D' AGOSTINO, R.G. Ações pelo controle reprodutivo e posse responsável de animais domésticos interpretadas à luz do conceito de metacontingência. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento / Brazilian Journal of Behavior Analysis**, 2007, v ol. 3, no .1, 17-28

CARVALHO. E. **Representações sociais e práticas cotidianas de trabalhadores e trabalhadoras do lixo - a experiência do centro comunitário Santa Terezinha**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará.2004

FUNASA. Ministério da Saúde. Diretrizes para projetos físicos de unidades de controle de zoonoses e fatores biológicos de risco. – Brasília, 2003. 44 p.

GOMES, Luciana Hardt; MENEZES, Ricardo Fernandes de. Diagnóstico de serviços de controle de zoonoses no Estado de São Paulo. **BEPA, Bol. epidemiol. paul. (Online)**, São Paulo, v. 6, n. 72, dez. 2009 . Disponível em <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180642722009001200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 set. 2012.

HERZLICH, C. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, 15(Suplemento):57-70. Rio de Janeiro. 2005

HUR, D.U., OLIVEIRA, I.C., KODA, M. Y. Sofrimento Psíquico em uma instituição pública: entre o cuidado e a violência. **Vínculo – Revista do NESME**, v. 1, n. 5, pp. 01-99. 2008

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

LAGES.S.L.S. Avaliação da população de cães e gatos com proprietário, e do nível de conhecimento sobre a raiva e posse responsável em duas áreas contrastantes da cidade de Jaboticabal, São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Jaboticabal. 2009

MOLENTO, C.F.M. Bem-estar animal: qual é a novidade? **Acta Scientiae Veterinariae**. 35(Supl 2): s224-s226, 2007.

NOCITI, D.L.P., NOCITI, R.P., VALERIANO, S.P. Levantamento e identificação dos aspectos epidemiológicos da raiva canina no município de Cuiabá – MT. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.** vol.48 no.6 São Paulo 2011

ORDAZ, O; VALA, J. Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. **Análise Social**, 1997. vol. XXXII (143-144);

PFUETZENREITER et al. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. **Ciência Rural**, v.34, N 5, P. 1661-1668. Set – Out. Santa Maria. 2004.

PORTILHO, F. Representações sociais de profissionais do lixo: para além de estigmas, repulsas e tabus. *in*: **Revista saúde e direitos humanos**. Ano 3, número 3. Brasília. 2006

PRACA, K. B. DIAMICO E NOVAES, H.G.V. A representação social do trabalho do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, jun. 2004, vol.24, no.2, p.32-47. ISSN 1414-9893.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REY, F.G. Subjetividade social, sujeto y representaciones sociales. **Revista Diversitas- perspectivas en psicologia**. V.4.n.2. Colômbia, 2008.

RUBIO, F.D. Teoria de las representaciones sociales.apuntes. **Nomadas- revista crítica de ciencias sociales y jurídicas**. N.3. enero-junio. Madrid- ESPANHA. 2001

SÁ, C. P.. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. EdUERJ. Rio de Janeiro. 1998

SANTOS, M.F.S. A teoria das representações sociais. In: SANTOS, M.F.S., ALMEIDA, L.M. **Diálogos com a teoria da representação social**. Ed. Universitária da UFPE. Recife, 2005.

SÊGA, R.A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Moscovici. **Anos 90**, n.13. 2000

SPÍNDULA. D.H.P. TRINDADE, Z.A. SANTOS. M.F.S. Representações e práticas educativas de mães referentes a filhos atendidos pelo conselho tutelar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 2009. v. 14, n. 1, p. 137-147, jan./mar.

TAYLOR LH, LATHAM SM, WOOLHOUSE ME. Risk factors for human disease emergence. *Philosophical transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological sciences*. 2001;356(1411):983-9

Trindade, Z.A. (1998b). Reflexão sobre o estatuto das práticas na teoria das representações sociais. *Anais do Simpósio Internacional sobre representações sociais: questões epistemológicas*, vol. 1, Natal-RN, 18-28.

TRINDADE, Z.A. Representação social: modo de conhecer” no cenário da saúde. Em CAMINO, C. TRINDADE, Z. A. (Orgs), **Cognição social e juízo moral** (pp. 45 – 59). ANPEPP. Rio de Janeiro. 1996

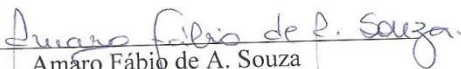
VASCONELOS. A.S.F. “**A Saúde sob Custódia: um estudo sobre Agentes de Segurança Penitenciária no Rio de Janeiro**”. Dissertação de Mestrado. CESTEJ. ENSP. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2000

WHO. **Guias para el Manejo de la Poblacion Canina**, 1990, Ginebra, 128p.

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaro que tenho conhecimento e concordo com as entrevistas que serão realizadas junto aos Oficiais de Controle Animal e Médicos Veterinários do Centro de Vigilância Ambiental do Recife no âmbito da pesquisa intitulada: “A CARROCINHA PEGOU: Um estudo das Representações Sociais da captura e eutanásia de animais de rua para a população do Recife-PE”, realizadas por João Alves do Nascimento Júnior aluno do Programa de Pós Graduação- nível doutorado – da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Recife, 10 de Outubro de 2011


Amaro Fábio de A. Souza
Gerente do Centro de Vigilância Ambiental/ SMS/Recife

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE **ÉTICA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
COMITÊ DE ÉTICA E ESTUDOS EM HUMANOS E ANIMAIS - CEEHA

Prezado pesquisador,

É com satisfação que informamos formalmente ao V.º Sr. que o projeto "**A CARROCINHA PEGOU: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CAPTURA E EUTANÁSIA DE ANIMAIS DE RUA PARA A POPULAÇÃO DO RECIFE-PE**" foi aprovado pelo Comitê de Ética e Estudos em Humanos e Animais (CEEHA) em reunião ordinária realizada no dia 30 de novembro de 2011. A partir de agora, portanto, V.º Sr. pode dar início à fase prática ou experimental de vosso projeto. Informamos ainda que no prazo máximo de 1 (um) ano, a contar da data desse documento, deverá ser enviado a esse Comitê um relatório sucinto sobre o andamento da presente pesquisa. Informamos que para efeito de publicação, o presente projeto encontra-se registrado sob o nº de protocolo 0007/301111 CEEHA/UNIVASF.

Pesquisadora responsável: **JOÃO ALVES DO NASCIMENTO JUNIOR**

Data da entrada: **27/10/2011**

Petrolina-PE, 01 de dezembro de 2011.

(Alexandre H. Reis)
Coordenador CEEHA/UNIVASF

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Concordo em participar do projeto de pesquisa abaixo discriminado, nos seguintes termos:

Projeto: “A Carrocinha pegou....” Um estudo das representações sociais da captura e eutanásia de animais de rua para a população do Recife-PE.

Responsável: Prof^ª Dr^ª Zeidi Araujo Trindade

Responsável pela coleta dos dados: Doutorando João Alves do Nascimento Júnior

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Universidade Federal do Espírito Santo-UFES)

Justificativa e objetivo da pesquisa:

Torna-se muito relevante, ou mesmo essencial, compreender as representações sociais que os diversos segmentos da população de uma cidade têm sobre as ações de controle de zoonoses, mais especificamente sobre a captura e eutanásia de cães de rua, feitas pela “carrocinha”, e sobre o Laçador de cães, no sentido de entender suas respostas e reações, e com elas subsidiar o planejamento e adoção de novos paradigmas nas atividades de prevenção e controle destas doenças, ou seja, repensar o papel e o significado da “carrocinha” no controle populacional de animais no espaço urbano..

Procedimentos a que o sujeito será submetido:

- Serão realizadas entrevistas junto aos profissionais responsáveis pela captura de cães errantes, os “laçadores” e junto a pessoas moradoras da Cidade do Recife-PE;
- A todo e a qualquer momento os participantes da pesquisa poderão desistir de participar desta;
- Fica assegurado o anonimato dos participantes da pesquisa;

Benefícios esperados:

Os resultados da pesquisa serão divulgados através da participação em congressos e publicação de artigos em periódicos especializados, no intento de contribuir para a ampliação do corpo de conhecimentos sobre as práticas de controle de zoonoses e populações animais urbanas desenvolvidas em nossa sociedade. Espera-se ainda que, a partir dos resultados obtidos, sejam gerados subsídios para a implementação de projetos de intervenção e elaboração de políticas públicas relacionadas ao tema.

PROTOCOLO DE ENTREVISTAS

Participante

R.G

Responsável pelo projeto

R.G

ETAPA I : Laçadores**NOME:****SEXO:** ()F ()M **DATA DE NASCIMENTO:** ____/____/____**CIDADE:** _____ **UF:** ____**RENDA FAM. MENSAL:** R\$ _____**ESTADO CIVIL:** _____**DADOS SÓCIO-CULTURAIS****ESCOLARIDADE:** fundamental incompleto fundamental completo médio incompleto médio completo superior incompleto superior completo pós-graduado**VOCÊ CRIA ALGUM ANIMAL DOMÉSTICO EM CASA?****DADOS PROFISSIONAIS****QUAL A SUA FUNÇÃO NO CENTRO DE VIGILÂNCIA AMBIENTAL - CVA?****HA QUANTO TEMPO ATUA NESSE TRABALHO?****POR FAVOR, FAÇA UMA BREVE DESCRIÇÃO DO SEU DIA A DIA DENTRO DO CVA.****COMO VOCÊ EXPLICA SEU TRABALHO A SEUS FAMILIARES E AMIGOS?****VOCÊ POSSUI OUTRO(S) EMPREGO(S) OU OUTRA(S) FONTE(S) DE RENDA?****PORQUE ESCOLHEU ESSA PROFISSÃO?****PORQUE EXISTE A CARROCINHA? ELA É IMPORTANTE? PORQUE?**

DE ONDE VOCÊ OBTVEVE ESSAS INFORMAÇÕES?

COMO VOCÊ SE SENTE ATUANDO NESSA ?

VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE AGRESSÃO FÍSICA OU VERBAL NA RUA, DURANTE SEU TRABALHO? QUAL FOI SUA REAÇÃO?

O QUE VOCÊ ENTENDE POR BEM ESTAR ANIMAL?

VOCÊ CONSEGUE PERCEBER SE O ANIMAL SOFRE OU NÃO DURANTE O ATO DA CAPTURA?E NO PERÍODO EM QUE ESTÁ NO CVA AGUARDANDO RESGATE OU A EUTANÁSIA (SACRIFICIO)?

QUAL O MÉTODO UTILIZADO PARA A EUTANÁSIA (SACRIFICIO) DOS ANIMAIS NO CVA?

VOCÊ ESTÁ PRESENTE NO MOMENTO DA EUTANÁSIA (SACRIFICIO) ? QUAL SUA FUNÇÃO NESSE MOMENTO?

QUE SENTIMENTOS ESSE MOMENTO LHE TRAZ?

DESCREVA COMO AS PESSOAS DE SEU CNVÍVIO (FAMILIARES E AMIGOS) REFEREM-SE A SEU TRABALHO?

O QUE GOSTARIA DE ACRESCENTAR A ESTA ENTREVISTA SOBRE SEU TRABALHO? E SOBRE SEUS SENTIMENTOS EM RELAÇÃO A ELE?

PROTOCOLO DE ENTREVISTAS**ETAPA II: POPULAÇÃO**

NOME: _____

SEXO: () F () M DATA DE NASCIMENTO ____/____/____

CIDADE: _____ UF: _____

RENDA FAM. MENSAL: R\$ _____

ESTADO CIVIL: _____

FILHOS: SIM () NÃO() QUANTOS? _____

DADOS SÓCIO-CULTURAIS**ESCOLARIDADE:**

[] fundamental incompleto

[] fundamental completo

[] médio incompleto

[] médio completo

[] superior incompleto

[] superior completo

[] pós-graduado

VOCÊ POSSUI CÃES OU GATOS EM CASA? QUAL SUA RELAÇÃO E SEUS SENTIMENTOS EM RELAÇÃO A ELES?**VOCÊ PERCEBE EM SUA CIDADE A EXISTÊNCIA DE CÃES E GATOS SEM DONOS (ANIMAIS DE RUA) ?****QUAL SEUS SENTIMENTOS EM RELAÇÃO A ESSES ANIMAIS (OS CÃES E GATOS DE RUA)?****VOCÊ ACHA QUE ESSES ANIMAIS (CÃES E GATOS DE RUA) PODEM TRAZER ALGUM RISCO À SAÚDE DAS PESSOAS OU ALGUM TIPO DE PREJUÍZO ?****DE ONDE VÊM OS CÃES E GATOS DE RUA? COMO ELES SURGEM NAS RUAS DA CIDADE?****VOCÊ ACHA QUE A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA TEM ALGUMA RESPONSABILIDADE COM RELAÇÃO A ESSES ANIMAIS? QUAL?**

E AS PESSOAS, A SOCIEDADE DE UMA FORMA GERAL, TÊM ALGUMA RESPONSABILIDADE COM RELAÇÃO A ESSES ANIMAIS? QUAL?

VOCÊ JÁ VIU UMA “CARROCINHA” QUE CAPTURA ANIMAIS DE RUA?

VOCÊ SABE O QUE É UMA “CARROCINHA”?

QUAL A FINALIDADE DELA?

VOCÊ CONSIDERA QUE A CARROCINHA É NECESSÁRIA? OU NÃO DEVERIA EXISTIR? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.

SE VOCÊ TIVESSE ESSE PODER EXTINGUIRIA A CARROCINHA EM SUA CIDADE? PORQUE?

VOCÊ CONSIDERA QUE A CARROCINHA É A ÚNICA FORMA DE CONTROLAR A POPULAÇÃO DE CÃES E GATOS DE RUA? SE NÃO, QUAIS SERIAM ESSAS OUTRAS FORMAS?

VOCÊ ACHA QUE A EXISTENCIA OU NÃO DA CARROCINHA INFLUI DE ALGUMA FORMA EM SUA VIDA?

ANTES DESSA ENTREVISTA VOCÊ JÁ PAROU ALGUMA VEZ PARA PENSAR SOBRE A CARROCINHA?

O QUE VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR SOBRE A CARROCINHA E QUE NÃO FOI QUESTINADO?

